UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CAMPUS CATALÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

AMANDA PIRES DE MESQUITA

RURAL E URBANO NA VILA DO DISTRITO DE PIRES BELO, MUNICÍPIO DE CATALÃO (GO): a vida cotidiana e a relação com o lugar

CATALÃO (GO)
2014

AMANDA PIRES DE MESQUITA

RURAL E URBANO NA VILA DO DISTRITO DE PIRES BELO, MUNICÍPIO DE CATALÃO (GO): a vida cotidiana e a relação com o lugar

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto sensu* em Geografia da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão como requisito para obtenção do título de mestre em Geografia.

Área de concentração: Geografia e Ordenamento do Território

Linha de Pesquisa: Trabalho e Movimentos Sociais

Orientadora: Profª. Dra. Estevane de Paula Pontes Mendes

CATALÃO (GO)

2014

TERMO DE APROVAÇÃO

Amanda Pires de Mesquita

RURAL E URBANO NA VILA DO DISTRITO DE PIRES BELO, MUNICÍPIO DE CATALÃO (GO): a vida cotidiana e a relação com o lugar

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Dra. Estevane de Paula Pontes Mendes
Orientadora e Presidente da Banca
Universidade Federal de Goiás
Campus Catalão - Geografia

Profª. Dra. Beatriz Soares Ribeiro
Membro Externo
Universidade Federal de Uberlândia
Geografia

Profª. Dra. Vera Lúcia Salazar Pessôa
Membro Interno
Universidade Federal de Goiás
Campus Catalão – Geografia

Aprovada em 30 de janeiro de 2014.

GEOGRAFIA
PPGGC-CAC/UFG

Aos meus pais, Joed e Lucrécia:
gente do campo; moradores da Vila.

AGRADECIMENTOS

Aos moradores da vila de Pires Belo que se dispuseram a partilhar suas histórias, suas experiências, a abrirem suas casas e a contribuir para a realização deste trabalho;

À minha orientadora, Professora Dra. Estevane de Paula Pontes Mendes por me orientar durante os seis anos que estive na UFG e por ser mais que uma orientadora, uma amiga que pude contar sempre. Foi uma honra estar com uma profissional tão competente todos esses anos;

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela concessão da bolsa;

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal, Campus Catalão;

Aos professores do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Geografia, em especial aos professores Dr. Idelvone Mendes Ferreira, Dr. Vera Lúcia Salazar Pessôa, Dr. João Donizete Lima, Dr. José Vieira Neto, Dr. Valdivino Borges de Lima, pelas boas aulas, pela ajuda e disposição sempre que necessárias;

À professora Dra. Vera Lúcia Salazar Pessôa e ao professor Dr. Glaucio José Marafon, por aceitarem o convite para participar da qualificação e pelas inúmeras e valorosas contribuições, sugestões e materiais de leitura os quais, sem dúvida, foram essenciais para a concretização desse trabalho;

Aos membros da banca de defesa, professora Dra Vera Lúcia Salazar Pessôa e professorar Dra Beatriz Ribeiro Soares;

Aos coordenadores do Núcleo de Estudos e Pesquisas Socioambientais (NEPSA), do qual sou membro a mais de cinco anos, por me incorporarem ao Núcleo e pelo apoio técnico indispensável à minha formação profissional. Não há palavras para descrever a contribuição, em minha vida acadêmica - e pessoal - que o NEPSA me proporcionou;

Aos colegas e amigos do NEPSA e do Mestrado em Geografia, em especial: Ozanir, Robson Lopes, Cristina, Marcelino, Diego, Hugo, Liliana e Wesley pelo companheirismo, pela mão sempre estendida, pelas boas risadas e por me incitar a seguir em frente;

Aos meus irmãos, Lívia e Joed Júnior, pela colaboração, auxílio, por tornarem

minha caminhada mais fácil e por sempre lutarmos juntos;

Aos meus pais Joed e Lucrécia por me apoiarem e lutarem para que eu tivesse um futuro melhor;

Aos meus amigos, em especial a Ozanir Lima quem esteve comigo desde a graduação, por sempre acreditar em mim e, sobretudo, por me convencer de que as coisas só acontecem quando tentamos. E que devemos tentá-las!

À todos, muito obrigada!

[...] Cabe ao geógrafo essa análise do cenário urbano, assim como a do cenário rural. E ela não poderia ser árida sob pretexto de ciência: deve exprimir a alma da cidade. O agrupamento urbano [...] não é hoje, sem dúvida, o que foi ontem [...]

Monbeig (2004)

RESUMO

As mudanças na relação sociedade-espaço alteraram o debate acadêmico em torno das interpretações sobre o campo e a cidade. As tradicionais divisões entre esses espaços foram renovadas a partir de eventos e ações que inserem e modificam o que até então era entendido como rural ou como urbano. Novos estudos sobre os pequenos núcleos urbanos se inserem nesse contexto, e devem realizar-se em face dessas novas abordagens, pois é ao entender o rural e o urbano como partes de um mesmo processo que se reconhece esses espaços. Assim, essa pesquisa surge da necessidade de compreender as atuais transformações ocorridas no campo e na cidade, as quais repercutem na organização e na constituição de novos espaços, com novas funcionalidades, dinâmicas e conteúdos. Os pequenos núcleos urbanos se traduzem a partir da compreensão da relação campo/cidade, visto que dependem de um sistema urbano regional e mantêm significativas relações com seu entorno rural. O ponto de partida para análise dos pequenos núcleos urbanos assenta-se nas dimensões que ultrapassam visões centradas nas atividades econômicas para reconhecer outras dimensões, como a vida cotidiana. O cotidiano é conceito essencial na interpretação dessas dinâmicas, e permite análises centradas no indivíduo e nas suas relações com o outro e com o lugar. A vila do distrito de Pires Belo, município de Catalão (GO) foi tomada como base empírica dessa pesquisa, considerada parte do sistema urbano brasileiro que apresenta um modo de vida rural. Particularidade que precisa ser considerada para conhecer a dinamicidade do processo de urbanização do país. Para compreender a relação entre o rural e o urbano na Vila de Pires Belo, por meio da vida cotidiana e da relação com o lugar dos moradores, discutiu-se sobre: rural/urbano; pequenos núcleos urbanos; vida cotidiana e lugar; modo de vida e cultura. Analisou-se documentos do IBGE (2001, 2010, 2012) leis e decretos (Lei Complementar nº 4/1990; Emenda Constitucional n° 15/1996; Lei Municipal nº 1.594/1997 dentre outras). Aplicou-se de roteiros de entrevistas semi-estruturados e abertos, observação não estruturada e registro fotográfico foi realizada em três momentos entre 2011 e 2013. A dissertação está organizada em quatro seções, além da introdução e das considerações finais que buscam contemplar os objetivos propostos ao considerar que o modo de vida da Vila é caracterizado por um conjunto de elementos materiais e imateriais, como as relações pessoais e as relações com o lugar, os quais traduzem em modos de vida específicos e determinam a forma de organização do espaço. Na Vila, a relação campo/cidade e os motivos de permanência de modos de vida rurais são encontrados na vida cotidiana, na qual, manifestam-se relações com as áreas rurais e se reconhece a cultura do lugar. A leitura do cotidiano da Vila permite reconhecer suas particularidades, e assim, os anseios da população.

Palavras-chave: Rural/urbano. Vida cotidiana. Modo de vida. Vila de Pires Belo, Catalão (GO).

ABSTRACT

Changes in the society-space relationship changed the academic debate surrounding the interpretations about the city and country. The traditional divisions between these spaces were renovated from events and actions that insert and modify what until then was perceived as rural or urban way. New studies on the small urban centers are inserted in this context, and should hold up in the face of these new approaches as it is to understand the rural and the urban parts of the same process that recognizes these spaces. Thus, this research arises from the need to understand the current changes in the field and in the city, which resonate in the Organization and Constitution of new spaces, with new features, and dynamic content. Small urban centers translates from the understanding the relationship field/city, seen that depend on a regional urban system and maintain meaningful relationships with its rural surroundings. The starting point for analysis of small urban centers relies on dimensions that go beyond visions focus on economic activities to recognize other dimensions, such as everyday life. The everyday is essential concept in the interpretation of these dynamics, and allows individual-centered analysis and in their relations with one another and with the place. The village of Pires Belo, municipality of Catalão (GO) was taken as empirical basis of this research, considered part of the Brazilian urban system that presents a rural way of life. Particularity that needs to be considered to meet the dynamism of urbanization process of the country. To understand the relationship between the rural and the urban in the village of Pires Belo, through the everyday life and the relationship with the place of the locals, discussed on: urban/rural; small urban centers; everyday life and place; way of life and culture. Documents examined of the IBGE (2001, 2010, 2012) laws and decrees (complementary law nº 4/1990; Constitutional amendment nº 15/1996; Municipal law nº 1,599/1997 among others). Applied of semi-structured and open interviews roadmaps, unstructured observation and photographic record was held in three moments between 2011 and 2013. The dissertation is organized into four sections, in addition to the introduction and closing remarks seeking to contemplate the objectives proposed to consider that the way of life of the village is characterized by a set of tangible and intangible elements, such as personal relations and relations with the place, which translate into specific ways of life and determine the form of organization of space. In the village, the relationship field/city and the reasons of permanence of rural ways of life are found in everyday life, in which, demonstrating links with rural areas and if you recognize the culture of the place. Reading the daily life of the village allows you to recognize their particularities, and thus, the aspirations of the population.

Keywords: Urban/Rural. Everyday life. Way of life. Village of Pires Belo, Catalão (GO).

LISTA DE ILSTRAÇÕES

Quadro 1	Pires Belo, Catalão (GO): entrevistas realizadas - 2011.....	25
Gráfico 1	Pires Belo, Catalão (GO): faixa etária dos moradores entrevistados - 2011...	26
Mapa 1	Divisão político-administrativa da microrregião geográfica de Catalão (GO) – 2005.....	33
Mapa 2	Localização do distrito de Pires Belo, Catalão (GO) – 2013.....	34
Figura 1	Localização da vila de Pires Belo, município de Catalão (GO) – 2013.....	36
Tabela 1	Número de vilas em Goiás de 1960 a 2010 - 2013.....	38
Gráfico 2	Pires Belo, Catalão (GO): principais necessidades dos moradores – 2011.....	40
Gráfico 3	Tempo médio de residência: vila de Pires Belo, Catalão (GO) - 2013.....	43
Gráfico 4	Pires Belo, Catalão (GO): origem da população residente – 2011.....	44
Foto 1	Pires Belo, Catalão (GO): Igreja Católica de São Sebastião. Ao fundo, BR-050 - 2013.....	45
Foto 2	Pires Belo, Catalão (GO): vista parcial da Avenida Central - 2013.....	46
Tabela 2	Pires Belo, Catalão (GO): estabelecimentos comerciais, segundo tipo e quantidade - 2013.....	47
Foto 3	Pires Belo, Catalão (GO): vista da fachada do Açougue e Mercearia Pires Belo – 2013.....	48
Foto 4	Pires Belo, Catalão (GO): vista da fachada do Maura Restaurante e biscoitaria – 2013.....	48
Foto 5	Pires Belo, Catalão (GO): transporte coletivo diário com destino à cidade de Catalão (GO) - 2013.....	49
Gráfico 5	Pires Belo, Catalão (GO): idade da população - 2011.....	50
Tabela 3	Pires Belo, Catalão (GO): evolução da população, 2007 e 2010	51
Figura 2	Estrutura política do município brasileiro - 2013.....	55
Gráfico 6	Pires Belo, Catalão (GO): situação ocupacional dos moradores - 2011.....	62

Gráfico 7	Pires Belo, Catalão (GO): vínculo com a cidade de Catalão - 2011.....	63
Foto 6	Pires Belo, Catalão (GO): moradores sentados em frente à moradia. Ressalta-se a relação de vizinhança – 2011.....	97
Foto 7	Pires Belo, Catalão (GO): vista da Praça Central, próximo ao largo da Igreja Católica- 2013	99
Foto 8	Pires Belo, Catalão (GO): vista parcial da praça com a concentração de *pit-dogs* - 2013.....	100
Foto 9	Pires Belo, Catalão (GO): *Pit-dogs* e lanchonetes durante a noite - 2013.....	100
Gráfico 8	Pires Belo, Catalão (GO): lugares frequentados aos finais de semana - 2011	101
Foto 10	Pires Belo, Catalão (GO): vista parcial da pista de caminhada - 2013.....	102
Foto 11	Pires Belo, Catalão (GO): vista da academia ao ar livre - 2013.....	102

LISTA DE ABREVIATRAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

CAC - Campus Catalão

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNM - Confederação Nacional dos Municípios

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DEGEO – Departamento de Geografia

Dr. - Doutor

Dra. - Doutora

DVD - Digital Video Disc

EJA - Educação de jovens e adultos

GO - Goiás

GVP - Global Vision Pack Brasil Ltda

h. - hora

ha - Hectare

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IG - Instituto de Geografia

IPEA - Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas

Kg - Quilograma

Km - Quilômetro

MG - Minas Gerais

NEPSA - Núcleo de Estudos e Pesquisas Socioambientais

Org. - Organização

PIBIC - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

R$ - Reais

SEGPLAN - Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento de Goiás

SIEG - Sistema Estadual de Estatística e de Informações Geográficas de Goiás

SP - São Paulo

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UFG - Universidade Federal de Goiás

UFU - Universidade Federal de Uberlândia

UHE - Usina de aproveitamento hidrelétrico

SUMÁRIO

1	**INTRODUÇÃO**.....	13
2	**CAMINHOS DA PESQUISA NA VILA DE PIRES BELO**.....	18
2.1	**O conteúdo teórico conceitual da pesquisa**.....	20
2.2	**Pesquisa em documentos**.....	23
2.3	**A realidade empírica da pesquisa**: o campo em Pires Belo.....	24
2.4	**Análise dos resultados**: teoria e empiria para compreender a vila de Pires Belo.....	29
3	**DINÂMICA SOCIOECONÔMICA E ESPACIAL DO DISTRITO DE PIRES BELO**.....	30
3.1	**Um resgate histórico da construção da rede urbana de Catalão e a formação do distrito de Pires Belo**.....	31
3.2	**Aspectos econômicos e sociais do distrito de Pires Belo**.....	40
4	**PEQUENOS NÚCLEOS URBANOS E A RELAÇÃO RURAL/URBANO**.....	52
4.1	**Município, distrito e vila**: uma distinção necessária.....	53
4.2	**Pequenos núcleos urbanos e a influência do rural**.....	56
4.3	**Urbano e rural, campo e cidade**: algumas teorias sobre as complexas relações.....	64
4.3.1	As leituras do rural: espaço de produção e reprodução social.....	75
5	**O LUGAR E A VIDA COTIDIANA NO DISTRITO DE PIRES BELO**: permanência de modos de vida rurais.....	80
5.1	**Concepções filosóficas sobre a vida cotidiana.**.....	81
5.2	**Compreender o lugar para compreender a vila de Pires Belo**.....	85
5.3	**Modo de vida e cultura**: a vila de Pires Belo.....	91
6	**CONSIDERAÇÕES FINAIS**.....	104
	REFERÊNCIAS.....	109
	APÊNDICES.....	119
	ANEXOS.....	124

1 INTRODUÇÃO

SIMPLICIDADE

Vai diminuindo a cidade
Vai aumentando a simpatia
Quanto menor a casinha
Mais sincero o bom dia
Mais mole a cama em que durmo
Mais duro o chão que eu piso
Tem água limpa na pia
Tem dente a mais no sorriso
[...]

(Pato Fu)

1 INTRODUÇÃO

A intensificação das trocas do mundo rural com o urbano implicou numa maior riqueza de relações e em novas dinâmicas no campo e na cidade que suscitaram estudos sobre os pequenos núcleos urbanos com vistas a compreender a realidade desses territórios e, também, suas particularidades. A leitura da interação campo e cidade constitui-se em um debate rico para a ciência geográfica, principalmente ao tratar da influência dessa relação na dinâmica dos pequenos núcleos urbanos, como algumas vilas que embora classificadas como espaços urbanos pelos órgãos e instituições oficiais, apresentam em seu cotidiano, práticas e reprodução de valores característicos do mundo rural.

As vilas são aqui consideradas como um núcleo urbano e parte do sistema hierárquico urbano brasileiro. O reconhecimento da sua configuração espacial e das suas particularidades permite a elaboração de políticas públicas e planos de ação voltados aos interesses e melhorias da qualidade de vida dos moradores dos distritos, muitas vezes negligenciados pelo poder municipal no que se refere ao atendimento das necessidades mínimas, seja por desinteresse das partes, ou mesmo pela falta de reconhecimento das particularidades locais, as quais exigem intervenções públicas específicas.

O estudo da Vila, como um pequeno núcleo urbano, considera o exercício de suas funções urbanas, a presença do mundo rural, o modo de vida dominante e a dinâmica da sociabilidade rural. A Vila é lugar ainda dominado pelo cotidiano rural - tanto pelo modo de vida que é trazido para a área urbana, quanto pela economia local que é diretamente dependente do campo. Assim, é importante reconhecer todo o contexto territorial e a realidade socioespacial em que está inserida.

Dessa forma essa pesquisa buscou compreender a relação entre o rural e o urbano na vila do distrito de Pires Belo por meio da vida cotidiana dos moradores e suas relações com o lugar. A pesquisa surgiu da necessidade de entender as atuais transformações ocorridas no campo e na cidade, as quais refletem na reorganização dos espaços e na constituição de novos rurais e urbanos com novas dinâmicas, novas funcionalidades e novos conteúdos.

As novas dinâmicas e funcionalidades, geradas de um lado, pela deterioração da vida nas cidades e de outro pela presença de novas atividades no campo - principalmente pela superação da ideia de rural como sinônimo de agrícola e ao reconhecê-lo como espaço de vida - favoreceram o surgimento de novas análises e enfoques que

consideram outras dimensões e processos os quais ultrapassam visões centradas nas atividades econômicas e passam a avaliar outras dimensões, como a vida cotidiana. O cotidiano, nesse aspecto, se torna conceito fundamental ao considerar essas novas dinâmicas e ao permitir análises centradas no individuo e nas suas relações – econômicas, sociais, culturais e simbólicas.

Reconhecer a dinâmica socioespacial da vila de Pires Belo sugere a análise da vida cotidiana, pois é nela, onde se manifestam os ritmos da vida. O cotidiano enquanto categoria filosófica permite desvelar os motivos da permanência de modos de vida rural como resistência à lógica capitalista que homogeneíza os lugares. O lugar é aqui considerado como expressão do mundial e, onde se manifestam as relações cotidianas. Considera-se o lugar como formação humana, reconhecendo as relações sociais que se estabelecem nele e a dominância de determinadas referências, no caso das Vilas, daquelas vinculadas ao modo de vida do campo.

O interesse pela discussão da temática surgiu do envolvimento com as pesquisas desenvolvidas no Núcleo de Estudos e Pesquisas Socioambientais (NEPSA/CNPq/UFG), do qual fui bolsista de 2009 a 2011, como também da participação no programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq), no período de agosto de 2010 a julho de 2011, o qual deu origem ao trabalho de conclusão de curso, apresentado ao Departamento de Geografia em 2011, com o título "A Vila e seus conteúdos rurais: a relação entre o rural e o urbano no distrito de Pires Belo, município de Catalão (GO)".

A escolha da vila de Pires Belo no município de Catalão se deve ao fato da mesma apresentar em seu cotidiano um modo de vida rural, sendo oficialmente uma área urbana, o que permite a análise da Vila e das suas relações a partir de teorias que abordam os pequenos núcleos urbanos. Acrescenta-se, a esses motivos o convívio e a identificação com a Vila, uma vez que residi em Pires Belo de 2000 a 2012, o que me permitiu presenciar e atuar nas tramas de relações ali estabelecidas.

No campo teórico, o interesse pela temática se acerca na busca de compreender a realidade de pequenos núcleos urbanos como a Vila, visto que há poucos estudos sobre esse tema se comparados aos estudos sobre as grandes cidades, assim, as áreas distritais são deixadas de lado, esquecendo-se que, fazem parte da hierarquia urbana e apresentam, em seu cotidiano, relações que precisam ser estudadas, principalmente pelo forte vínculo com as áreas rurais e pela dependência de um núcleo urbano maior. Além disso, a Vila

apresenta um modo de vida particular que não se encaixa em modelos prontos de realidade, seu desvendamento, é essencial para o atendimento dos anseios da população.

Há uma diversidade de estudos sobre as manifestações urbanas e rurais e dos espaços campo e cidade, tanto no ramo das Ciências Sociais quanto no ramo da Geografia. Todavia é necessário investigações que vão além das interpretações e dos conceitos de rural/urbano, e que revelem espaços como a vila de Pires Belo, produtos das trocas entre esses dois setores (campo e cidade) e fruto das relações histórico-culturais da sociedade, por isso não podem ser entendidos sem a interação de ambos.

Busca-se uma leitura do rural/urbano para além da abrangência territorial e que compreenda as relações cotidianas habitante-lugar as quais influenciam na reprodução do espaço da Vila. Esses espaços mantêm os traços dos indivíduos que os produzem, o que, de certa forma, permite o reconhecimento de um viver característico do campo em uma estrutura urbana, uma Vila.

Para atender aos objetivos propostos utilizou-se procedimentos e técnicas com vistas a definir os caminhos a serem seguidos. Dentre esses procedimentos metodológicos, foi empregada pesquisa teórica sobre: rural/urbano; pequenos núcleos urbanos; lugar e vida cotidiana; modo de vida e cultura. A pesquisa documental foi realizada a partir da análise de documentos censitários do IBGE (2001, 2010, 2012) leis e decretos (Lei Complementar nº 4/1990; Emenda Constitucional n° 15/1996; Lei Municipal nº 1.594/1997 dentre outras) A pesquisa de campo realizou-se com a aplicação de roteiros de entrevistas, observação e registro fotográfico na Vila do distrito.

Esse trabalho foi dividido em quatro seções, além da introdução e das considerações finais. Na primeira, intitulada “Os caminhos da pesquisa na vila de Pires Belo”, são apresentados os procedimentos e as técnicas aplicadas em todas as fases da pesquisa, bem como a justificativa da escolha dos mesmos por meio da análise de autores e teorias.

A segunda seção, denominada “Dinâmica socioeconômica e espacial do distrito de Pires Belo” estabelece a escala espacial da área estudada, bem como os aspectos econômicos e sociais do Distrito. Nessa seção, destacou-se: o histórico e a formação socioespacial do distrito de Pires Belo e de Catalão e as característica da população. Buscou-se, discutir a realidade dos distritos no que tange a emancipação e à dependência da cidade sede.

Ao descrever sobre distritos, sentiu-se a necessidade de análises e teorias que contemplam a realidade desses pequenos núcleos urbanos, apesar da dificuldade em encontrar teorias que consideram a dinâmica de tais lugares. Assim, na terceira, seção "Pequenos núcleos urbanos e a relação rural/urbano" apresenta-se teorias sobre pequenos núcleos urbanos e a relação rural/urbano, com enfoque nas considerações que demonstram a importância de entender o rural e o urbano para além do campo e da cidade, bem como reconhecer as recentes transformações e suas novas funções. Salienta-se os conceitos de vila, distrito e município utilizados de modo a clarificar a compreensão dos mesmos.

Na quarta seção, "O lugar e a vida cotidiana no distrito de Pires Belo: permanência de modos de vida rurais", apresenta-se análises que ultrapassam o contexto territorial e que buscam respostas através das relações sociais no cotidiano. O cotidiano é categoria fundamental de análise da Vila, visto que ao mesmo tempo em que manifesta os ritmos da mundialidade, representa o individual e as resistências - nas artes de fazer - ao que é imposto por essa mesma mundialidade. É na observância do cotidiano que se compreende o modo de vida do lugar. Considera-se como os indivíduos relacionam entre si, com o lugar e como transformam os espaços, visto que os conteúdos rurais ou urbanos manifestam-se por meio das relações humanas no cotidiano.

Ainda nessa seção, busca-se compreender o modo de vida e a cultura dos moradores da Vila com o intuito de mostrar que as condições de dependência das áreas rurais e da cidade de Catalão (GO) influenciam de maneira distinta, as formas de organização do espaço e da vida. Dessa forma, as modificações e/ou permanências do modo de vida rural são consideradas a partir da análise da vida cotidiana, a qual tem influência na produção/reprodução do espaço.

Na Vila, a relação entre o rural/urbano, a existência e a permanência de hábitos e modos de vida rurais, pode ser apreendida ao considerar o seu cotidiano e o seu modo de vida, os quais influenciam diretamente na configuração do lugar. As características rurais permanecem na Vila em razão da intensa relação e dependência estabelecida com as áreas rurais. A análise do cotidiano da Vila permite que se conheça as particularidades do lugar e desta forma, os anseios da população.

2 CAMINHOS DA PESQUISA NA VILA DE PIRES BELO

Se as essências fossem iguais às aparências, toda ciência seria desnecessária, já dizia o velho Marx [...]

Whitaker (2002)

2 CAMINHOS DA PESQUISA NA VILA DE PIRES BELO

A pesquisa cientifica constitui-se em um conjunto de procedimentos que visa a produção de conhecimento novo, relevante teórica e socialmente. Neste contexto, o pesquisador tem o papel de ser o intérprete da realidade pesquisada, segundo os instrumentos conferidos pela sua postura teórico-epistemológica. Objetivo dessa seção é apresentar as etapas e os procedimentos utilizados na elaboração da pesquisa bem como a justificativa da escolha dos mesmos, assim, ter o caminho desenhado pela metodologia é fundamental para obter resultados satisfatórios em pesquisas científicas.

A partir da temática abordada e dos objetivos propostos, a pesquisa que se realiza é de cunho qualitativo, visto que esta possibilita maior aproximação dos atores sociais investigados. Minayo (2007) considera que a pesquisa qualitativa se aplica ao estudo da história, das relações e das opiniões que são produtos das interpretações feitas pelos sujeitos a respeito de onde vivem, de como constroem a vida, de como sentem e pensam. A pesquisa qualitativa permite ultrapassar a aparência dos fatos observados na Vila de Pires Belo e considerar sua essência, ou seja, reconhecer o que é realmente importante nas ações dos sujeitos pesquisados.

Na mesma linha de análise, Chizzotti (2009) considera que na pesquisa qualitativa, o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento, interpreta e dá significado aos fenômenos, assim, o objeto não é um dado inerte e neutro, mas possui significados e relações que os sujeitos concretos criam em suas ações.

Para a realização da pesquisa qualitativa utilizou-se de técnicas e métodos inerentes a este tipo de pesquisa que se constituem na metodologia da pesquisa. Esta compõe os procedimentos mediante os quais os problemas científicos são formulados e as hipóteses são examinadas. Pode ser considerada como o “caminho” a ser percorrido na pesquisa, no qual apresentam os procedimentos (métodos) e as técnicas (materiais) a serem seguidos e empregados. Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2002) consideram que essa etapa inclui a indicação e a justificativa do paradigma que orientam o estudo, as etapas do desenvolvimento da pesquisa, a descrição do contexto, o processo de seleção dos participantes, os procedimentos e o instrumental de coleta e análise dos dados e os recursos utilizados para elevar ao máximo a credibilidade dos resultados.

A partir desses pressupostos, nessa seção são apresentadas as etapas da pesquisa: a) pesquisa teórica; b) documental e c) pesquisa de campo, bem como a

justificativa da escolha da metodologia e das teorias empregadas. Enfatiza-se as principais teorias sobre a relação rural/urbano e campo/cidade; pequenos núcleos urbanos; vida cotidiana e lugar; modo de vida e cultura, que oferecem maior fundamentação teórica ao objeto pesquisado. Por conseguinte, apresenta-se a Vila de Pires Belo, e a seleção dos sujeitos participantes, pertinentes a perspectiva do trabalho.

2.1 O conteúdo teórico conceitual da pesquisa

Ao empreender uma análise científica, há sempre a possibilidade de definirem-se vários caminhos. Desse modo, o cientista/pesquisador, encontra-se diante da dúvida em escolher qual o caminho a seguir na busca de uma melhor compreensão do mundo e, também, de contribuir para as discussões do campo científico ao qual pertence. A opção teórica é o desenho da forma, que expressa como se organiza o pensamento disposto ao difícil exercício de construir um trabalho científico.

Essa incerteza persiste ao se explorar a realidade a ser pesquisada, principalmente ao perceber a tarefa árdua a ser enfrentada na tentativa de evitar a dicotomia entre teoria e empiria. Ler a realidade com os olhos da teoria escolhida exige o domínio do conteúdo teórico e conceitual e a compreensão da realidade que será pesquisada, o que nem sempre se realiza na sua completude.

Para o desenvolvimento de uma pesquisa científica é importante dominar as teorias e os conceitos utilizados por meio de leituras específicas, pois é durante a elaboração da teoria e por meio de um levantamento bibliográfico que se conhece o que foi produzido sobre o tema. Para Luna (2005), a revisão teórica tem como objetivo circunscrever um dado problema de pesquisa dentro de um quadro de referencial teórico que pretende explicá-lo. A pesquisa teórica deve oferecer uma melhor compreensão e ordenação da realidade empírica e abranger desde estudos clássicos até os atuais sobre o objeto em questão.

Mendes e Pessôa (2009), ao refletirem sobre a importância na escolha das técnicas de obtenção dos dados e na sua organização, consideram que o papel fundamental da teoria é subsidiar a interpretação da realidade percebida. A revisão da literatura permite descrever o que se sabe sobre determinado fenômeno, quais as principais lacunas existentes e onde se encontram os principais entraves teóricos e/ou metodológicos dos problemas em questão.

Para responder a esses critérios, bem como trazer respaldo teórico a realidade pesquisada foi realizada uma pesquisa bibliográfica em livros, artigos, dissertações, teses que discutem as relações entre o campo e a cidade em pequenos núcleos urbanos, além de teorias que considerem a vida cotidiana como fator importante para análise da realidade e do modo de vida dos habitantes da Vila.

Há que se destacar a dificuldade em encontrar abordagens teóricas que permitam entender a realidade de vilas distritais, visto que os distritos e, como consequencia, suas vilas despertam pouco interesse aos estudiosos da Geografia, seja porque não representam uma influência na hierarquia e na rede de cidades, ou mesmo pela dificuldade em uma classificação seja como uma área urbana ou rural.

Os critérios de classificação das áreas urbanas e rurais no Brasil não é o objetivo desse trabalho, no entanto prefere-se considerar a Vila como um pequeno núcleo urbano de acordo com os critérios usados pelo IBGE[1] (2000). Apesar de empregar essa terminologia, busca-se evitar classificações quanto a números populacionais ou quanto a presença ou não de infraestrutura nesses locais. A denominação de pequenos núcleos urbanos serve, nesse contexto, para representar como se considera a Vila estudada, e assim, através de teorias relacionadas, compreender a dinâmica do lugar. Para isso utiliza-se de autores e teorias que abordam pequenos núcleos urbanos e pequenas cidades, busca-se fazer dessas teorias instrumentos de interpretação da realidade urbana de uma Vila, sede de um distrito localizado no interior de Goiás.

Os trabalhos de Melo (2008); Wanderley (2000, 2001); Pinto (2003); Monastiky et al. (2009); Soares e Melo (2010) oferecem instrumentos teóricos importantes ao analisarem áreas urbanas que apresentam relação com o campo e ao mostrarem a importância desses estudos para interpretar a realidade atual do campo e da cidade. Há que considerar as novas fronteiras e as novas possibilidades entre esses setores as quais não permitem distinções rígidas entre um e outro. Outros autores e obras utilizados na interpretação de pequenos núcleos urbanos são Santos (1979); Corrêa (1999, 2011); Fresca (2010); Araújo e Soares (2009) os quais relatam em seus trabalhos a importância de uma leitura dessas áreas para interpretação do urbano brasileiro, bem como definem critérios importantes para essa análise.

Analisar pequenos núcleos urbanos como a Vila, requer teorias que contemplem a dimensão da relação entre campo e cidade. Para tanto Abramovay (2000);

Sposito (2010); Wanderley (2001); Graziano da Silva (2002); Carneiro (1998); Alentejano (2000); Bagli (2010); Souza (2010); Carlos (2004) possibilitaram conhecer as principais discussões sobre campo e cidade, rural e urbano frente às modificações advindas da revolução científica e a implicação dessas relações no cotidiano de pequenos núcleos urbanos.

Para compreender a vida cotidiana dos moradores da Vila, parte-se para o conceito filosófico de cotidiano e, assim, se busca entender a evolução desse conceito como uma categoria geográfica capaz de interpretar a atual dinâmica da sociedade, visto que é no cotidiano que se encontra as manifestações do mundial, ao mesmo tempo em que é nele - no cotidiano - onde estão às resistências e o que não é cooptado por essa mundialidade.

O modo de vida rural encontrado na Vila é uma resistência à homogeneidade do modo de vida urbano e os motivos dessa resistência podem ser encontrados no cotidiano e nas artes de fazer dos sujeitos. Os principais autores analisados foram: Sorre (1984); Lefebvre (1991,1999); Certeou (2012); Heller (2004); Certeau, Giard, Mayol (2011); Carlos (2007a, 2007b); Claval (2007); La Blache (2010) bem como autores que interpretaram essas obras: Costa (2010); Levigard e Barbosa (1997) e Patto (1993).

Para a contemplação do lugar, da Vila, é necessário interpretá-lo como a expressão dos processos sociais que o abrange e que manifesta suas atuais características. Por isso a contribuição da obra de Carlos (2007a)[2], base para a construção do conceito de lugar utilizado no texto. Utiliza-se, também, autores que trabalham com vilas e comunidades[3] rurais, dentre eles: Brandão (1995), Mendes (2005) e Silva (2008), dentre outros.

Ainda como fonte teórica, as pesquisas realizadas no curso de Geografia do Campus Catalão ofereceram apoio para realização dessa pesquisa. A leitura de trabalhos (teses, dissertações, trabalhos de conclusão de curso (TCC)) e Relatórios (PIBIC/PROLICEN) que exploram a realidade local, como: Ferreira (2003); Mendes (2005); Rosas (2010); Bispo (2011); além do acervo do Núcleo de Estudos e Pesquisas

---

[1] Segundo dados do IBGE (2000), as vilas são consideradas áreas urbanas.

[2] Carlos (2007b) defende que é no lugar onde se realizam as resistências ao fenômeno da globalização e as suas consequências.

[3] Segundo Buber (1987, p. 50), comunidade é um termo utilizado para designar um agrupamento de pessoas com uma ligação desenvolvida e mantida internamente por propriedade comum, trabalho comum e costumes comuns.

Socioambientais (NEPSA/CNPq/UFG), contribuíram de forma significante à realização do trabalho.

A análise dessas teorias é fundamental para a compreensão do objeto de pesquisa, bem como para conhecer o que foi escrito sobre o tema. A pesquisa teórica além de dar suporte à empiria permite conhecer os vários pontos de vista e os diferentes ângulos do problema e isso possibilita conexões e mediações entre eles. A seguir é apresentada a pesquisa em documentos, pois assim como a pesquisa teórica, a investigação em documentos possibilita maior conhecimento do objeto pesquisado, como a localização e a caracterização do Distrito e da cidade de Catalão (GO).

2.2 A pesquisa em documentos

A pesquisa documental caracteriza-se pela busca de informações em documentos ou qualquer outro registro escrito, que possa ser usado como fonte de conhecimento, embora não tenham recebido, ainda, um tratamento analítico. A pesquisa documental assemelha-se à pesquisa bibliográfica, diferencia-se apenas pela natureza das fontes consultadas. São considerados documentos, registros escritos que possam ser utilizados como fonte de informação. Podem ser anuários estatísticos e censos, legislação, atas de reunião, jornais livros de frequência, relatórios, arquivos, pareceres entre outros.

As informações coletadas buscam caracterizar a vila de Pires Belo quanto aos dados estatísticos (número populacional, dados econômicos) e também quanto aos documentos oficiais (leis e decretos) sobre o Distrito. Foi realizado um levantamento no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) de informações sobre o número da população contabilizada como rural e como urbana, de dados econômicos de Catalão (GO) e em *sites* da Câmara Municipal de Catalão, da Secretária da Fazenda do Estado de Goiás onde foram encontrados leis e decretos utilizados para permitam caracterizar o distrito de Pires Belo.

Foram utilizadas leis, decretos e emendas constitucionais como a Lei Complementar nº 4/1990 que dispõe os requisitos para a criação e instalação de distritos no Estado de Goiás; a Emenda Constitucional n° 15/1996 que paralisou a criação de novos municípios por exigir a aprovação da Lei Complementar Estadual; o Projeto de Lei Complementar nº 416/2013, que estabelece novos critérios para emancipação de distritos; a Lei Municipal nº 1.594/1997 que prevê a elevação do povoado de Pires Belo à distrito do

município de Catalão (GO), além de dados da Confederação Nacional dos Municípios (CNM).

De acordo com Gil (2009), as vantagens da pesquisa documental estão no fato de que, primeiro, os documentos constituem uma fonte rica e estável de dados por subsistirem ao longo do tempo tornando-se importantes fontes de dados, principalmente em uma pesquisa de natureza histórica; segundo, porque apresenta baixo custo se comparada a outras fontes de informação; e terceiro, por não exigir contatos com os sujeitos da pesquisa. Quanto às desvantagens, o autor descreve que se referem à não representatividade e à subjetividade dos documentos.

A utilização desses documentos permite conhecer como os distritos são descritos através das leis e normas oficiais; como a Vila em estudo é apresentada nessas leis e constituições, bem como estabelecer as características sociais e econômicas de Pires Belo e Catalão (GO) pela da análise de dados estatísticos e censitários. A seguir apresenta-as etapas da pesquisa de campo na vila de Pires Belo.

2.3 A realidade empírica da pesquisa: o campo em Pires Belo

A base empírica deste trabalho vincula-se à pesquisa em uma vila, sede do distrito de Pires Belo, considerando seu entorno rural, bem como sua sede municipal - município de Catalão (GO). Pesquisar uma realidade que nos parece conhecida e reconhecida em todos os cantos e lugares nos soa de fácil compreensão e análise, mas as vivências e experiências possibilitadas pela pesquisa de campo provaram o contrário, pois a tentativa de interpretação espontânea e literal dos dados como se o real se mostrasse nitidamente ao pesquisador leva a uma "ilusão da transparência" como diz Bourdieu (apud Minayo, 2007). Ainda segundo a autora essa ilusão é tanto mais perigosa quanto mais o pesquisador tenha impressão de familiaridade com o objeto. É preciso superar a aparência e penetrar nos significados compartilhados pelos sujeitos no cotidiano, interpretando a essência que, em geral, se apresenta como abstração.

Pretende-se, nesse contexto, realizar uma análise que contemple a realidade rural e a urbana da Vila, em vista disso, o trabalho de campo buscou compreender: a) a dinâmica econômica e social do distrito de Pires Belo; b) as relações vicinais e as relações cotidianas dos moradores; c) as relações com as áreas rurais e com a cidade de Catalão; d)

os valores manifestados como a amizade e a solidariedade, dentre outros aspectos que permitam alcançar os objetivos propostos pela pesquisa.

Para atingir o que se propõem, o contato com a realidade e com o cotidiano da Vila é essencial. Principalmente no campo da Geografia, a relação direta com o objeto pesquisado permite que se vivencie e que se reconheçam as interações homem/meio. Segundo Marafon (2011), o trabalho de campo tem a função de transformar palavras e conceitos em experiências e acontecimentos reais para a concretização dos conteúdos. Além disso, o trabalho de campo auxilia na articulação entre teoria e prática, ou seja, o campo na pesquisa qualitativa é o "[...] recorte espacial que diz respeito à abrangência, em termos empíricos do recorte teórico correspondente ao objeto da investigação." (MINAYO, 2007, p. 201).

O trabalho de campo realizou-se em três momentos os quais foram previamente planejados com elaboração de roteiros de pesquisa. A primeira etapa realizou-se durante o mês de dezembro de 2011; a segunda durante o mês de junho de 2013 e a terceira durante os meses de novembro e dezembro de 2013.

Informações socioeconômicas como: idade; origem da população; ocupação; renda salarial; relação com Catalão e com as áreas rurais dentre outras foram obtidas na pesquisa *in loco* realizada em dezembro de 2011. Nesse período foram aplicados aos moradores da Vila, roteiros de entrevista (apêndice), que buscaram informações econômicas e sociais dos moradores da Vila. Foram aplicados 36 roteiros, apenas com a população residente na área urbana (Quadro 1).

Quadro 1 – Pires Belo, Catalão (GO): entrevistas realizadas – 2011

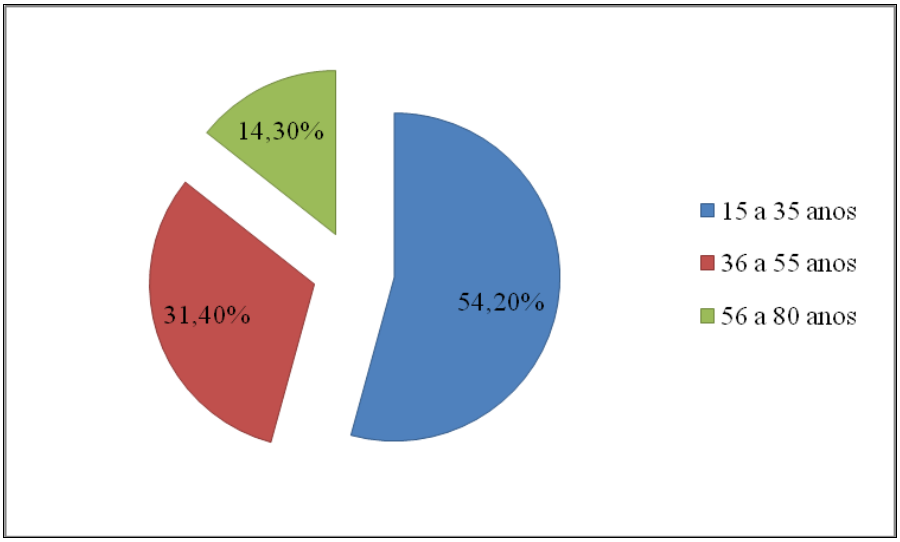
Total de moradores da Vila Área urbana	**Total de roteiros aplicados**	**Total em (%)**
1.012 moradores	36 roteiros	3,52
340 famílias	36 famílias entrevistadas	10,29

Fonte: Pesquisa de campo (2011). Org.: Mesquita, A. P. de (2013)

Essa amostra representou 3,52% da população residente na Vila de Pires Belo (1.021 hab. - IBGE - Agência Catalão). Foi aplicado um roteiro por família/residência totalizando 10,29% das residências/famílias da Vila (média de 340 famílias residentes). A faixa etária dos entrevistados encontra-se entre 15 e 80 anos, destes 54,2% possuíam entre

15 e 35 anos; 31,4% entre 36 e 55 anos e 14,3% entre 56 e 80 anos, como segue no gráfico abaixo (Gráfico 1).

Gráfico 1 - Pires Belo, Catalão (GO): faixa etária dos moradores entrevistados - 2011



Fonte: Pesquisa de campo (2011/2013). Org.: Mesquita, A. P. de. (2013).

A escolha da entrevista como técnica de pesquisa se deve ao fato de permitir tratar de temas complexos que dificilmente poderiam ser investigados adequadamente por meio de um questionário. A entrevista se destina a construir informações pertinentes para um objeto de pesquisa. Através dela o pesquisador busca obter informações na sua fala, embora não deve ser uma conversa despretensiosa e neutra, uma vez que representa um meio de coleta de dados relatados pelos autores, enquanto sujeitos-objetos da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada (CRUZ NETO, 1994).

O tipo de entrevista utilizada foi a semiestruturada, pois permite maior flexibilidade quanto ao roteiro e uma livre abordagem do tema proposto. Segundo Triviños (1987), esse tipo de entrevista além de valorizar a presença do investigador, faz com que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação. As perguntas que constituem a entrevista são resultado da teoria e de toda informação recolhida sobre o fenômeno social de interesse, no caso, a permanência do modo de vida rural na Vila. Para Triviños, a entrevista semi-estruturada é,

> [...] aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta

> maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa. (TRIVIÑOS, 1987, p. 146).

A segunda pesquisa *in loco* foi realizada em junho de 2013 na vila de Pires Belo. Esse campo teve como objetivo compreender as relações cotidianas dos moradores da Vila e as relações vicinais. Para contemplar esses objetivos utilizou-se a técnica da observação e também foram realizadas algumas entrevistas abertas. A importância da observação nesse momento está no fato de podermos captar uma variedade de situações ou fenômenos que não podem ser obtidos por meio de perguntas, "[...] uma vez que observados diretamente na própria realidade, transmitem o que há de mais importante e evasivo na vida real." (CRUZ NETO, 1994, p. 60). Há uma série de fenômenos que devem ser observados em sua realidade. Dentre esses fenômenos,

> incluem coisas como a rotina de um dia de trabalho, os detalhes do cuidado com o corpo, a maneira de comer e preparar as refeições; o tom das conversas e da vida social ao redor das casas da aldeia, a existência de grandes hostilidades e de simpatias e antipatias passageiras entre pessoas; a maneira sutil mais inquestionável em que as vaidades e ambições pessoais se refletem no comportamento dos indivíduos e nas reações emocionais dos que o rodeiam. (MINAYO, 2007, p. 276).

Além da observação realizou-se sete entrevistas abertas de modo a conhecer a rotina de vida dos moradores. Foram entrevistados dois moradores mais antigos da Vila, três comerciantes locais, e conversou-se com dois residentes da Vila e que vieram do estado do Ceará. A entrevista aberta foi utilizada por proporcionar maior flexibilidade quanto aos assuntos tratados sem precisar obedecer a uma sequencia rígida. Minayo (2007) considera que as entrevistas abertas libertam o pesquisador de formulações prefixadas e permitem introduzir perguntas ou intervenções que visem abrir o campo de explanação do entrevistado ou aprofundar o nível de informações.

Realizou-se um registro fotográfico de modo a ilustrar o assunto trabalhado e permitir ao leitor maior proximidade à realidade pesquisada. Um dos fatores que garantem a importância da fotografia em trabalhos científicos é segundo Gonçalves, Doula e Dupin (2010), o fato de fornecer algo que está além do exposto, pois mostra a realidade que retrata e o olhar de quem a produziu. Mais que uma ilustração, a fotografia é uma fonte de dados e traz o que foi vivenciado para a pesquisa.

Para Mota (2011), a fotografia pode ser uma ferramenta importante para a

ciência geográfica desde que a sua aplicabilidade seja dotada de um caráter sistemático e que privilegie o papel da teoria. A técnica da fotografia amplia o conhecimento de estudo por proporcionar o registro de momentos ou situações que ilustram o cotidiano vivenciado. Aliada às outras técnicas já descritas, a fotografia assume um papel complementar ao trabalho.

Num primeiro momento, do segundo campo foram apresentados aos moradores os objetivos e a proposta do estudo, visto que é fundamental esclarecer os sujeitos pesquisados sobre o que se pretende investigar, bem como as possíveis repercussões advindas do processo investigativo. Nesses primeiros contatos com a população, notamos que, de modo geral, apresentavam interesse em responder as perguntas. Ao me apresentar como aluna e pesquisadora da UFG/CAC me interrogaram sobre a emancipação do distrito, principalmente, os que residiam na Vila ha mais tempo: "esse questionário é para emancipar Pires Belo?" Daí percebe-se um dos maiores anseios dos moradores; a da Vila e sua independência em relação à Catalão (GO), esse mesmo desejo, também, presente em outras falas, no decorrer das entrevistas. Como este não era e não é o foco da pesquisa, preferimos não entrar em detalhes, visto que as questões da emancipação de distritos envolvem outros fatores e competências que não cabem apenas aos municípios.

Durante as entrevistas e a observação do local, buscou-se responder alguns questionamentos da pesquisa, como: as influências e a introdução de novos hábitos, novas técnicas, novos instrumentos que classificam um modo de vida "moderno", não descaracterizariam o modo de vida rural? A Vila não estaria passando por uma travessia/transição de uma vida marcada por características "tradicionais-rurais" para um modo de vida mais "moderno" ou modernizado?

Como identificar essas situações e como interpretá-las? É certo que a transição para o urbano "moderno" parece não se concluir, ainda são encontradas as resistências e o que não é cooptado, como diz Lefevbre (1991, 1999). As mudanças na vida social não obedecem a um só ritmo e direcionamento, o que se observou foram vínculos sociais de caráter e nível distintos, de transições e mudanças de modo de vida parciais, mas que não descaracterizam um modo de viver rural, nem anulam seus conteúdos.

A terceira pesquisa *in loco* foi realizada entre os meses de novembro e dezembro de 2013 e corresponde a fase final da pesquisa. Buscou-se através desse campo relações mais específicas do cotidiano dos moradores da Vila. Para isso foram realizadas 6 entrevistas semiestruturadas e 5 entrevistas abertas que obtiveram informações como: o

cotidiano dos moradores que mantêm relação direta com o campo e dependem desse para o sustento familiar, em especial aos plantadores de tomate, tanto aos arrendatários, aos proprietários da terra quanto aos diaristas; a vinda de migrantes nordestinos para a Vila e sua relação diária com o plantio de tomate; como e quais são os espaços de sociabilidade e lazer da Vila e os espaços de morar. De forma geral, buscou-se compreender como os indivíduos relacionam entre si, com o lugar e como transformam o espaço, visto que os conteúdos e as características rurais ou urbanas manifestam-se por meio das relações humanas no cotidiano.

2.4 A análise dos resultados: teoria e empiria para compreender a Vila de Pires Belo

Em pesquisa qualitativa após termos em mãos dados suficientes da pesquisa faz-se necessária a atividade correlatória, ou seja, a análise e interpretação das informações coletadas que serão integrantes nos capítulos da dissertação. Essa análise tem como objetivo organizar e sumariar os dados de forma que forneçam as respostas aos problemas propostos, os quais ao serem interpretados possam dar sentido mais amplo às respostas mediante a ligação a outros conhecimentos obtidos durante as pesquisas teórica, documental e de campo.

Na concepção de Minayo (2007), a análise dos resultados apresenta algumas finalidades, dentre elas o fato de permitir estabelecer uma compreensão dos dados coletados para confirmar ou não os pressupostos da pesquisa, responder às questões formuladas e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado articulando-o ao contexto cultural do qual faz parte.

Para Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2002, p. 170) a organização e sistematização dos dados da pesquisa é um processo complexo, que implica num trabalho de redução, organização e interpretação dos dados que se inicia já na fase exploratória e acompanha toda a investigação. Na análise final dos resultados, os dados e informações coletados em todas as fases da pesquisa são expressos através de tabelas, gráficos, mapas os quais demonstram a realidade socioespacial da vila de Pires Belo. São estabelecidas articulações entre os dados de campo e a teoria utilizada para responder aos objetivos propostos e, assim, compreender através da vida cotidiana dos moradores da Vila, a permanência do modo de vida rural frente aos avanços de uma sociedade urbana. A seguir serão apresentadas as características socioeconômicas e a localização do Distrito.

3 DINÂMICA SOCIOECONÔMICA E ESPACIAL DO DISTRITO DE PIRES BELO

Plenamente dependente de atividade agropastoril e habitada por pessoas que direta ou indiretamente estão mergulhadas em um mundo de feijão e milho, gado e leite, a vila é um bairro rural que se tornou urbano. Sua principal característica: deixou de ser um concentrado esparso de terrenos separados uns dos outros por suas cercas de arame, para ser um amontoado de casas unidas umas às outras, parede com parede [...]

Brandão (1995)

3 DINÂMICA SOCIOECONÔMICA E ESPACIAL DO DISTRITO DE PIRES BELO

Em estudos geográficos a caracterização socioeconômica e a localização da área de pesquisa são imprescindíveis. Para isso, faz-se necessário a delimitação espacial uma vez que não é possível abranger todo o espaço. Essa seção tem como objetivo estabelecer a escala espacial da área estudada, suas características e localização bem como os aspectos econômicos e sociais do Distrito, o que permite reconhecer o perfil dos sujeitos da pesquisa. O distrito de Pires Belo, e por consequência a Vila, são localizados, delimitados e caracterizados segundo os aspectos sociais, econômicos, espaciais, culturais e geoambientais.

Nessa seção, destacou-se: a) o histórico e a formação do distrito de Pires Belo e da rede urbana de Catalão, como surgiram os primeiros povoados e vilas e o processo de emancipação das mesmas; b) as características socioeconômicas de Pires Belo, os dados populacionais e da economia local; c) a relação da vila do Distrito com as áreas rurais e com a cidade de Catalão (GO), a relação de dependência de centros urbanos maiores e o vínculo da população com as áreas rurais.

3.1 Um resgate histórico da construção da rede urbana de Catalão (GO) e a formação do distrito de Pires Belo

Para compreender o processo de constituição do distrito de Pires Belo e da rede urbana do município de Catalão é necessário considerar que esses espaços estão inseridos em processos gerais que marcaram a formação socioeconômica e espacial da região da qual fazem parte e só podem ser entendidos como totalidade. Por outro lado, há de se considerar que cada lugar apresenta uma história própria e formas diferentes de inserção na dinâmica da sociedade.

A formação territorial do município de Catalão, assim como de outros municípios goianos, se explica pelos processos econômicos e políticos que marcaram a sociedade brasileira, embora se considere a interação desses processos com as especificidades locais as quais constituem, ao longo do tempo, os traços particulares do espaço goiano.

De acordo com Melo (2008), a formação dos povoados goianos ocorreu

essencialmente pela ação de proprietários rurais, seja com a constituição de patrimônios[4] religiosos e/ou leigos e, também, pela movimentação do gado entre as áreas de produção e os mercados consumidores, fato que fez surgir os "pontos de pouso", os quais originaram alguns núcleos de povoamento, podendo mais tarde evoluir para um arraial, uma vila e uma cidade.

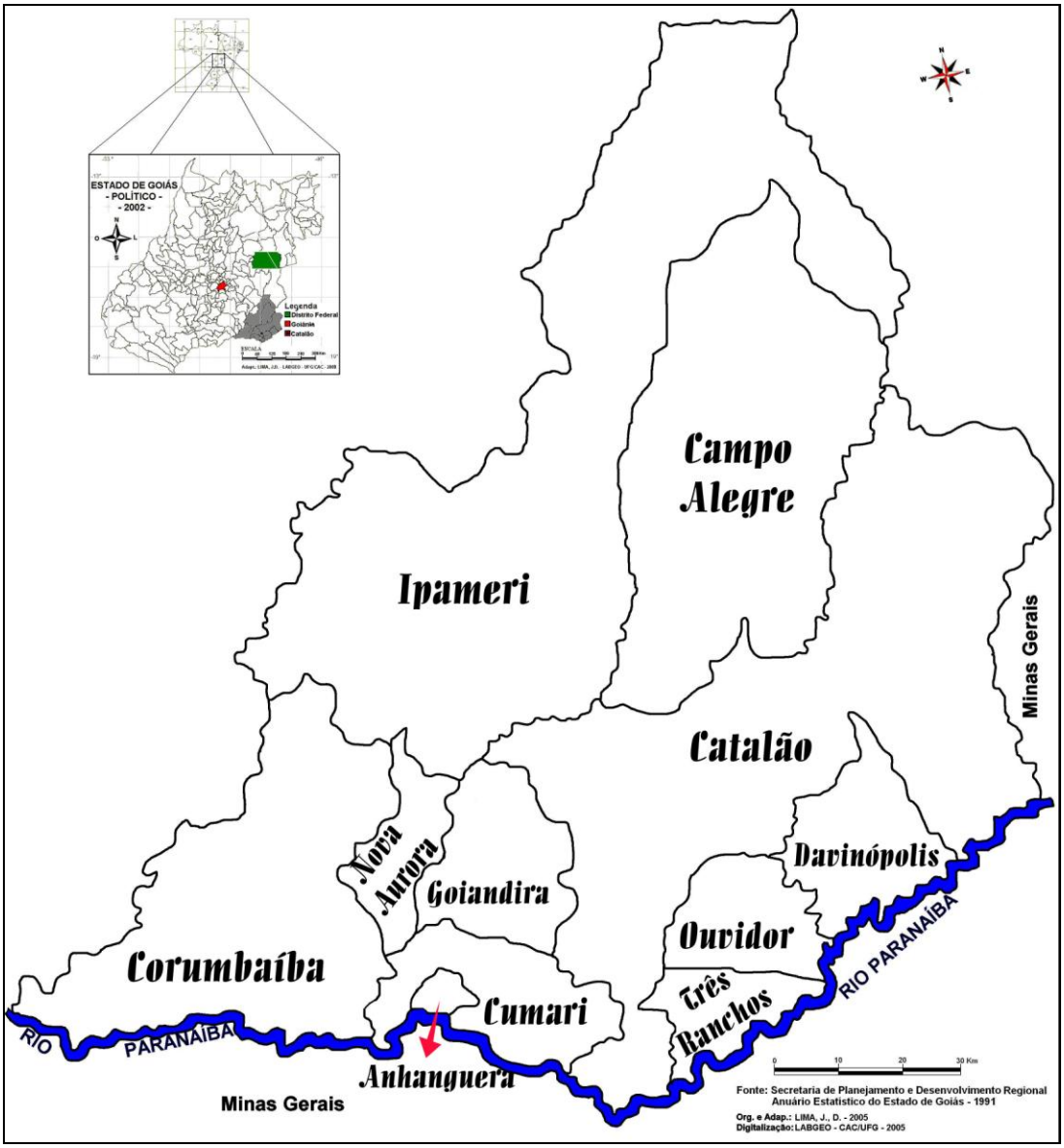
Segundo registros do IBGE (2000), Catalão (GO) tem sua origem, nos anos iniciais do século XIX, precisamente nos anos 1810 com a doação de um patrimônio para construção de uma capela dedicada a Nossa Senhora Mãe de Deus em um território denominado Santa Cruz, que foi uma povoação formada pela descoberta de ouro no início dos anos de 1700.

Lima (2003), ao falar sobre as cidades criadas pelo "patrimônio", acrescenta que esse tipo de povoamento está relacionado ao processo de interiorização do território goiano a partir do século XVIII, primeiro, como centros de abastecimento das minas em produtos agrícolas e manufaturados e, posteriormente, como suporte a outros tipos de atividades. Catalão representou, durante um bom tempo, o "portal de entrada" para o Estado e funcionava como estalagem e posto de abastecimento.

Catalão elevou-se à categoria de vila em 1833 e à de cidade em 1859. O município tinha uma área territorial bem mais extensa que a atual, aproximadamente 18.000km² (CAMPOS, 1976). Na década de 1960, a microrregião de Catalão estava fragmentada em mais de dez municípios e dez pequenas cidades correspondendo aos que são hoje os municípios de Goiandira, Cumari, Anhangüera, Ouvidor, Três Ranchos, Davinópolis, Campo Alegre, Ipameri, Corumbaíba e Nova Aurora (Mapa 1).

[4] Patrimônios são embriões de cidades ou aglomerações urbanas do passado que surgiram no meio rural; normalmente, eram lotes de terras doadas pelo fazendeiro à Igreja (Paróquia), sob o pretexto de agradar o Santo ou Santa Padroeira (GOMES; TEIXEIRA NETO 1993, p. 216).

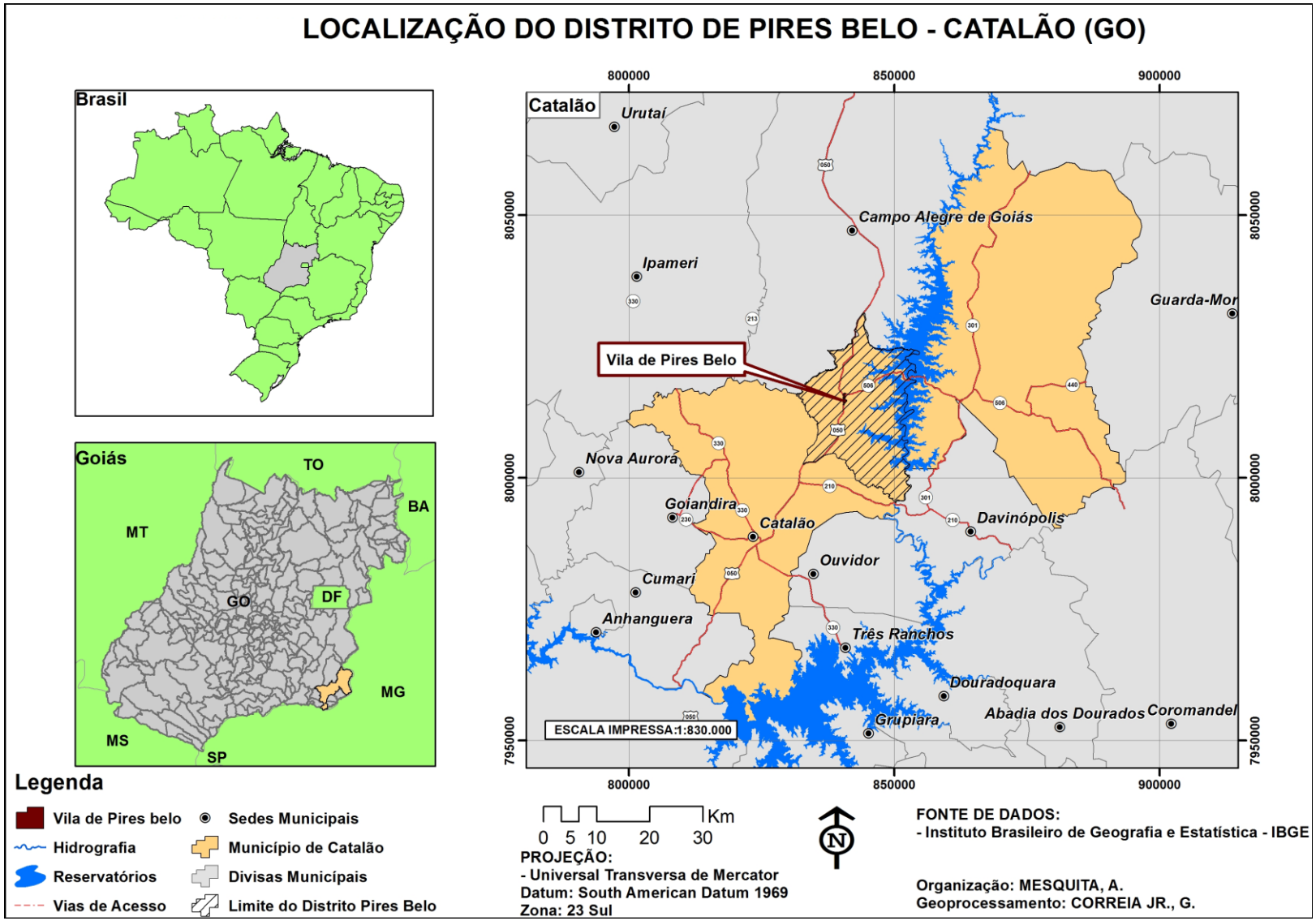
Mapa 1 – Divisão político-administrativa da microrregião geográfica de Catalão (GO) - 2005



Fonte: Laboratório do Departamento de Geografia (DEGEO), CAC/UFG (2005)

Essas cidades eram em geral distritos e/ou povoamentos pertencentes ao município de Catalão e completaram suas emancipações territoriais em 1963 com a criação do município de Davinópolis. Atualmente, Catalão possui dois distritos e o distrito sede (Catalão), são eles o distrito de Santo Antônio do Rio Verde e o distrito de Pires Belo este último corresponde à área de estudo (Mapa 2).

Mapa 2 – Localização do distrito de Pires Belo, Catalão (GO) – 2013



Fonte: IBGE (2013)

O distrito de Pires Belo surgiu como povoado em meados de 1940 com a construção de um rancho ao lado de uma estrada chamada "Estrada do Couro", atual Rodovia Federal BR-050. Segundo os moradores mais antigos da Vila (Informação verbal, jun. 2013) logo no início do povoamento foi doado um terreno por um fazendeiro da região para a construção de uma igreja, atual Igreja de São Sebastião localizada às margens da BR-050, fator importante para a formação do povoado. Além da Igreja Católica, foi doado um terreno para construção do grupo escolar para atender aos filhos dos moradores. De acordo com Bispo (2011),

> Por volta de 1947, para atender os filhos dos moradores e fazendeiros da região, Carolina Vaz da Costa doou 15.660m de terreno para ser construído o grupo escolar. Alfredo Sampaio (farmacêutico prático da região) solicitou, ao governo do Estado de Goiás da época, uma verba para construção do grupo escolar. Em 1949 ele foi inaugurado como modelo exclusivo no Estado, tendo como primeira professora uma moça chamada Luíza. Em 1990, para homenagear a doadora do terreno, o grupo escolar passou a ser denominado de Colégio Estadual Carolina Vaz da Costa. (BISPO, 2011, p. 37).

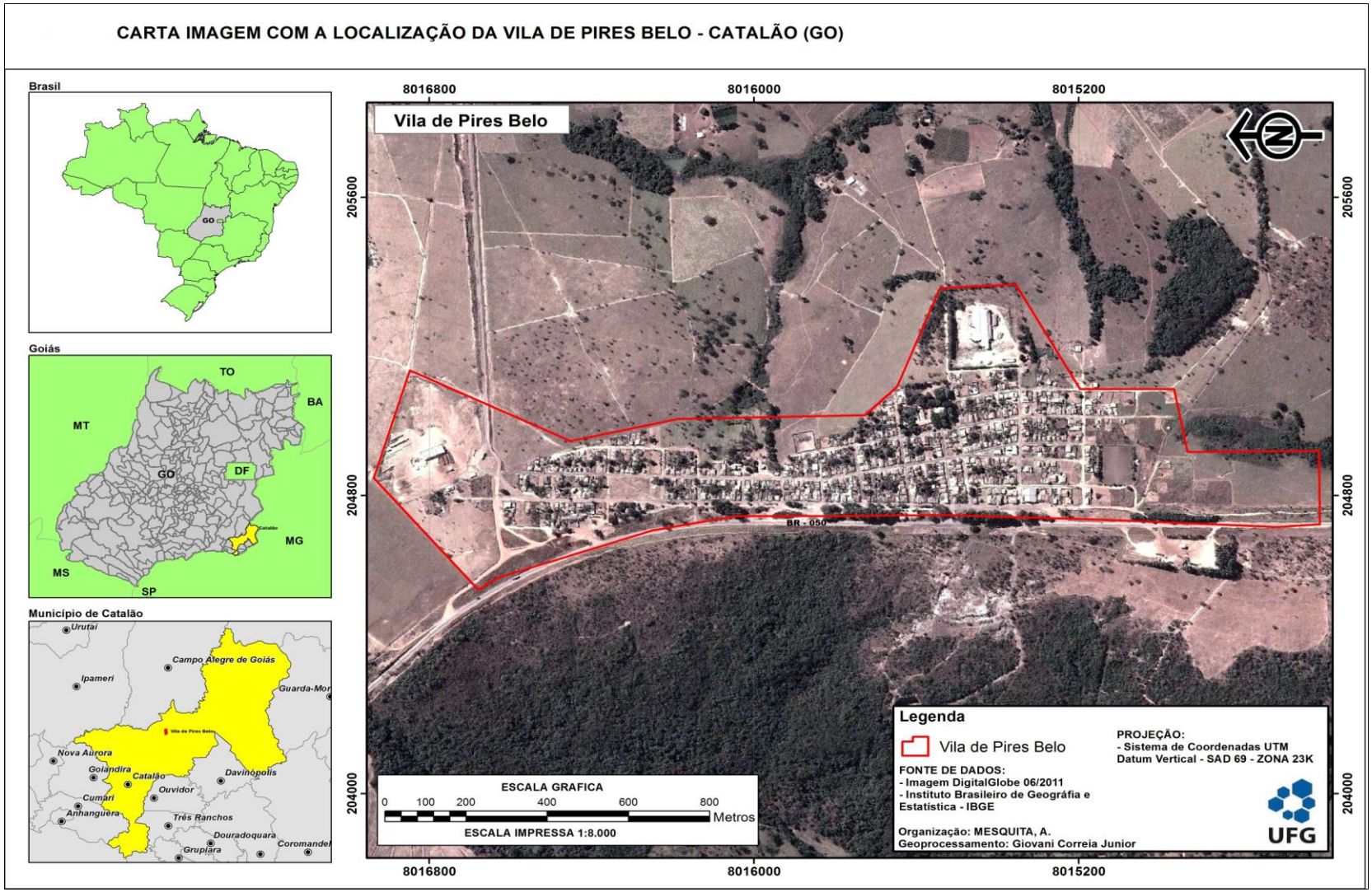
A localização do povoamento (Figura 1) ao lado de uma Rodovia Federal facilitou seu desenvolvimento como ponto de comércio, fato que levou a ser conhecido durante vários anos, como o povoado 'Vendas'. Este representou o ponto de abastecimento de fazendeiros da região com produtos de primeira necessidade que não eram produzidos nas fazendas, além de ponto de encontro, principalmente por motivos religiosos, pois logo no início do povoamento foi doado um terreno por um grande fazendeiro da região para a construção de uma igreja, atual Igreja de São Sebastião localizada às margens da BR-050, outro fator importante para a formação do povoado.

O povoado de Pires Belo elevou-se a distrito de Catalão em 26 de fevereiro de 1997, conforme estabelecido pela Lei Municipal Nº 1.594/1997 (Anexo 2) e atualmente conta com uma população de 1.369 habitantes, e destes, 1.021 residem na vila do Distrito, objeto de estudo (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010)[5]. É administrado pelo governo municipal de Catalão (GO) sendo subordinada política e economicamente a este município. (Imagem 1)

.

[5] Informações obtidas no IBGE, Agência de Catalão, no sistema de *intranet* do referido órgão, em outubro de 2010.

Imagem 1- Localização da vila de Pires Belo, município de Catalão (GO) - 2013



Fonte: Imagem digital Google Earth

O distrito de Santo Antônio do Rio Verde[6] é um dos distritos mais antigos de Catalão com origem entre os anos de 1820 e 1830. Abrange uma área que ocupa grande parte da região nordeste do município de Catalão. Bispo (2011), em sua pesquisa sobre o distrito de Santo Antônio do Rio Verde, acrescenta que este surgiu a partir da movimentação de gado entre Goiás e Minas Gerais, como ponto de parada, descanso e reabastecimento de provisões para as comitivas de boiadeiros advindos do Estado de Minas Gerais. O Distrito possui uma população de 3.295[7] habitantes sendo que destes 2.004 residem na vila do Distrito.

> O distrito de Santo Antônio do Rio Verde está em uma área conhecida como Chapadão[8], que se destaca pela produção de grãos, principalmente a soja, devido às suas características físico-naturais como relevo plano, abundância dos recursos hídricos, bem como pela localização geográfica e o baixo preço da terra. Essa região atraiu/atrai imigrantes de várias partes do país, especialmente do Sul e do Sudeste para a implantação de uma agricultura comercial moderna. Atualmente, representa uma das áreas mais importantes de agricultura moderna da região Sudeste e do estado de Goiás (MATOS; PESSÔA, 2006) e apenas nessa região estima-se aproximadamente 50 pivôs que irrigam cerca de 8.000ha e demonstram a aceleração no processo de incorporação dessas áreas ao circuito produtivo (MENDONÇA; THOMAZ JÚNIOR, 2004).

A Vila do distrito de Santo Antônio do Rio Verde fica a 78km da cidade de Catalão e a 43km do distrito de Pires Belo. Está ligado a Catalão pela Rodovia Federal BR-050 até o trevo do distrito de Pires Belo, seguindo pela Rodovia Estadual GO-506. Possui, também, vias não pavimentadas que ligam o distrito ao Estado de Minas Gerais (GO-440), essas vias são importantes para o escoamento dos grãos para outros estados.

As exigências para a criação de municípios no Brasil, e em especial no estado de Goiás impossibilitam a emancipação do distrito de Santo Antônio e em especial de Pires Belo. Dentre os vários fatores que não permitiram a emancipação[9] de Pires Belo estão a fraca atividade econômica local voltada basicamente à economia de consumo incapaz de manter um município, a falta de infraestrutura e um número populacional incipiente.

---

[6] Elevou-se à categoria de distrito de Catalão em 31 de janeiro 1844 (IBGE, cidades).

[7] Informações obtidas no IBGE, Agência de Catalão, no sistema de *intranet* do referido órgão, em out. de 2010.

[8] Segundo Mendonça (2004, p. 279), chapadão consubstancia-se num termo regional, para designar as extensas planuras ocupadas com a agricultura moderna, intensiva e comercial.

[9] Ver Lei Complementar n. 04, de 17 de Julho de 1990, Capítulo I referente à criação, a fusão, o desmembramento e a incorporação de municípios. (Anexo 3)

Além desses quesitos exigidos, os quais o distrito de Pires Belo não atende tem-se a promulgação, no Congresso Nacional em 1996, da Emenda Constitucional nº 15, que paralisou o processo de criação de novos municípios. Segundo Dias e Garrido (2008), essa emenda prevê a aprovação de uma lei complementar que irá regulamentar os requisitos para a efetivação das emancipações e instalação de novos municípios. Essa Emenda Constitucional determina que,

> Artigo único – o § 4º do art. 18 da Constituição Federal passa a vigorar com a seguinte redação:
> "Ar t. 18 - .....
> § 4º - A criação, a incorporação, a fusão e o desmembramento de municípios dar-se-ão por lei estadual, dentro do período determinado por lei complementar federal, e dependerão de consulta prévia, mediante plebiscito, às populações dos Municípios envolvidos, após a divulgação dos Estudos de Viabilidade Municipal, apresentados e publicados na forma da lei. (BRASIL, 1996, p. 1).

Para Pinto (2003), essa Emenda tinha como objetivo indicar barreiras para a criação de municípios e diminuir a intensidade dos processos emancipatórios nos estados brasileiros. Esses processos são dificultados porque a constituição além de definir seu período de início, definiu os critérios para elaboração e divulgação de um "Estudo de Viabilidade Municipal", requisito para a elaboração de um plebiscito que envolve não só a população do distrito que deseja emancipar-se, mas todo município. Ainda, em 2010, o estado de Goiás contava com 69 Vilas, como mostra a tabela 1 abaixo.

Tabela 1 - Número de vilas em Goiás de 1960 a 2010 - 2013

	Número de vilas (sedes distritais)					
Classe de tamanho da população das vilas (hab.)	**1960**	**1970**	**1980**	**1991**	**2000**	**2010**
Até 200	10	16	17	15	20	20
De 201 500	25	20	32	27	19	24
De 501 a 1000	10	15	16	19	18	11
De 1.001 a 2.000	3	11	18	7	5	9
De 2001 a 5.000	-	1	10	4	2	2
De 5001 a 10.000	-	-	1		-	1
De 10.001 a 20.000	-	-	1	1	1	2
Mais de 20.000	-	-	-	1	1	2
Total	**48**	**63**	**95**	**73**	**65**	**69**

Fonte: IBGE (2010). Org.: Mesquita, A. P. de (2013)

Como observada na Tabela 1, entre 1960 e 1980 houve um aumento significativo no número de Vilas em Goiás, sendo que a partir de 1991 esse total começou a declinar-se. O crescimento é resultado do processo de urbanização nas regiões de ocupação das áreas mais remotas e áreas de fronteiras do território nacional pelo incentivo de órgãos do governo. Ferreira (1990) ao estudar a evolução e o papel desempenhado pelos distritos na estruturação da fronteira e do urbano no estado do Paraná acrescenta que,

> [...] no processo de urbanização nas regiões de ocupação, caracterizadas de "fronteiras", a criação de pontos de apoio demográfico, denominados de distritos, vinculando-se aos municípios, foram fundamentais e serviram como ponto de apoio urbano, a na cristalização desses pontos como futuras cidades, seja na sua utilização apenas como pontos de apoio demográfico e comercial para a expansão das fronteiras e formação de futuras redes. (FERREIRA, 1990, p. 57).

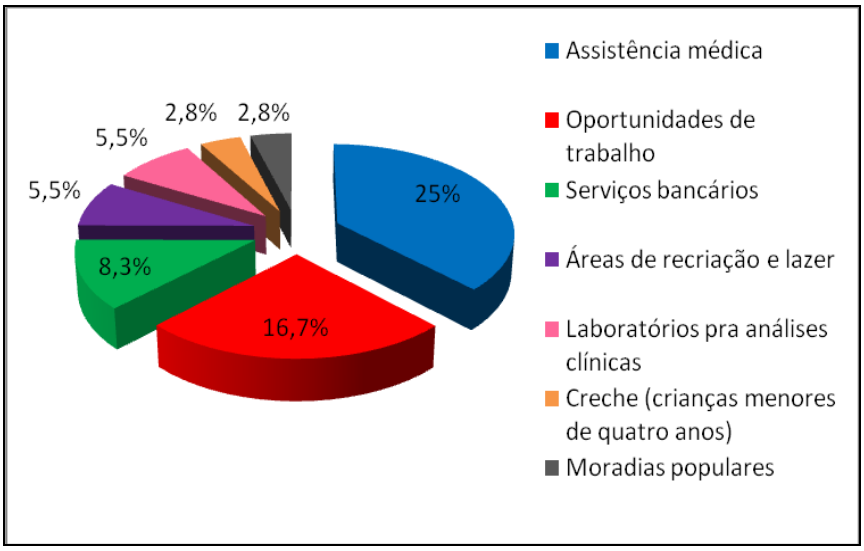
É importante destacar que não são todos os municípios brasileiros que possuem distritos, visto que muitos povoados não conseguem atender os requisitos legais para elevação a essa categoria, além disso, o número de distritos varia muito de um município a outro e entre regiões. Enquanto não possui autonomia administrativa, o distrito fica sob o comando do governo municipal que raramente atende às suas necessidades, e não raras vezes essa é a realidade da maioria dos distritos brasileiros.

A falta de apoio à população local pode ser vista na carência de serviços oferecidos na vila de Pires Belo, principalmente nos que estão relacionado a saúde e a educação. A pouca oportunidade de emprego obriga os jovens a migrarem para as cidades maiores, em busca de melhores condições de vida. Essa migração poderia ser contida com o investimento, pelo Governo Municipal, de postos de trabalho, os quais contribuíriam para o aumento da economia local.

Dentre as principais carências apontadas pelos moradores da vila de Pires Belo estão a falta de médicos especialistas[10] para atendimento diário no posto de saúde da Vila, visto que há em média duas vezes por semana apenas um clínico geral e as consultas com especialistas precisam ser feitas em Catalão (GO). Além da falta de médicos, a pouca oportunidades de trabalho está entre as insatisfações dos moradores da Vila (Gráfico 2).

[10] Os moradores apontam principalmente a falta de um Ginecologista que atenda na Vila, além da falta de laboratórios para exames clínicos, visto que a população precisa se deslocar à Catalão para realizá-los. (Informação verbal, dez. 2013).

Gráfico 2 - Pires Belo, Catalão (GO): principais necessidades dos moradores - 2011



Fonte: Pesquisa de campo (2011/2013). Org. Mesquita, A. P. de. (2013).

Os distritos são negligenciados, também, quanto às pesquisas e aos estudos com interesse em compreender a realidade econômica e social desses lugares e a dependência que mantém com o campo e com a cidade sede, sendo uma temática pouco abordada nas Ciências Sociais e Humanas. Compreender a configuração espacial e as particularidades dos distritos é relevante principalmente na elaboração de políticas públicas e de planos de ação voltados aos interesses e melhorias na qualidade de vida dos moradores de distritos.

3.2 Aspectos econômicos e sociais do distrito de Pires Belo

Conhecer os aspectos econômicos e sociais da Vila permite reconhecer o perfil dos sujeitos pesquisados. Esses fatores são determinantes ao reconhecimento espacial do lugar, o qual apresenta as características da população que o habita. O perfil econômico e populacional da Vila são fatores essenciais à realização da pesquisa, dessa forma, essa subseção tem como objetivo apresentar alguns dados sobre economia, saúde, educação, lazer e dinâmica populacional do distrito de Pires Belo.

A economia do Distrito baseia-se na pecuária leiteira e de corte e em pequenas lavouras de tomate (em média 2ha) para o comércio. A plantação do tomate no Distrito é feita, principalmente, pela prática de arrendamento de terras. Essa prática consiste em cessão de terras ou parte dela pelo proprietário ou usuário, dando a ele o direito de

exploração mediante pagamento em espécie de percentual da produção. Bispo et al. (2007), ao falar sobre o arrendamento de terras no distrito de Pires Belo acrescenta,

> O arrendamento nesta região é feito com pessoas de confiança dos proprietários em que as obrigações das partes envolvidas dependem do acordo estabelecido entre o proprietário da terra e o arrendatário, o contrato não é registrado em cartório. As partes interessadas combinam e cumprem de acordo com o que foi firmado à base da palavra. Na maioria das vezes, cabe ao proprietário apenas a concessão de uso de suas terras. Os gastos com o cultivo, inclusive os da mão-de-obra cabe aos produtores (BISPO, et al., 2007, p. 5).

O cultivo de tomate no Distrito é possibilitado pela necessidade de pequenas áreas para o plantio, geralmente 2ha, por uma quantidade restrita de maquinários (o uso de maquinários acontece apenas na fase de preparação do solo), além de várias atividades que podem ser feitas manualmente (como o plantio e a colheita). É um cultivo que demanda elevada mão de obra o que faz com que o trabalho familiar não seja suficiente, criando uma oferta de emprego junto à população local e atraindo migrantes de outras regiões, principalmente do Ceará e da Bahia, os quais trabalham como diaristas ou como mensalistas, geralmente de março a dezembro, período de plantio às colheitas do tomate.

Esses migrantes do Ceará e da Bahia ficam em alojamentos pagos pelos arrendatários, na vila de Pires Belo. Ficam, em média, seis pessoas por alojamento com pouco conforto e comodidade sendo que durante os meses de dezembro a março voltam para suas terras e suas famílias. Recebem em média, R$900,00 mensais e alimentação durante o período de trabalho. O transporte até as lavouras é feito pelo arrendatário em carro próprio, geralmente sem segurança visto que os trabalhadores são transportados na carroceria das caminhonetes por cerca de 2km.

O emprego de mão de obra externa é essencial para a continuidade dessa atividade no Distrito. Cada arrendatário chega a contratar até nove trabalhadores, variando entre o período de plantio e de colheita e do tamanho da área plantada, desse total apenas 22,2% são moradores da Vila, ou seja, a cada nove trabalhadores contratados apenas dois são oriundos do distrito. O trabalho nas lavouras de tomate não atrai os moradores da Vila, primeiro, pelo baixo salário que recebem diante das condições de trabalho oferecidas, e segundo por ser um trabalho exaustivo que se estende das 7h às 17h de segunda-feira a sábado (Informação verbal, dez. 2013).

As áreas produzidas variam de 1ha a 4ha, cada hectare comporta 10 mil pés de tomate e produz em média 75 caixas por hectare. O preço do tomate muda diariamente e

chegou a variar, em 2013, de R$22,00 a R$50,00 a caixa. O produto é comercializado para São José Rio Preto (SP) e para Uberlândia (MG). Segunda dados do IBGE (2013), o município de Catalão em 2012, colheu 105ha de tomate, com rendimento médio de 60.000kg/ha e está em 33° lugar no ranking da produção de tomate do estado de Goiás.

A agricultura, também, se caracteriza pelo cultivo de milho, feijão e cana-de-açúcar para o autoconsumo. Por apresentar em sua geomorfologia formas de relevo onduladas, características da Depressão do rio São Marcos[11], a região do Distrito não favorece a prática de cultivos mecanizados. De tal modo, a agricultura do Distrito é voltada para o sustento familiar, com pequena produção para o mercado.

Quanto aos aspectos geoambientais do distrito de Pires Belo, Bispo (2011) considera que este apresenta características típicas do Bioma Cerrado, como clima Tropical com duas estações climáticas bem definidas, presença de Latossolos[12], Cambissolos[13] e Cerrado Sentido Restrito[14]. Ainda segundo a autora, a área do Distrito encontra-se bastante explorada pela expansão da agricultura, e no caso de Pires Belo, pela formação de pastagens melhoradas ou cultivadas.

Para atender a população, a Vila conta com uma fábrica de pallets[15] - Global Vision Pack Brasil Ltda (GVP) - que oferece emprego direto à aproximadamente 30 trabalhadores do distrito de Pires Belo, e a alguns moradores do distrito de Santo Antônio do Rio Verde. Além da fábrica, dois restaurantes (Restaurante dos Carapinas e Restaurante

[11] De acordo com Ferreira (2003), a Depressão do Rio São Marcos é uma compartimentação geomorfológica da Região do Chapadão de Catalão e possui um nível altimétrico em torno de 750 metros e maior movimentação topográfica determinada pelo grau de dissecação e efeitos tecnogenéticos. Sua morfologia em geral é caracterizada por formas convexizadas, elaboradas em metassedimentos do Grupo Araxá e resistências de afloramentos granitoides.

[12] Latossolos, que são solos profundos, textura média a muito argilosa. Apesar de sua textura, apresentam um comportamento físico-hídrico similar ao dos solos arenosos, com alta capacidade de infiltração, alta porosidade, baixa capacidade de retenção de água e de troca de cátions, média susceptibilidade à compactação e relativamente baixa capacidade de erosão (FERREIRA, 2003, p. 189).

[13] Compreendem solos constituídos por material mineral, que apresenta horizonte A ou hístico com espessura < que 40 centímetros seguido de horizonte B incipiente subjacente a qualquer tipo se horizonte superficial, desde que em qualquer dos casos não satisfaçam os requisitos estabelecidos para serem enquadrados em outras classes (FERREIRA, 2003, p. 109).

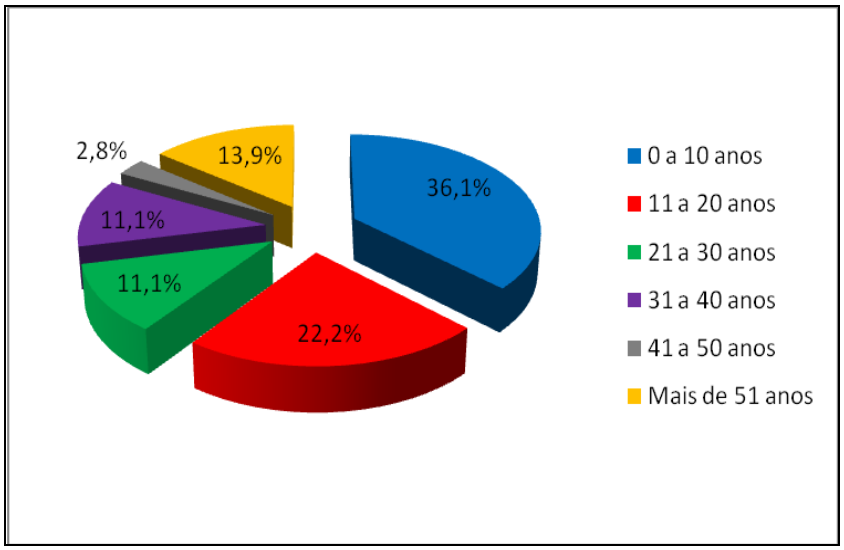
[14] Cerrado sentido restrito – caracteriza-se pela presença de árvores baixas, inclinadas, tortuosas, com ramificações irregulares e retorcidas, geralmente com evidências de queimadas. Os arbustos e subarbustos encontram-se espalhados, com algumas espécies apresentando órgãos subterrâneos perenes (xilopódios), que permitem a rebrota após queima ou corte. Na época chuvosa os estratos subarbustivo e herbáceo tornam-se exuberantes devido ao seu rápido crescimento. Os troncos das espécies lenhosas em geral possuem cascas com cortiça grossa, fendida ou sulcada, e as gemas apiciais de muitas espécies são protegidas por densa pilosidade (FERREIRA, 2003, p. 61).

[15] Pallet ou pálete é um estrado de madeira, metal ou plástico utilizado para movimentação de cargas. Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Palete>. Acesso em: 22 dez. 2013.

Sertanejo) e um Posto de Combustível (Posto Eldorado), o colégio Estadual (Carolina Vaz da Costa) e a Creche Municipal (Eva Francisca de Mesquita) contribuem para economia local e para oferta de emprego, principalmente à feminina.

O tempo médio de residência dos moradores entrevistados variam de 6 meses a 74 anos (Gráfico 3)o que mostra que o distrito ainda atrai moradores de outras regiões e estados do Brasil. Nos últimos 15 anos, o distrito vem atraindo migrantes (Ceará, Minas Gerais, Maranhão e Bahia) para trabalharem nas plantações de tomate e soja da região as quais necessitam de grande quantitativo de mão de obra por demandar muito trabalho braçal.

Gráfico 3 - Pires Belo, Catalão (GO): tempo médio de residência - 2011

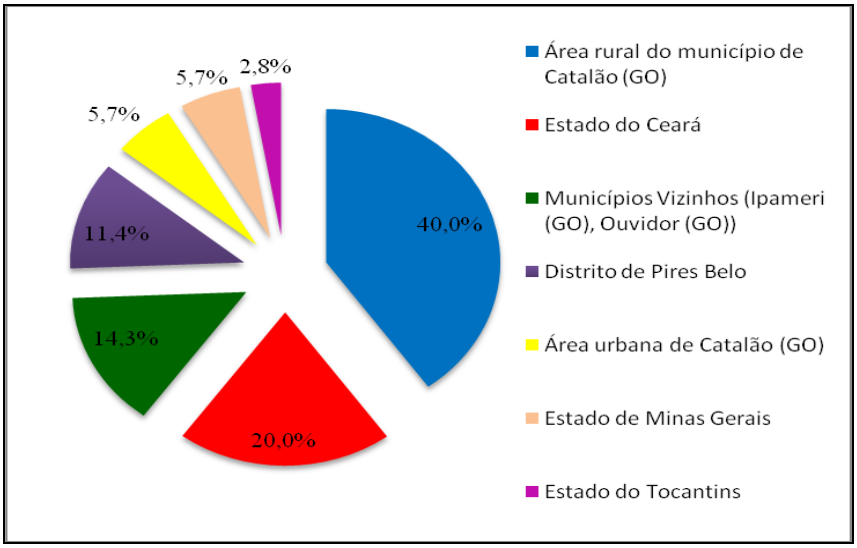


Fonte: Pesquisa de campo (2011/2013). Org. Mesquita, A. P. de. (2013).

Os habitantes da Vila vieram, em maioria (40%), das áreas rurais do entorno, principalmente da região conhecida como *Fazenda Pires*. Outra fração representativa da população da Vila é de migrantes que trabalham nas áreas rurais do Distrito ou na fábrica de pallets. Esses migrantes vieram, principalmente, do Ceará (20%) e de Minas Gerais (5,7%) (Gráfico 4). Estão na Vila em média a 6 anos e possuem uma vida com poucos recursos (geralmente um salário mínimo[16] por família) e, ainda, pagam aluguel. O sustento da família é assegurado pelo trabalho dos homens nas áreas rurais do Distrito, sobretudo, em lavouras de tomate.

[16] Valor salarial de R$ 678,00, referente ao mês de dezembro de 2013.

Gráfico 4 - Pires Belo, Catalão (GO): origem da população residente – 2011



Fonte: Pesquisa de campo (2011/2013). Org. Mesquita, A. P. de. (2013).

O motivo da vinda de migrantes para o Distrito deve-se a vários fatores, dentre eles: a) a oferta de emprego; b) a tranquilidade do local; c) o baixo custo de vida e; d) melhores condições de alimentação, e e) melhor assistência técnica-hospitalar se comparados à suas regiões de origem. No que condiz à oferta de emprego, além da necessidade de mão de obra nas lavouras de tomate, milho e soja (homens), há na área urbana do Distrito opções de trabalho para a população feminina (restaurantes e fábrica de pallets). Apesar de baixa remuneração, se equiparada à cidade de Catalão, por exemplo, essas oportunidades de trabalho se tornam atrativas aos migrantes.

Outro dado representativo, no Gráfico 4, é conferido à população que reside no distrito a mais de 51 anos (13,9%), em que a mudança para Vila ocorreu, geralmente, na década de 1940. Esse quantitativo pode ser relacionado às características populacionais brasileiras da época, na qual, as taxas de urbanização da população aumentaram constantemente a partir da década de 1940, fato atribuído principalmente à política territorial concentradora e integradora dos governos militares, à centralização e ao expansionismo da Era Vargas e às ações de interiorização de Juscelino Kubitschek.

Referente à religiosidade do local, assim como grande parte das vilas e das cidades interioranas, a vila de Pires Belo iniciou seu desenvolvimento em torno da igreja Católica de São Sebastião (Foto 1), onde estão situadas as casas mais antigas bem como todos os comércios locais.

Foto 1 - Pires Belo, Catalão (GO): Igreja Católica de São Sebastião. Ao fundo, BR-050 - 2013

Fonte: Pesquisa de campo (2013). Autora: Mesquita, A. P. de.

Além da Igreja Católica, há na Vila cinco unidades de igrejas protestantes (Deus é Amor, Assembleia de Deus, Congregação Cristã, Metodista Renovada e Igreja de Deus) que abrange parcela significativa da população local, 19,8% dos entrevistados são Evangélicos enquanto 78,2% são católicos, dados que não diferenciam da opção religiosa da população brasileira, que segundo o IBGE (2010), 73,6% dos brasileiros se declaram como Católicos e 22,2% como Evangélicos.

Na Vila, as atividades comerciais, os serviços e os equipamentos urbanos estão distribuídos ao longo da Avenida Central (Foto 2). Assim, é a via com maior movimento de pessoas e de veículos. Seja pela concentração dos serviços urbanos e pela localização nas proximidades da BR-050 ou por permitir o acesso ao distrito de Santo Antônio do Rio Verde. No restante da Vila, predomina-se o uso residencial, a não ser pela presença de salões de beleza e alguns bombonières[17] .

[17] Bombonière é um estabelecimento comercial onde se vendem doces, balas, chicletes, chocolates, refrigerantes, sucos, guloseimas em geral e sorvetes. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Bomboniere>. Acesso em: 30 dez. 2013

Foto 2 – Pires Belo, Catalão (GO): vista parcial da Avenida Central - 2013

Fonte: Pesquisa de campo (2013). Autora: Mesquita, A. P. de.

Os estabelecimentos comerciais localizam-se a direita da Avenida Central, enquanto os três *pit dogs*[18] concentram-se a esquerda da Vila. Essa avenida, paralela a BR-050 se estende em todo o perímetro urbano do distrito. Quanto à assistência aos moradores, a Vila conta com o Posto de Saúde José Rodrigues da Cruz; o Posto de Medicamentos[19] de Pires Belo; o Colégio Estadual Carolina Vaz da Costa; a Creche Municipal Eva Francisca de Mesquita; o Centro Comunitário; a quadra de esportes Edson Ribeiro Rosa; a casa de velórios, a agência de Correios e alguns estabelecimentos comercias (Tabela 2) como as mercearias[20] que servem para suprimento das necessidades mais imediatas da população.

[18] Gíria do centro-oeste usada para definir pequenas lanchonetes que geralmente fica em trailers ou calçadas. INFORMAL, 2013). Disponível em: < http://www.dicionarioinformal.com.br/pit%20dog/>

[19] Posto de medicamentos é um estabelecimento que comercializa alguns tipos de produtos alopáticos, embora não disponha da presença de um farmacêutico e não comercializa remédios controlados (MELO, 2008).

[20] Lojas onde se vendem gêneros alimentícios de grande consumo; loja de secos e molhados; armazém venda. (FERREIRA, 1988).

Tabela 2 - Pires Belo, Catalão (GO): estabelecimentos comerciais, segundo tipo e quantidade - 2013

Descrição	Quantidade
Açougue	3
Agência do Correios	1
Bares, lanchonetes	4
Correspondente bancário da C E F - Caixa Aqui	1
Fábrica de farinha e polvilho	1
Fábrica de pállets	1
Frutaria	1
Hospedagem (hotel, pensão)	1
Lan house	1
Locadora de filmes	1
Loja de produtos agropecuários	2
Loja de utilidades	1
Material para construção, madeiras, tubos, conexões	1
Mercearia	3
Oficina Mecânica e borracharia	1
Panificadora, padaria, biscoitaria	4
Pit dogs	3
Posto de combustíveis**	2
Posto de medicamentos	1
Restaurante	4
Supermercado	1
Salão de beleza	3
Total	**44**

Fonte: Pesquisa de campo (2013). Org.: Mesquita, A. P. de.
* Os dois postos de combustível estão localizados fora do perímetro urbano do Distrito.

Esses estabelecimentos são pequenos (Fotos 3 e 4) e oferecem pouca variedade de produtos à população. Boa parte dos moradores (77%) compram os gêneros de consumo familiar (gêneros alimentícios e vestuários) em Catalão (GO) e deixam para comprar na Vila apenas os produtos alimentares de necessidade mais imediata. Como justificativa tem-se o alto preço dos produtos nos bares e mercearias locais em relação aos preços e à diversidade encontrados nos supermercados da cidade de Catalão (GO). O alto preço e a baixa diversidade dos produtos, na Vila, podem ser explicados pela reduzida escala de compras dos comerciantes locais e pelo custo do transporte dos mesmos até Pires Belo, o que influencia diretamente no preço de revenda adotado por eles (Informação verbal, pesquisa de campo, jun. 2013).

Foto 3 - Pires Belo, Catalão (GO): vista da fachada do Açougue e Mercearia Pires Belo - 2013

Fonte: Pesquisa de campo (2013). Autora: Mesquita, A. P. de.

Foto 4 – Pires Belo, Catalão (GO): vista da fachada do Maura Restaurante e biscoitaria – 2013

Fonte: Pesquisa de campo (2013). Autora: Mesquita, A. P. de.

Como observado nas Fotos 3 e 4, os pontos de comercio da Vila, em geral, são pequenos e atendem apenas às necessidades mais imediatas da população. A maioria dos bares, lanchonetes, mercearias e restaurantes são conjugados com as residências dos proprietários e representam uma extensão das moradias. Esse fato permite que os fregueses, mesmo em horários em que o comércio está fechado, adquiram os produtos necessitados ao chamar o proprietário em sua casa. Essa é uma atitude normal para os comerciantes da Vila que várias vezes atendem aos clientes em finais de semanas ou feriados, fato que mostra a confiança e a solidariedade entre os moradores.

Quanto ao deslocamento até a cidade de Catalão (GO), há a cada três horas em média, um ônibus que faz as linhas Catalão/Pires Belo, Catalão/Pires Belo/Santo Antônio do Rio Verde (Viação Ipanema), além das linhas de ônibus intermunicipais, dos municípios de Campo Alegre de Goiás (GO) e Cristalina (GO) (Viação Anapolina)[21] o que facilita e intensifica o acesso à Cidade (Foto 5). Esse meio de transporte é utilizado pelos moradores para a realização consultas médicas e exames clínicos, compras de supermercado e vestuário, produtos de farmácia e produtos agropecuários.

Nesse contexto, foi verificado através das entrevistas, que 82,8% dos

[21] O preço das passagens nas linhas Catalão/Pires Belo e Pires Belo/Catalão variam de R$3,50 (Viação Anapolina) a R$4,00 (Viação Ipanema) (Informação verbal, dez. 2013).

entrevistados fazem o trajeto até Catalão de ônibus, e somente 28,6% utilizam veículo próprio. Tal fato justifica-se pelo baixo poder aquisitivo da população local. Dentre os entrevistados, 62,8% recebem entre 1 e 2 salários mínimos[22] e apenas 34,3% possuem transporte próprio. Outro fator a ser considerado é o preço relativamente baixo da passagem de ônibus (entre R$ 3,50 e R$ 4,00 - valor referente à dez. 2013), fazendo com que o deslocamento de ônibus seja mais compensativo que o trajeto de veículo próprio.

Foto 5 - Pires Belo, Catalão (GO): transporte coletivo diário com destino à cidade de Catalão (GO) - 2013

Fonte: Pesquisa de campo (2013). Autora: Mesquita, A. P. de.

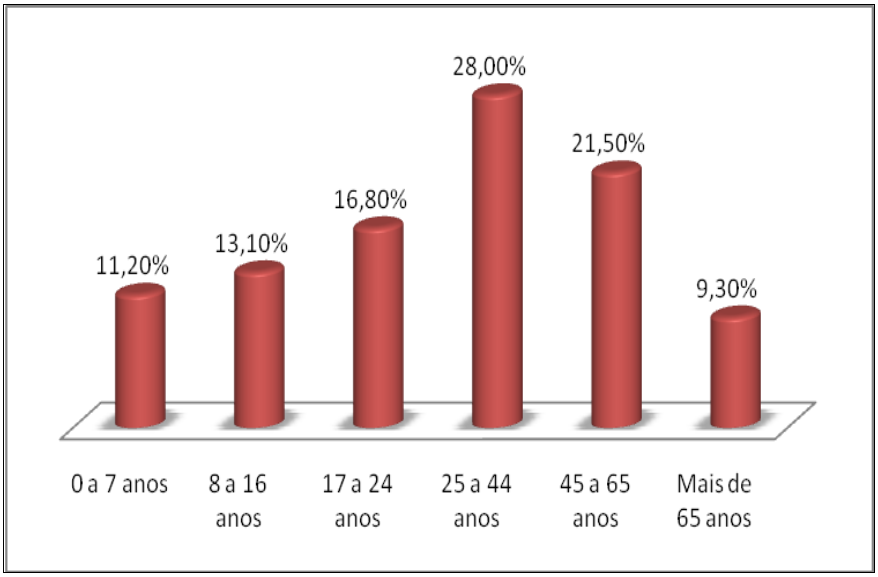
Outro meio de transporte utilizado pelos moradores é a motocicleta, empregada principalmente no percurso entre a Vila e as áreas rurais. A escolha desse meio de transporte para o trabalho no campo é feita pelo preço mais acessível do veículo e pelo menor gasto de combustível (Informação verbal, pesquisa de campo, jun. 2013).

Além das outras fontes de renda como o trabalho nas áreas rurais, na fábrica, nas escolas e nos restaurantes da Vila, a aposentadoria, é uma importante fonte de renda para a população local, visto que 20% dos entrevistados tem a aposentadoria como fonte de renda principal, ou mesmo com complemento da renda. Embora, seja representativo o número de aposentados no distrito, este dado não indica o envelhecimento da população, já que os habitantes da Vila não se constituem, em sua maioria, de idosos (Gráfico 5). Mesmo

[22] Valor salarial de R$ 678,00, referente ao mês de dezembro de 2013.

que os jovens (15 a 25 anos), originários da Vila, migrem para outras cidades, principalmente para Catalão (GO), para estudarem e/ou trabalharem, a vinda de migrantes de outras regiões consegue suprir e elevar o número de jovens e adultos.

Gráfico 5 - Pires Belo, Catalão (GO): idade da população - 2011



Fonte: Pesquisa de campo (2011/2013). Org.: Mesquita, A. P. de. (2013)

Como observado no Gráfico 5, a faixa etária entre 25 e 44 anos que representa a população em idade ativa, compõe a maior porcentagem dos habitantes da Vila. Mesmo com a evasão de jovens para outras cidades, causada pela pouca oportunidade de emprego, a Vila pode ser considerada um lugar próspero, pois há um significativo contingente populacional que vêm de outras regiões principalmente pela oferta de emprego nas lavouras de tomate. Os trabalhos temporários[23] e instáveis nas áreas rurais não atraem a população, principalmente os jovens locais, mas se tornam atrativas aos migrantes de outras regiões.

Desde o ano de 2007 até 2010 (último Censo), a população do distrito obteve um aumento de 13,61% (passando de 1205 moradores, em 2007, para 1369, em 2010) e isso mostra que o Distrito não se estagnou ou encontra-se numa regressão populacional (Quadro 2).

[23] Esses trabalhadores recebem de R$ 50,00 a R$ 60,00 por dia de serviço ou são contratados durante o período de safra, entre março e dezembro e recebem de R$900,00 a R$1000,00 mensais, é um contrato informal sem registro na carteira de trabalho (Informação verbal, dez. 2013).

Tabela 3 - Pires Belo, Catalão (GO): evolução da população, 2007 e 2010

Distrito	2007					2010				
	Total (hab.)	**Urbano**	**Em %**	**Rural**	**Em %**	**Total** (hab.)	**Urbano**	**Em %**	**Rural**	**Em%**
Pires Belo	1.135	723	63,70	412	36,29	1.369	1.021	74,57	348	25,42

Fonte: Bispo (2011). Org.: Mesquita, A. P. de. (2013).

Esse aumento no número de habitantes e o crescimento da Vila não anulam seus conteúdos rurais, já que a permanência desses conteúdos é garantida pelo modo de vida da população. "[...] São as relações estabelecidas cotidianamente pelas pessoas que lá residem que definem a realidade como urbana ou rural." (BAGLI, 2006, p. 120). É preciso compreender o rural e suas características, como algo em constante processo de transformação e superar a ideia de que para ser rural é preciso está estagnado no tempo e na história. De acordo com Bagli (2006),

> [...] é do embate travado entre tradição e modernidade que se torna possível encontrar a transitoriedade para construir um caminho presente que ligue passado e futuro. Fato é que esse embate pode contribuir para reafirmar uma identidade ameaçada, gerar lenta ou rápida dissolução, ou até mesmo promover uma reorganização global do conjunto. O que não pode ser descartado é que a mudança é algo intrínseco ao processo. É criação, recriação e perda a todo o momento. Caso contrário, ainda estaríamos lascando pedra, comendo carne crua e mudando de lugar sempre que a alimentação se tornasse insuficiente para alimentar todo o bando. (BAGLI, 2006, p. 190).

Nos dizeres de Bagli (2006), as mudanças são inerentes à história que não é linear, ou seja, não segue um padrão de mudança e permanência. É preciso superar a ideia do rural como arcaico ou como sinônimo de falta de infra-estrutura, a qual não permite a análise das diversas contradições expressadas no processo de produção e reprodução do espaço, além de criar visões monolíticas e estanques da realidade.

Nosso desafio é aceitar as mudanças e romper com os mitos e os falsos paradigmas que impedem a compreensão das especificidades dos espaços campo e cidade e dos modos de vida urbano e rural bem como da amplitude desses processos. Essas mudanças impulsionam novas formas de refletir o rural e o urbano, reconhecendo suas especificidades asa quais se traduzem na dimensão territorial e social brasileira.

4 PEQUENOS NÚCLEOS URBANOS E A RELAÇÃO RURAL/URBANO

***Pequenas cidades**: o sertão era aqui*

Outra vez te revejo,
Cidade da minha infância pavorosamente perdida...
Cidade triste e alegre, outra vez sonho aqui...
Eu? Mas sou eu o mesmo que aqui vivi, e aqui voltei,
E aqui tornei a voltar, e a voltar.
E aqui de novo tornei a voltar?
Ou somos todos os Eu que estive aqui ou estiveram,
Uma série de contas-entes ligadas por um fio-memória,
Uma série de sonhos de mim de alguém de fora de mim?
[...]
Outra vez te revejo,
Mas, aí, a mim não me revejo!
Partiu-se o espelho mágico em que me revia idêntico,
E em cada fragmento fatídico vejo só um bocado de mim – Um bocado de ti e de mim!...

Fernando Pessoa

4 PEQUENOS NÚCLEOS URBANOS E A RELAÇÃO RURAL/URBANO

O estudo de pequenos núcleos urbanos na sociedade contemporânea requer uma investigação que reconheça as relações entre o campo e a cidade, os quais embora apresentem conteúdo social e histórico específicos, só podem ser compreendidas na sua totalidade. Nesse intuito, essa seção tem como objetivo apresentar debates e definições sobre os pequenos núcleos urbanos os quais permitem a compreensão da dinâmica territorial brasileira e em especial da vila de Pires Belo. Elaborou-se, também, uma discussão sobre as principais teorias rural/urbano e campo/cidade, ressaltando a importância da leitura dessa relação para o desvendamento de pequenos núcleos urbanos como a Vila

Há realidades que se assemelham ao modo de vida reconhecido tradicionalmente como rural inseridas em um contexto urbano, como algumas vilas, sedes de distritos. Esses fenômenos estão cada vez mais presentes na atualidade, como resultados da intensificação de trocas do mundo rural com o urbano, as quais extinguem as fronteiras e implicam em uma maior riqueza de relações. A análise desses espaços, como resultantes das influências rurais e urbanas, sugere ultrapassar a dicotomia rural/urbano e considerar as relações cotidianas estabelecidas entre os habitantes e o lugar, as quais possuem influência direta na reprodução do espaço.

É necessário considerar que são reconhecidas as diferenças conceituais entre os pares rural/urbano e campo/cidade utilizados no texto, visto que, conforme esclarece Biazzo (2008), campo e cidade são formas concretas, materializam-se e compõem as paisagens produzidas pelo homem, enquanto urbano e rural são representações sociais, conteúdos das práticas de cada sujeito, cada instituição e cada agente na sociedade. Considera-se campo/cidade como formas espaciais e rural/urbano como conteúdo, esses conteúdos ultrapassam as fronteiras físicas do campo e da cidade. Dessa forma, para clarificar os conceitos sobre distritos, vilas e municípios, utilizados no trabalho apresenta-se algumas definições as quais caracterizaram o objeto de pesquisa.

Nessa seção foram destacados: a) distinções conceituais sobre vila, distrito, município e cidade; b) estudos e teorias sobre a interpretação de pequenos núcleos urbanos; c) relações entre rural/urbano e campo/cidade como os atuais papeis e as atribuições desses dois setores.

4.1 Município, distrito e vila: uma distinção necessária

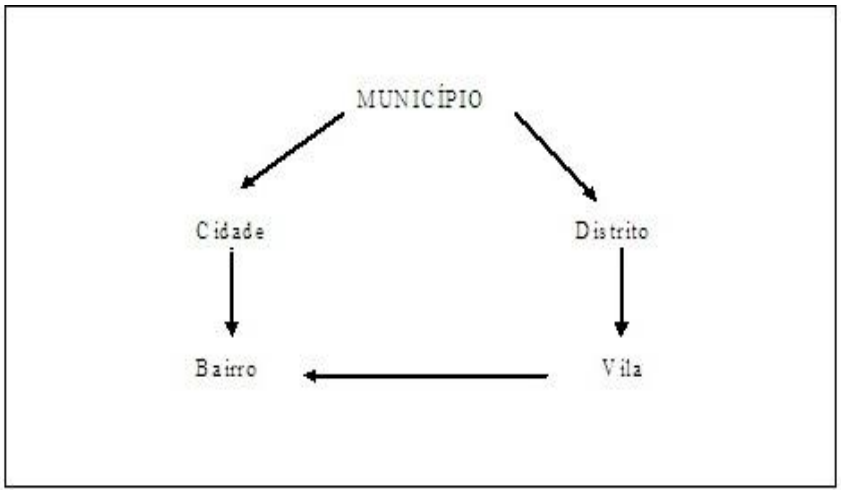
Para análise da realidade socioespacial do distrito de Pires Belo, principalmente da sua área urbana e as suas consequentes relações com as áreas rurais do entorno e com o a cidade de Catalão, fez-se uma distinção dos conceitos município, vila e distrito, com vistas a esclarecer os termos usados nesse trabalho. Não é nosso intuito estabelecer comparações, análises e classificações, mas sim apresentar as definições dos termos, município, distrito e vila que foram utilizadas no trabalho.

Os municípios constituem-se em unidades autônomas de menor hierarquia dentro da organização político-administrativa do Brasil (IBGE, 2001). No Brasil, os municípios são considerados como o conjunto formado pela zona rural e pela zona urbana. Para o IBGE (2001), a zona rural se constitui pela população e domicílios recenseados em toda a área fora dos limites urbanos, inclusive os aglomerados rurais de extensão urbana e o urbano constitui-se as pessoas e domicílios recenseados nas áreas urbanizadas ou não que correspondem às cidades, às vilas ou às áreas urbanas isoladas (WANDERLEY, 2001).

A criação, incorporação, fusão ou desmembramento de um município é feita por leis estaduais, observada a continuidade territorial, a unidade histórico-cultural do ambiente urbano e os requisitos previstos em Lei Complementar Estadual. São regidos por leis orgânicas, e podem criar, organizar e suprimir distritos "[...] o município é formado pelo seu distrito-sede, cujo principal núcleo urbano recebe o nome de cidade, e pelos demais distritos que porventura existirem, cujo principal núcleo recebe o nome de vila." (PINTO, 2003, p. 58). Além dos distritos, as sedes municipais são subdivididas em bairros caracterizados como partes delimitadas da cidade, sendo que não ultrapassam o limite administrativo e adquirem outra conotação de localidade (Figura 1).

Enquanto ao termo cidade, no Brasil, designa o centro urbano e a sede municipal, mesmo sem considerar o número de habitantes. Segundo Pinto (2003) não é todo centro urbano que pode ser considerado uma cidade, este precisa ser, também, a sede municipal assim, existem muitos centros urbanos, com vida econômica autônoma, que não podem ser denominados cidades justamente por não serem sedes municipais, como é o caso de alguns distritos brasileiros.

Figura 2 – Estrutura política do município brasileiro - 2013



Fonte: Pinto (2003). Org.: Mesquita, A. P. de. (2013)

De acordo com Carlos (2007a), o cálculo de cidades através de definições político-administrativas diz muito pouco sobre a realidade brasileira, além disso, a definição de cidade como sede municipal já foi descartada pela Geografia Urbana há décadas, pois urbano e rural são conceitos que reproduzem uma realidade social concreta e essa delimitação diz muito pouco sobre o processo de urbanização atual. "Em primeiro lugar, porque não se pode confundir processo de urbanização com densidade demográfica, nem tampouco cidade com sede de município" (CARLOS, 2007a, p. 105). Para tanto, o processo atual de urbanização brasileira não deve ser medido por indicadores demográficos ou por delimitações entre o rural e o urbano.

Ainda sobre o conceito de cidade, segundo Pinto (2003), este termo foi usado para designar centro urbano ou centro populacional permanente com funções urbanas e políticas. Ao considerar essa definição, os municípios brasileiros poderiam ter várias cidades, fato que foge da realidade brasileira visto que muitos centros urbanos, com vida econômica autônoma, não podem ser considerados cidades por não serem sedes municipais, como é o caso dos distritos.

Por sua vez, os distritos são unidades administrativas dos municípios, criados por lei municipal, observados os requisitos previstos em lei estadual. O distrito é uma subdivisão do município, que tem como sede a vila. Esse não possui uma autonomia administrativa e funciona como um local de organização da pequena produção e de atendimento das primeiras necessidades da população residente em seu entorno, cujo comando fica a cargo da sede do município. Segundo Pinto (2003),

> o distrito tem a mesma denominação da sua vila e somente pode ser criado por meio de lei municipal. No entanto, os requisitos exigidos para a criação de um distrito são estabelecidos por meio de lei estadual. O município não pode, por si só, instalar distritos adotando critérios próprios. Faz-se necessário que um povoado atenda todas as exigências determinadas pela legislação estadual para que o município, por meio de lei municipal aprovada pela Câmara de Vereadores local, o eleve à categoria de distrito. (PINTO, 2003 p. 57).

Embora o distrito se localize na zona rural do município, sua sede, a vila é considerada urbana e a população residente é contabilizada pelos Censos e dados oficiais como população urbana. Segundo Dias (2010), nas notas metodológicas do Censo Demográfico de 2000, realizado pelo IBGE, constituem áreas urbanas: (a) todas as sedes municipais, que são definidas por lei como cidades; (b) as sedes distritais, definidas como vilas; (c) as áreas urbanas isoladas, separadas de uma cidade ou vila por uma área rural, ou outro limite legal.

Contudo, a simples delimitação espacial do que se acredita ser o urbano ou o rural não consegue revelar as características e a relação socioespacial da Vila. É preciso ir além do contexto territorial e buscar respostas através das relações sociais e do cotidiano, assim como compreender como os indivíduos se relacionam entre si, com o lugar e como transformam o espaço, visto que os conteúdos e as características rurais ou urbanas manifestam-se por meio das relações humanas.

A partir dessas considerações a Vila é analisada como espaço urbano e busca-se demonstrar a presença de elementos e do modo de vida rural. Dessa forma, estudou-se a Vila por meio de teorias que buscam conceber esses lugares, que embora sejam contabilizadas como áreas urbanas, não saíram da condição de rural. A seguir analisa-se como os pequenos núcleos urbanos se inserem na rede de cidades e quais os elementos fundamentais são considerados no estudo desses lugares.

4.2 A influência do rural nos pequenos núcleos urbanos

O debate acadêmico em torno das interpretações campo/cidade é renovado a partir de eventos e ações que inserem e modificam o que até então era entendido como rural ou como urbano. Novos estudos sobre os pequenos núcleos urbanos se inserem nesse contexto, e devem realizar-se em face dessas novas abordagens sobre o campo e a cidade, pois é ao entender o rural e o urbano como partes de um mesmo processo que se reconhece

esses espaços. Busca-se nessa subseção mostrar a importância do estudo dos pequenos núcleos urbanos no desenvolvimento das relações entre o rural e o urbano, bem como para apreender a configuração socioespacial em tais espaços.

É importante considerar que apesar de ainda poucos, cresce no Brasil, em especial nos estudos geográficos e na Sociologia Rural, o interesse de pesquisadores por temas que discutam pequenos núcleos urbanos, cidades médias, cidades pequenas e distritos como nos trabalhos de Wanderley (2001); Soares (2007); Melo (2008); Silva (2008); Monastiky et al. (2009), Araújo e Soares (2009); Lopes e Henrique (2010); Fresca (2010); Casaril (2010) dentre outros que buscam compreender as dinâmicas espaciais e econômicas dessas localidades.

São apresentadas discussões sobre pequenos núcleos urbanos e pequenas cidades desenvolvidas no Brasil, sem a pretensão de caracterizar, diferenciar, ou mesmo, conceituar o que seja uma pequena cidade através de dados estatísticos e normas administrativas (IBGE; IPEA). Acredita-se que apenas os dados numéricos não traduzem as dinâmicas dos núcleos urbanos nem são sinônimos da realidade desses lugares, principalmente ao considerar as discrepâncias regionais brasileiras.

Como exemplo, dessa discrepância regional, podemos citar a realidade do estado de Goiás em que a maioria das cidades com mais de 20 mil habitantes não podem ser consideradas uma pequena cidade devido às funções exercidas no contexto estadual, diferente de uma cidade com o mesmo número de habitantes em São Paulo. Isso mostra a diferença de uma pequena cidade em escalas estaduais e nacionais.

A complexidade das cidades e do urbano brasileiro traduz-se em dificuldades de análises que contemplem essas realidades. É preciso encontrar caminhos que permitam compreender essas áreas para melhor desenvolvimento e atendimento de suas necessidades locais. É importante considerar o contexto regional em que esses núcleos urbanos estão inseridos bem como a dinamicidade do processo de urbanização no país.

A qualificação ou não de cidade precisa ir além do número populacional e esse critério, embora se apresente como um caminho, não deve engessar as discussões e análises sobre o tema, pois a vida de relações presentes no local deve definir seu contexto urbano ou rural. O modo de vida rural na Vila é caracterizado pelas artes de fazer dos moradores nas suas práticas cotidianas: no trabalho, nas relações de sociabilidade, nos momentos de lazer, enfim, é no desenrolar da vida dos sujeitos que se reconhece um modo de vida rural.

Considerou-se neste trabalho as vilas, sedes distritais, como pequenos núcleos urbanos diante da dificuldade de conceituar e definir esses espaços, os quais não representam núcleos rurais, pois são legalmente definidas como áreas urbanas e não podem ser consideradas cidades, já que as vilas não são núcleos dotados da função de sede municipal. Segundo Corrêa (2011),

> [...] reconhecemos que inúmeras vilas e povoados têm funções urbanas, mas o padrão dominante diz respeito à presença da função político-administrativa. Ser sede municipal significa certo poder de gestão de um dado território, o município, para o qual a presença de instituições e serviços públicos, além do acesso a tributos estaduais e federais tornam-se essenciais. (CORRÊA, 2011, p. 6).

Como as vilas não representam a sede do poder municipal e nem possuem autonomia administrativa não são consideradas cidades. Essa é uma questão discutida em estudos sobre a classificação de áreas urbanas e rurais, principalmente, quanto a pertinência em considerar os distritos como urbanos e integrantes efetivamente do sistema de cidades.

Abramovay (2003) não concorda com o critério de delimitação administrativa, o qual considera no Brasil, as localidades com extensão de serviços públicos como áreas urbanas, como é o caso de sedes distritais. A partir dessas constatações, Abramovay (2003) pondera que o essencial não é apenas saber se um distrito censitário é rural ou urbano, mas sim, qual é a dinâmica de certa região, sem que sua aglomeração seja isolada do seu entorno. Dessa forma, é importante analisar as relações desses pequenos núcleos urbanos com o meio rural - do qual dependem imediatamente e com as cidades - que lhe imprimem o essencial de sua dinâmica.

Outro autor que menciona a realidade dos distritos e vilas em seus trabalhos é Veiga (2004). O autor considera que o processo de urbanização brasileira contém regras que não condizem com a realidade urbana e rural. Umas delas é considerar urbana toda sede de distrito, sejam quais forem suas características. Para fugir dessas classificações, Veiga (2002) chegou a propor um critério de contagem que mesclava tamanho populacional, densidade demográfica e localização da área. Segundo esse critério a população rural seria 30% da população brasileira, ou seja, o Brasil seria menos urbano do que se calcula.

Embora seja relevante a crítica de Veiga (2002, 2004) às delimitações oficiais do Governo, o autor acaba por simplificar a ação social e histórica pela “pressão

antrópica[24]" e não considera critérios relevantes como as contradições profundas no espaço e as complexas relações sociais que não podem ser desprezadas frente às atuais relações entre o campo e a cidade. Nos dizeres de Carlos (2007a),

> a ideia de "pressão antrópica sobre a natureza" e de "artificialização dos ecossistemas" nada explica sobre o que se constrói enquanto cidade e campo como produtos das ações de uma sociedade real. A limitação do papel da sociedade a uma indefinida 'ação antrópica' reduz o entendimento do espaço a um quadro físico inerte, passível de sofrer maior ou menor intervenção humana, atestando um processo de 'naturalização da sociedade' pela análise. (CARLOS, 2007a, p. 105, grifos da autora).

As últimas cinco décadas foram marcadas por um processo de transformação tecnológica, econômica, social e política que influenciaram a sociedade em geral, e como consequência as cidades. Essas transformações, que promoveram mudanças nas relações de tempo e espaço, suscitaram alterações na concepção de produção e gestão das cidades e, também, possibilidades de integração e organização com novas fronteiras entre cidade e região, cidade e campo sem distinções rígidas (SOARES; MELO, 2004).

Há uma variedade de fatores que devem ser considerados no estudo dos pequenos núcleos urbanos como a relação com o entorno rural, a dependência de um sistema urbano regional, suas funções urbanas e o modo de vida que apresentam. Mesmo porque a compreensão desses lugares implica no reconhecimento de todo um sistema urbano sem o qual não é possível uma análise eficaz. Uma vez que há um número considerável de pequenas cidades no país, assim estudos que as envolvam são de suma importância, principalmente em estudos geográficos.

Frente a importância de estudos que consideram os pequenos núcleos urbanos, ainda na década de 1970, Santos (1979), realiza um trabalho sobre as pequenas cidades, denominadas pelo autor de *cidades locais* e argumenta que é preciso analisar as estatísticas e a realidade brasileira para avaliar essa nova realidade urbana que merece tanto interesse quanto às grandes cidades. Para Santos (1979) uma *cidade local* é,

> [...] a dimensão mínima a partir da qual as aglomerações deixam de servir às necessidades da atividade primária para servir as necessidades inadiáveis da população com verdadeira especialização do espaço [...] poderíamos então definir a cidade local como a aglomeração capaz de responder às necessidades vitais mínimas, reais ou criadas, de toda uma

[24] Segundo Veiga (2004) a "pressão antrópica" seria um indicador do grau de artificialização dos ecossistemas e do efetivo grau de urbanização de territórios, ou seja, um indicador que melhor refletiria as modificações do meio natural resultante das atividades humanas.

> população, função esta que implica uma vida de relações. (SANTOS, 1979, p. 70).

Nota-se que, para designar uma *cidade local*, o autor não faz referência à quantidade populacional ou territorial, visto que há uma diversidade de pequenos núcleos urbanos no Brasil. Assim, quando se referencia pela quantidade populacional ou pela infra-estrutura existente, as *cidades locais* sujeitam-se a modelos que nem sempre resultam em realidades, tendo em vista que "[...] aceitar um número mínimo [...] para caracterizar diferentes tipos de cidade no mundo inteiro, é incorrer no perigo de uma generalização perigosa." (SANTOS, 1979, p. 69).

Outro ponto considerado para a compreensão das *cidades locais* é a interpretação do termo "necessidades vitais mínimas" utilizado por Santos (1979). Essas necessidades variam de acordo com o espaço e com o tempo e são continuamente alteradas. Cada sociedade apresenta necessidades diferentes, as quais, são modificadas ao longo do tempo. Logo, as necessidades vitais mínimas em uma *cidade local* do Sudeste brasileiro não são, por exemplo, as mesmas de uma região do Semiárido Nordestino, nem mesmo essas necessidades de hoje serão as mesmas nos anos ou décadas seguintes.

No início dos anos de 1990 ocorreu uma retomada das discussões sobre redes urbanas e pequenas cidades, até então pouco privilegiadas nas pesquisas geográficas. De acordo com Fresca (2010), a retomada nos estudos sobre cidades pequenas é resultado das intensas modificações na organização socioespacial brasileira. Essas transformações afetaram a rede urbana e permitiram novos papeis nestas cidades, possibilitando às mesmas tornarem-se lócus privilegiado da realização de parcelas da produção e inserirem-se em interações espaciais de grande alcance, como uma particularidade da urbanização brasileira.

Então, essas novas pesquisas que consideram as características e as diversidades desses lugares merecem atenção, pois são espaços que não estão dissociados dos processos gerais que marcam a sociedade, além de representarem a maior parte do que é oficialmente reconhecido como cidade no país (SOARES; MELO, 2010).

Ferreira (2008) acrescenta que um dos fatores essenciais para análise das cidades pequenas e seus papeis é a formação socioespacial frente a região e a rede. Devem ser consideradas suas especificidades no desenvolvimento urbano do país e dessa forma, desvendar a diversidade de sujeitos e ações que envolvem tais núcleos urbanos em níveis distintos de complexidade e interações.

Em estudo sobre as pequenas cidades do nordeste brasileiro, Maia (2010), considera que há uma similaridade entre esses espaços, principalmente no que tange à relação campo/cidade em que a agricultura e a pecuária se revelam como o principal componente da economia local. No distrito de Pires Belo, a base da economia é a pecuária leiteira e de corte, além do cultivo de tomate (tomaticultura).

Soares e Melo (2010) apresentam elementos que auxiliam na compreensão das pequenas cidades brasileiras, bem como elaboram parâmetros qualitativos para leitura dos pequenos núcleos urbanos. Incluindo outros elementos, devem ser considerados: a relação com a natureza; o entorno rural e as ruralidades; a dependência do sistema urbano regional e os aspectos de sociabilidade. Desse modo, mais que uma classificação em tamanho populacional e/ou territorial, cabe reconhecer as características econômicas e sociais desses lugares bem como a vida cotidiana dos seus moradores.

Nos pequenos núcleos urbanos, como as vilas, há um maior contato com a natureza, visto que representa um meio de sobrevivência "[...] seja como atividade produtiva, através dos alimentos produzidos para sua comercialização e consumo, seja como lazer ou prática turística, através das cachoeiras e matas." (SOARES; MELO, 2010, p. 242).

No que se refere ao entorno rural é possível reconhecer que possuem forte ligação e vinculação com as áreas rurais, seja porque grande parte da população trabalha no campo, ou mesmo porque sua economia é basicamente proveniente dessas áreas. Dessa forma, não há como abordarmos os pequenos núcleos urbanos sem referir à influência que o rural exerce sobre a economia, a política, a cultura e a realidade social dessas áreas.

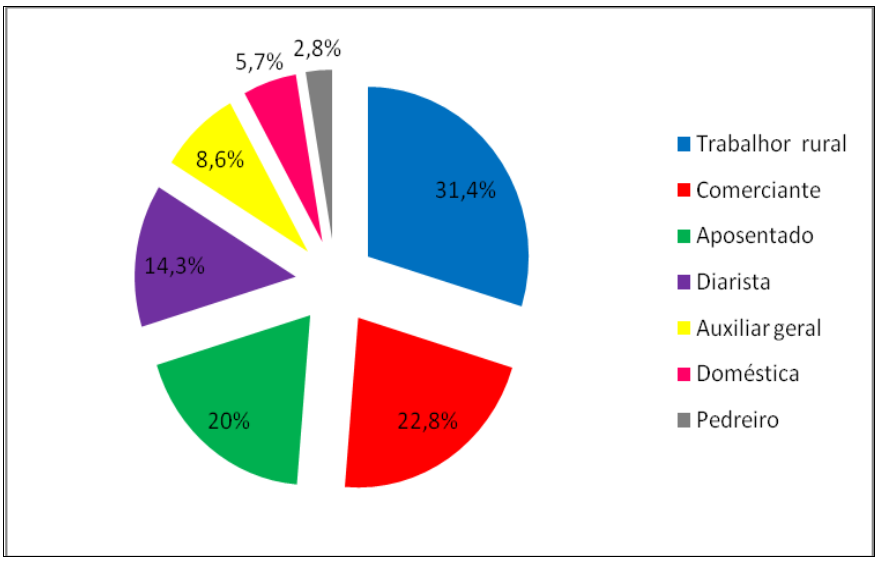
Na vila de Pires Belo, o interesse da população por atividades agrícolas se explica pela escassez de outras fontes de renda no Distrito e pela tradição rural dos moradores da região. A população que viveu e vive das atividades no/do campo alegam possuir maior habilidade e identificação com as atividades ligadas a agricultura e a criação de animais (Informação verbal, maio/dez. 2013).

A maioria da população residente na Vila veio das áreas rurais (40%) e a mudança geralmente acontece quando os filhos crescem e precisam estudar, então, os pais com a intenção de ver os filhos com melhores condições de vida, deixam a *roça*[25] para morar na Vila. Dessa maneira, mesmo residindo na área urbana, essas famílias dependem

[25] Segundo Brandão (1995, p. 76), roça é o nome do local de plantio estendido para significar o lugar social da vida do homem do campo.

economicamente do campo, o que garante a permanência da tradição rural como a maneira de trabalhar com a terra, a sociabilidade entre as famílias e entre os membros desta que é passado de geração a geração (Gráfico 6).

Gráfico 6 - Pires Belo, Catalão (GO): situação ocupacional dos moradores - 2011



Fonte: trabalho de campo (2011/2013). Org.: Mesquita, A. P. de. (2013)

A outra parcela significativa da população (22,8%) constitui-se de comerciantes os quais compõem a herança da origem do povoado, quando outrora era ponto de comércio, *Vendas.* Esses comerciantes mantêm a estrutura das antigas vendas e são, em geral, filhos, netos ou parentes mais próximos dos antigos comerciantes do local.

A proximidade da cidade de Catalão (GO) e a pequena quantidade de habitantes dificultam a instalação de novos comércios no local, mesmo porque a população prefere os antigos comerciantes, conhecidos e que reconhecem a todos. A confiança pessoal permite que nesses comércios ainda se use a "caderneta[26]", na qual são anotadas as compras realizadas. Como afirma Silva (2010), em seu trabalho sobre a cultura rural nos pequenos núcleos urbanos,

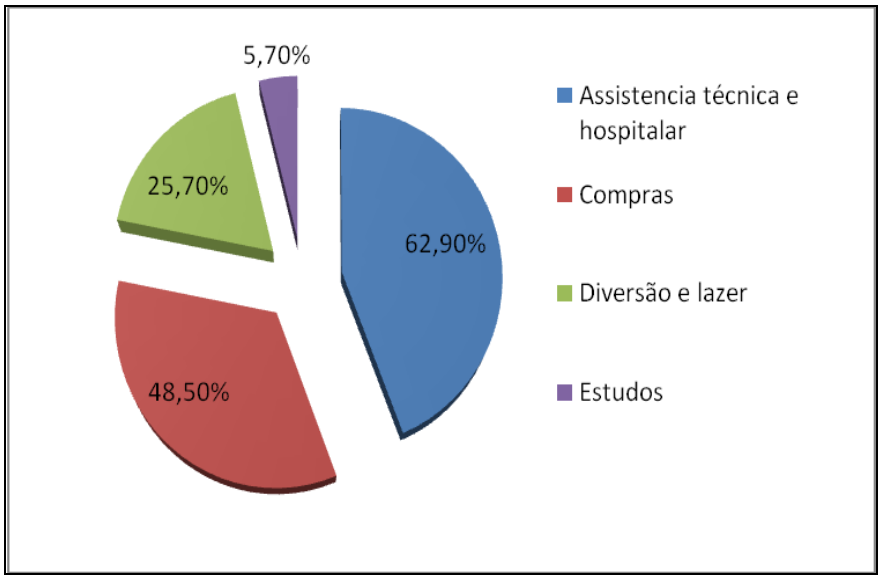
> o "comprar fiado" é um costume que se baseia justamente na confiança e funciona, pois, o comprador se não pagar terá seu nome "negativado" na cidade, ofendendo assim sua própria moral como homem. São nesse sentido características próprias de pequenos centros, onde as relações estabelecidas são oriundas do mundo rural. (SILVA, 2010, p. 4, grifos do autor).

[26] Pequeno caderno onde se anotam as compras feitas a crédito em armazéns. (FERREIRA, 1998, p. 114).

Soares e Melo (2010), ao falarem da dependência ao sistema urbano regional, afirmam que o processo de urbanização existente nos pequenos núcleos urbanos é a principal consequência da concentração das atividades econômicas e da oferta de serviços nos grandes e médios centros urbanos e, particularmente, da insuficiente rede de comunicação/informação entre aglomerações de todos os tamanhos.

O vínculo do Distrito com a cidade de Catalão se dá por várias razões. Há um fluxo diário de dezenas de pessoas que buscam lazer, trabalho, atendimento médico-hospitalar, educação, mercadorias e serviços em geral. Esse fluxo diário se deve à concentração de serviços urbanos em Catalão (GO) e pela proximidade do distrito com a cidade sede. Catalão, como cidade média, concentra todas as atividades e serviços e desempenha importante papel econômico na região (Gráfico 7).

Gráfico 7 - Pires Belo, Catalão (GO): vínculo com a cidade de Catalão - 2011



Fonte: Pesquisa de campo (2011/2013). Org.: Mesquita, A. P. de. (2013)

Wanderley (2001), em seus estudos sobre as pequenas cidades pernambucanas, traz elementos que considera fundamentais aos estudos dos pequenos núcleos urbanos. São eles: o exercício das funções propriamente urbanas; a intensidade do processo de urbanização; a presença do mundo rural; o modo de vida dominante e a dinâmica da sociabilidade rural. Os pequenos núcleos urbanos são espaços ainda dominados pelo cotidiano rural, embora seja considerada a importância da análise do contexto territorial e das diferentes realidades socioespaciais em que estão inseridos.

Foi mediante essas considerações que se realizou o estudo da vila do distrito de Pires Belo como área urbana e suas relações com as intermediações rurais. Há grande influência nesses locais das áreas rurais, tanto pelo modo de vida que é trazido para a área urbana, quanto pela economia local que é diretamente dependente do campo.

Nessa perspectiva, notou-se a necessidade de se compreender a relação entre o rural/urbano na Vila e para isso é importante que se reconheça as principais discussões sobre o tema. São apresentados a seguir, alguns dos principais estudos como: Carneiro (1998); Wanderley (2000, 2001); Graziano da Silva (2002); Alentejano (2003); Locatel (2004); Bagli (2006); Figueiredo (2011) dentre outros que buscam interpretar as novas e complexas realidades vivenciadas no campo e na cidade, bem como as principais teorias como a do *continuum* e do novo rural que surgiram dessa demanda de interpretações, das funções e desafios enfrentados por esses setores.

4.3 Urbano e rural, campo e cidade: teorias sobre as complexas relações

A realidade socioespacial do campo e da cidade torna-se cada vez mais complexa. Os espaços, rural e urbano, não podem ser compreendidos como realidades contraditórias e divergentes, visto que não existem isoladamente. Além disso, há realidades que se assemelham ao modo de vida reconhecido, tradicionalmente, como rural, inseridas em um contexto urbano, bem como realidades, com características urbanas, inseridas em contextos rurais. Estes fenômenos estão cada vez mais presentes na atualidade, efeitos da intensificação de trocas do mundo rural com o urbano, as quais extinguem as fronteiras e implicam numa maior riqueza de relações.

Diversos debates sobre a relação entre campo e cidade foram instigados pela revolução científica, iniciada na segunda metade do século XX. Foi uma revolução advinda dos processos de urbanização e industrialização e da consequente modernização da agricultura, o que redefiniu os espaços rurais e imprimiu-lhes uma nova dinâmica. Diante disso, surgem novas leituras para o campo e para a cidade, identificando-os ora como espaços distintos, ora como espaços que se justapõem um ao outro.

> As primeiras reflexões apresentavam uma leitura do rural como realidade específica e oposta ao urbano, caracterizando-o como detentor de características próprias e isoladas, as quais a princípio se contrapõem à realidade urbana. Esses debates apontam para análises que consideram a cidade como o lócus do desenvolvimento, da

> industrialização, da técnica e da modernidade enquanto o campo é o local do atraso que precisa ser transformado e/ou modernizado a fim de atender às demandas do modelo produtivo. Nessa visão dicotômica, o campo é pensado como meio social distinto que se opõe à cidade, e a ênfase dos estudos recai sobre as diferenças entre estes espaços (MARQUES, 2002).

O aumento da industrialização, segundo Souza (2010), intensificou as demandas de produção e produtividade, inclusive para atender à crescente demanda da população nas cidades. Nesse contexto, o campo deixa de ser o foco do atraso e, então é necessário modernizá-lo para atender às demandas do modelo produtivo. Fato que leva o campo a ser analisado como contínuo do processo de urbanização.

Para Locatel (2004), a heterogeneidade e a diversidade das relações campo-cidade foram intensificadas com as transformações do processo produtivo agrícola nas ultimas décadas do século XX, o que fez surgir novos elementos, como a pluriatividade, a agricultura em tempo parcial, a expansão dos serviços urbanos à população do campo além de novas atividades não agrícolas, como o turismo. A inserção desses elementos permitiu novas formas de articulação do campo com a cidade - impulsionada pela revalorização da natureza e pela urbanização difusa – resultante de um processo amplo de reestruturação da economia brasileira ainda em curso.

Frente às tentativas de interpretações do que seja campo e cidade e das peculiaridades que os distinguem e ao mesmo tempo subordinam-os um ao outro, são apresentadas linhas teóricas, como o *continnum* rural/urbano, o novo rural e ruralidades discutidas por geógrafos, antropólogos, sociólogos e economistas que buscam repensar essas teorias motivados pelas transformações sociais ocorridas no período contemporâneo.

De acordo com Blume (2004), a corrente do *continuum* rural/urbano surge por volta dos anos de 1930, sendo uma variação analítica do enfoque dicotômico, na qual a variação antagônica passa a ser substituída por uma gradiente de variações espaciais que vão do rural ao urbano.

> Abramovay (2000), em seus estudos sobre os conceitos do rural nas sociedades contemporâneas acrescenta que a teoria do *continuum* rural/urbano mostra que não existem diferenças fundamentais nos modos de vida, na organização social e na cultura, determinadas por sua vinculação espacial. Nessa perspectiva, uma maior aproximação desses espaços torna o campo uma continuidade do modo de vida e produção da cidade.

> Para Sposito (2010), o *continuum* campo/cidade é uma constituição de áreas de transição e contato entre esses espaços, campo e cidade, caracterizados pelo compartilhamento de usos do solo, por práticas socioespaciais e por interesses políticos e econômicos. Há uma indefinição dos limites entre as morfologias rural e urbana advindas da dificuldade da distinção das fisionomias correspondentes.

Wanderley (2001) enfatiza que a teoria do *continuum* apresenta duas vertentes principais: uma vertente que privilegia o polo urbano do *continuum* (urbano-centrada), defendida no Brasil principalmente por José Graziano da Silva e outra que enfatiza o rural, por meio da ideia de "novas ruralidades", representada no Brasil, sobretudo por Carneiro (1998).

A interpretação urbano-centrada aponta para o fim da realidade rural por meio da homogeneização espacial e social campo/cidade. Essa ideia é representada no Brasil por Graziano da Silva (2002), que afirma ser a urbanização do campo apenas uma questão de tempo. Para esse autor, a urbanização é iminente e irreversível, tendo em vista que o campo só pode ser entendido como um *continuum* da cidade, pois, com a urbanização[27], o rural se encontra fadado ao desaparecimento. O modo de vida e a cultura rural não resistirão à invasão da cidade, o que, para o autor, acarretará uma urbanização física do espaço rural,

> [...] está cada vez mais difícil delimitar o que é rural e o que é urbano. Mas isso que aparentemente poderia ser um tema relevante, não o é: a diferença entre o rural e o urbano é cada vez menos importante. Pode-se dizer que o rural hoje só pode ser entendido como um *continuum* do urbano do ponto de vista espacial; e do ponto de vista da organização da atividade econômica, as cidades não podem mais ser identificadas apenas com a atividade industrial, nem os campos com a agricultura e a pecuária. (GRAZIANO DA SILVA, 2002, p. 8).

Embora seja considerável a expansão de modelos urbano-industriais no campo, como salienta Graziano da Silva (2002), considera-se a existência de regiões rurais que mesmo influenciadas pelo modo de vida da cidade guardam suas características culturais e sociais próprias, fato relevante a ser avaliado diante da discussão do rural e do urbano. Ainda que hoje existam novas atividades no rural, novas influências e modelos econômicos vindos da cidade, suas particularidades não estão totalmente submergidas.

---

[27] Entende-se por urbanização a inserção de elementos, técnicas e atividades pertinentes às cidades, no campo.

Baseada na concepção de particularidades do rural e contrária a ideia de uma completa homogeneização do campo, a outra interpretação do *continuum* sustenta que, mesmo consideradas as semelhanças e a continuidade entre o rural e o urbano, as relações entre ambos não excluem as particularidades e nem representa o fim do rural (WANDERLEY, 2001; CARNEIRO 1998). Nessa perspectiva, Wanderley (2001) afirma que, no ponto de encontro do rural/urbano,

> [...] as particularidades de cada um não são anuladas, ao contrário são a fonte da integração e da cooperação, tanto quanto das tensões e dos conflitos. O que resulta desta aproximação não é a diluição de um dos pólos do *continuum*, mas a configuração de uma rede de relações recíprocas, em múltiplos planos que, sob muitos aspectos, reitera e viabiliza as particularidades. (WANDERLEY, 2001, p. 33, grifos da autora).

Carneiro (1998), em seus estudos sobre a ruralidade, acrescenta que as transformações ocorridas no rural a partir da intensificação das trocas com o mundo urbano não descaracterizam seu sistema social e cultural. As mudanças de hábitos, costumes e visões de mundo ocorrem de maneira irregular, o que não implica numa ruptura no tempo e nem no conjunto do sistema social.

Para Rosa e Ferreira (2010), as transformações no campo - antes associadas às atividades agrícolas, e posteriormente às atividades desenvolvidas apenas em centros urbanos - desenrolou uma série de estudos e teorias que buscam uma ressignificação ao meio rural em função dessas novas formas de produção e de trabalho. Essas transformações fizeram e fazem surgir, no plano teórico, diversas denominações acerca desse rural como “novo rural”, “novas ruralidades”, “espaços rurbanos” em busca de melhor descrever essas novas realidades.

Locatel (2004) acrescenta que o desenvolvimento de atividades não-agrícolas e as transformações sociais ocorridas no campo redefiniram os papeis do espaço rural brasileiro que mesclam funções tradicionais com novas funções, e assim, cada vez menos as concepções tradicionais de espaço rural e de ruralidade são suficientes para analisar a complexidade territorial brasileira. É preciso reconhecer que essas transformações, resultantes de processos gerais da sociedade, não traduzem na uniformização da sociedade e no fim das particularidades de certos espaços e grupos sociais e a ruralidade deve ser pensada a partir de uma sociedade multifacetada, sujeita a multideterminações.

Graziano da Silva (1999) é um dos principais autores brasileiro que defende a

ideia de um novo rural. O autor obsevou, no campo, novas dinâmicas formadas por atividades relacionadas a ocupações não agrícolas, pela urbanização e pelo profundo processo de modernização da agricultura, as quais transformariam o rural num ‘rurbano’, ou seja, o espaço rural adquiria características urbanas de modo que o avanço da urbanização transbordaria sobre o rural e anularia suas características, levando a tal ponto de não mais se conseguir distinguir o rural do urbano. Nesse sentido, o novo rural brasileiro estaria composto por grandes subconjuntos, como a agropecuária moderna, as atividades de autoconsumo, as atividades não-agrícolas e a produção de mercadorias voltadas a determinados nichos de mercados.

Numa visão contrária a de Graziano da Silva (1999), autoras como Wanderley (2000, 2001) e Carneiro (1998) buscaram em seus estudos explicar essas novas realidades do campo partindo da premissa de que a invasão do urbano ao rural, ao mesmo tempo em que possibilita mudanças culturais no campo, influenciadas pelo modo de vida das cidades, sujeitará, ao urbano um misto de tradições e culturas trazidas do rural. Esses espaços sociais, rurais e urbanos, apresentam, em vez de uma homogeneidade nos modos de vida, como defende Graziano da Silva (1999), diferenças significativas, o que reflete diretamente sobre identidades sociais, tanto rurais quanto urbanas.

Na perspectiva de Carneiro (1998), a reestruturação dos elementos da cultura local, mediante a incorporação de novos valores, hábitos e técnicas, pode levar a uma revitalização de localidades rurais com atividades tidas como urbanas, além da valorização da natureza e do consumo material e simbólico pela população citadina, como acrescenta a autora,

> [...] não podemos entender a ruralidade hoje somente a partir da penetração do mundo urbano-industrial no que era definido tradicionalmente como "rural", mas também do consumo pela sociedade urbano-industrial, de bens simbólicos e materiais (a natureza como valor e os produtos "naturais", por exemplo) e de práticas culturais que são reconhecidos como sendo próprios do chamado mundo rural. (CARNEIRO, 1998, p. 6, grifos da autora).

Como visto, Carneiro (1998) aborda a permanência do rural como uma forma cultural manifestada pela existência das ruralidades. Essas ruralidades são entendidas como novas identidades em construção e são produtos das relações atuais campo/cidade que buscam uma revalorização da natureza e possibilitam criar uma urbanidade que valorize a vida no campo. Nessa linha de análise, os espaços rurais antes vistos como atrasados e

restritos à produção agropecuária agora apresentam opções de lazer, relação com a natureza, busca de quietude e fuga da agitação das grandes cidades.

Outra característica dos novos valores rurais é a pluriatividade, que mescla atividades agrícolas e não agrícolas no espaço rural. Busca-se, cada vez mais, a prestação de serviços fora da unidade produtiva atrás de novas oportunidades (estudo, trabalho na cidade) e estratégias de resistência para que a família consiga permanecer no campo.

A noção de pluriatividade surgiu na França na década de 1960 para caracterizar as propriedades em que os membros das famílias desempenhavam múltiplas atividades produtivas (LOCATEL, 2004). Um dos primeiros autores a trabalhar com essa noção foi Schneider (2001), para o qual a noção de pluriatividade era a melhor forma de definir o fenômeno da multiplicidade das formas de trabalho e renda das unidades agrícolas, pois servia para descrever o processo de diversificação que ocorreu dentro e fora da propriedade.

Schneider (2001), em estudo de famílias agricultoras em Regiões do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, no sul do Brasil, observou que parte das unidades familiares não desempenhava apenas atividades agrícolas, mas ampliava o orçamento buscando atividades fora das propriedades. Essas atividades chegam a representar um fenômeno permanente e não uma mera suplementação de rendas, segundo o autor,

> essa combinação permanente de atividades agrícolas e não-agrícolas, em uma mesma família, é que caracteriza e define a pluriatividade, que tanto pode ser um recurso ao qual a família faz uso para garantir a reprodução social do grupo ou do coletivo que lhe corresponde, como também pode representar uma estratégia individual, dos membros que constituem a unidade doméstica. A pluriatividade também pode adquirir significados diversos e servir para satisfazer projetos coletivos ou como resposta às decisões individuais. Além disso, as características da pluriatividade variam de acordo com o indivíduo-membro que a exerce, pois o exercício de atividades não-agrícolas acarreta efeitos distintos sobre o grupo doméstico e sobre a unidade produtiva, de acordo com variáveis como o sexo ou posição na hierarquia da família de quem a pratica. O mesmo pode-se dizer das condições sociais e econômicas locais, do ambiente ou do contexto, em que ocorre a pluriatividade. Nesse caso, variáveis exógenas à unidade familiar, como o mercado de trabalho e a infra-estrutura disponível, entre outros, são fatores determinantes da evolução e das tendências de tais fenômenos. (SCHNEIDER, 2001, p. 2).

Assim, a pluriatividade seria uma estratégia da família, com a finalidade de assegurar a reprodução desta e sua permanência como ponto de referência central e de convergência para todos os membros da família. Mendes (2005), ao estudar produção rural

familiar nas comunidades rurais do município de Catalão, destaca que a pluriatividade "[...] refere-se a um fenômeno que se caracteriza pela combinação das múltiplas inserções ocupacionais das pessoas que pertencem a uma mesma família [o que compensaria os períodos de subocupação das atividades agrícolas]." (MENDES, 2005, p. 47).

A busca por atividades não-agrícolas que contribuam para a permanência no campo representa uma manifestação de resistência ao movimento de unificação urbano/rural pela lógica capitalista homogeneizadora, realizada pelas famílias que tentam manter ou reconstruir suas identidades. Ao falar desses novos valores introduzidos no campo, Carneiro (1998) coloca,

> [...] as novas experiências engendradas contribuíram para criar uma diversidade social e cultural que é também condição de existência da sociedade na medida em que alimenta as trocas ao enriquecer os bens (culturais e simbólicos) e ampliar a rede de relações sociais. A heterogeneidade social, ainda que produza uma situação de tensão, não provoca obrigatoriamente a descaracterização da cultura local. (CARNEIRO, 1998, p. 5).

A partir desses argumentos, tem-se que os valores neo-ruralistas e antiprodutivistas, de certa forma, transformam o campo antes visto como espaço de produção agrícola, em um lugar de lazer e descanso, embora isso não signifique uma total transformação do campo e do modo de vida rural em modos de vida urbano.

De acordo com Alentejano (2003), a proliferação de estudos que aponta para a revalorização do rural pode, de um lado, apresentar uma revisão do modelo de desenvolvimento agropecuário historicamente dominante no Brasil, associando-se à reforma da estrutura fundiária e da política agrícola que garantiram o domínio do grande capital e da grande propriedade sobre o meio rural brasileiro, e por outro lado, uma revalorização conservadora do rural, ou seja, a sobrevivência do latifúndio, e como exemplo dessa tendência teríamos a incorporação do turismo rural (hotéis fazenda, museus fazenda) pelo agronegócio.

Com base nessas reflexões, Alentejano (2003) buscou definições que permitissem reconhecer o par rural/urbano como elemento de interpretação da realidade. Para isso faz-se necessário desmistificar ideias do desaparecimento do rural no Brasil, sendo este, próprio do agrícola e atrasado oposto ao urbano, moderno e industrial, bem como interpretações do rural como isolado, visto que as áreas rurais hoje apresentam a mesma dinâmica informacional e cultural das cidades, em contrapartida de certo

isolamento de grupos sociais nas cidades.

> O que todas essas observações nos permitem afirmar é que os tradicionais estereótipos que definiriam campo e cidade, rural e urbano, não são pertinentes e isto não se deve a uma unificação da realidade que moldaria tudo à imagem e semelhança das características atribuídas às cidades. Não se trata da eliminação pura e simples do rural e sua transmutação em urbano, mas de um fenômeno mais complexo, onde um novo urbano e um novo rural surgem do choque entre ambos. (ALENTEJANO, 2003, p. 10).

Embora Alentejano (2003) reconheça as transformações ocorridas no rural brasileiro com o processo de modernização da produção agrícola, não corrobora a ideia de que existe uma nova realidade no campo, justamente pelos velhos problemas que ainda persistem no campo como a estrutura fundiária existente e a falta de uma política agrícola voltada aos pequenos agricultores.

Na tentativa de compreender essas novas funções do campo, Alentejano (2003) aponta que o território deve ser a base para as reflexões, seja sobre o desenvolvimento local e regional, seja para repensar as novas relações estabelecidas entre o campo e a cidade. Para pensar em um novo rural é preciso ultrapassar a dicotomia rural/urbano visto que a construção desse novo rural passa pela difusão de serviços e atividades tidas como urbanas no campo.

Locatel (2004) considera que essas atividades no campo não podem ser consideradas como um novo fenômeno, já que sempre existiram. O que há de novo na visão do autor é o aumento significativo de pessoas que buscam essas formas de lazer, o que tem gerado uma diversificação das atividades e uma distinção quanto às classes e a escala. Assim, essas atividades não caracterizam o novo rural, visto que não são novas, apenas manifestam-se com outras características e intensidade. “[...] Deve-se levar em conta que o que existe no campo é uma nova ruralidade e não um novo rural, para não reforçar a dicotomia entre espaço rural e urbano.” (LOCATEL, 2004, p.157).

Rua (2011) prefere denominar essas transformações no campo de urbanidades no rural. As urbanidades seriam as manifestações materiais e imateriais com caráter inovador, em áreas rurais, sem precisar defini-las como áreas urbanas. Dentre os aspectos materiais estão a melhoria na infraestrutura e nos meios de comunicação, as novas formas de lazer, o turismo, as novas relações de trabalho, dentre outros; como aspectos imateriais ou simbólicos estão novos valores, antes predominantes apenas nas cidades, a moda, os costumes e os hábitos difundidos pela mídia que podem alterar a vida cotidiana rural.

Nesse sentido, a análise das urbanidades do rural é útil na criação de políticas públicas de intervenção no espaço rural, que levem em consideração, o momento atual de integração desses espaços e as reivindicações dos agentes e atores locais. O estudo das urbanidades resgata a multifuncionalidade do espaço geográfico e coloca os pesquisadores frente às contradições que a espacialidade contemporânea explicita.

Figueiredo (2011), em estudo sobre o mundo rural de Portugal, acrescenta que essas novas funções atribuídas ao rural o transformam, progressivamente, de um espaço produtor a um espaço produzido para o consumo, e mesmo que possam interessar a sociedade como um todo, em termos práticos, não representam mais que "pequenos balões de ar", pela especificidade da oferta e pelas características limitadas da procura, as quais não representam alternativas eficazes de sobrevivência, embora beneficie alguns autores e agentes rurais, contribuindo para promover um discurso idílico de ruralidade. Ao se referir às atividades turísticas no mundo rural, a autora diz

> os recursos naturais, as tradições, as coisas da terra transformam-se em novos produtos para satisfazer procuras exteriores. Os próprios habitantes se transformam em objetos de apreciação e de consumo pelos turistas [...] Vários autores nos deram já conta dos escassos contributos econômicos e sociais do turismo para o desenvolvimento local das áreas rurais, apesar da miragem de um rural cheio de futuros (e turistas) que esta actividade parece representar para os políticos a todas as escalas de governação. (FIGUEIREDO, 2011, p. 21).

Tais concepções destacam a outra face das novas atividades no rural, como o turismo, no qual a comunidade local não é beneficiada, visto que as intervenções públicas ou privadas derivam de exigências externas e o rural não é pensado como espaço de vida e de trabalho, mas um espaço mercadoria a ser vendido para os turistas que veem o campo e o rural como natureza através de uma apropriação simbólica do termo.

Marques (2002) considera que essa revalorização do rural é uma resposta do modelo produtivo ao constatar a "decadência" do urbano e passa a investir na imagem do rural próximo à natureza que se opõem ao artificialismo das cidades e, dessa forma, cria mecanismos para apropriar-se das paisagens rurais. Bagli (2010) corrobora esses dizeres,

> o cotidiano tenso e intenso do urbano produz necessidades que aumentam a procura por realidades adversas, em busca de um outro tempo menos racional e mecânico e mais atrelado à lógica natural. O tempo natural transforma-se, dessa forma, em mercadoria, sendo vendida àqueles que buscam sair momentaneamente da lógica mecânica vivida no cotidiano urbano. (BAGLI, 2010, p. 85).

Essa busca por novas atividades e opções de lazer levou a interpretações de que o campo, sendo o *continuum* da cidade teria suas particularidades anuladas, contudo, mesmo com o avanço do processo de modernização e da cooptação do rural pelo capital, é possível encontrar às resistências e o que não é transformado por esse modelo de desenvolvimento. É preciso considerar a diversidade das formas de organização social e da reprodução da vida, bem como o conteúdo social que há nos espaços rurais e urbanos, imprimidos no lugar pelos sujeitos com todas suas contradições e dimensões (SOUZA, 2010).

A superação da divisão entre a cidade e o campo não deve ser confundida com o desaparecimento do campo nem com uma consequente urbanização geral do planeta, pois urbano e rural permanecem como conteúdos sociais diferenciados, embora a oposição cidade/campo diminua. Além disso, as novas relações entre a cidade e o campo não podem ser pensadas em um único viés, no qual é a cidade que erradia o conhecimento e o modo de vida para o campo, visto que este, em função de suas demandas, também determina processos na cidade.

Carlos (2004), ao falar sobre a cidade e o campo, acrescenta que esses se diferenciam pelo conteúdo das relações sociais neles contidas. Essas relações sociais, que ganham conteúdo na articulação com a construção da sociedade, não transformam o campo em cidade, mas o articula ao urbano de outro modo. Esse fato leva-nos a pensar que uma diferenciação estatística ou física das relações entre o rural e o urbano não faz sentido, pois se restringem à forma e não conseguem resolver os processos presentes no plano do conteúdo.

Busca-se ultrapassar o pensamento de campo e cidade como quadros físicos e revelar o conteúdo da prática socioespacial. Outro fato a considerar é que mesmo o rural articulado ao urbano e influenciado por este são encontradas resistências ao modo de vida urbana. Essas resistências estão no cotidiano, pois é na vida cotidiana onde se encontram as fissuras e o desejo de resistir[28],

> [...] essa extensão do urbano produz novas formas, funções e estruturas sem que as antigas tenham, necessariamente desaparecido, apontando uma contradição importante entre as **persistências** – o que resiste e se afirma continuamente enquanto referencial de vida - e o que aparece como **"novo"**, caminho inexorável ao processo de modernização. (CARLOS, 2004, p. 16, grifos da autora).

[28] Resistências e fissuras são expressões utilizadas por Lefebvre (1991).

O urbano não é em si todo homogêneo, há tempos descompassados. E essas temporalidades diferenciadas são construídas sobre as múltiplas formas de inserção social e se apresentam como permanências ou resistências, ora sufocadas pela ditadura da mudança, ora reafirmadas por ela. O rural, também, é influenciado por um tempo ditado pela lógica capitalista e sofre cada vez mais interferências, principalmente com o uso de novas tecnologias e com o avanço das relações especificamente capitalistas. Mas isso não significa que a vida no campo, nem na cidade, esteja totalmente submetida à sujeição real do capital.

Compreender o campo requer uma análise que ultrapasse uma visão do rural como estagnado no tempo, imutável, pois a mudança é algo inerente ao movimento da História. E os espaços rurais não estão predestinados a um atraso permanente para manterem-se como tais. A tradição rural da Vila não vai findar-se porque seus habitantes fazem uso de equipamentos ditos urbanos (telefone, rádio, televisão, internet), tendo em vista que é recriada e renovada ao longo da História. É importante considerar que esses moradores se adaptam às novas condições de sociedade e nem por isso deixam de lado suas identidades, pois estas se transformam ao longo do tempo e acompanham a evolução do indivíduo ou do grupo. De acordo com Bagli (2006),

> o rural não precisa ser urbanizado para estar inserido dentro da lógica dominante do modo de produção. A plasticidade do capital permite que espaços diferenciados sejam incorporados e ajustados às determinações impostas. Pensar a urbanização total da sociedade seria pensar a homogeneização dos espaços. Estes não se homogeneízam. Ao contrário, se fortalecem pelas suas peculiaridades. (BAGLI, 2010, p. 97).

Tem-se que a Vila, mesmo carregada de características rurais, não está isolada do mundial, ou seja, não se nega aqui a influência da mundialidade na constituição do lugar visto que nele se encontra as mesmas determinações da totalidade sem com isso, serem eliminadas as particularidades. Cada sociedade produz seu espaço, determina os ritmos da vida, os modos de apropriação, expressando sua função social, seus projetos e desejos "[...] é através do uso que o cidadão se relaciona com o lugar e com o outro, criando uma relação de alteridade, tecendo uma rede de relações que sustentam a vida, conferindo-lhe sentido." (CARLOS, 2007b, p. 43).

A delimitação entre rural e urbano está além da abrangência territorial e compreende as relações estabelecidas entre os moradores e o lugar, ou seja, a vida

cotidiana, a qual tem influência direta na reprodução do espaço, pois este, se reproduz em função das relações entre os indivíduos. Acredita-se que a leitura do lugar, enquanto parte integrante de uma totalidade e como expressão dos processos sociais que o abarca, permite reconhecer as relações sociais que se estabelecem nele e a influência de determinadas referências, no caso da vila de Pires Belo, daquelas vinculadas ao modo de vida rural.

4.3.1 As leituras do rural: espaço de produção e reprodução social

Para compreender a permanência de hábitos rurais na vila de Pires Belo é importante que se reconheça o que se entende por rural e essa compreensão atual, é influenciada pelas concepções passadas de rural e espaço rural. A economia e a sociedade de cada época traduzem as leituras do rural em cada período histórico. Assim, a noção que se tem hoje - embora ainda não haja um acordo do que se entende por rural e quais seus limites territoriais e sociais - carrega todo um processo histórico de constituição.

Elesbão (2007) considera que o estudo do processo histórico de constituição do rural - enquanto espaço de produção e reprodução social - é fundamental para apreensão das transformações que aconteceram e que estão acontecendo nesse espaço. Partindo dessa premissa, analisa as concepções de espaço rural durante os principais períodos da história brasileira e como é interpretado hoje ante uma diversidade de funções e de novas atividades.

O surgimento de aptidões no espaço rural sugere uma redefinição de suas atribuições e a definição do que seja espaço rural, visto que as estratégias de desenvolvimento para esse espaço devem considerar a diversidade e as potencialidades locais para ultrapassar a situação de abandono vista em muitas áreas rurais brasileiras.

Ao abordar as concepções de rural utilizadas nas definições de estratégias de desenvolvimento para esse espaço, Echeverri Perico (2011) aponta duas noções de rural: uma de ordem econômica setorial e outra de ordem cultural e política. De ordem econômica setorial, criou-se uma identidade entre a economia rural e economia agrícola e esta última determinaria a economia rural, assim, o rural é o espaço das agriculturas e das relações consequentes dessa atividade, quanto às definições formais, o rural seria analisado a partir da densidade demográfica. De ordem cultural e política, o rural e as ruralidades são aceitos como modo de vida, noções normalmente abandonadas das áreas dinâmicas do desenvolvimento concentradas na economia urbana.

É importante destacar que dentre as estratégias de desenvolvimento é necessário ter uma visão do rural para além de seus problemas e destacar suas visíveis potencialidades que favoreça o bem estar da população local em vez de crescimento típicos da política atual. É necessário considerar a heterogeneidade da sociedade brasileira que nem sempre pode ser analisada a partir de modelos prontos e fechados, além disso, a escala local deve ser a escala adequada à realização de diagnóstico para os problemas enfrentados pela a população rural.

Woods (2005 apud MARAFON, 2011) aborda em seu estudo sobre o mundo rural, quatro amplas abordagens para sua interpretação. São elas: i) definições descritivas, pelas quais a distinção geográfica entre áreas urbanas e rurais é baseada em características socioespaciais e expressada por dados estatísticos; ii) definições socioculturais em que os territórios rurais são identificados com a distinção entre os aspectos das sociedades urbanas e rurais; iii) rural como uma localidade, pela qual as estruturas locais interagem com processos econômicos e sociais globais; iiii) rural como representação social que privilegia os símbolos e as imagens pessoais quando os indivíduos pensam sobre o rural, assim a definição do rural está além de dados estatísticos e se considera a relação indivíduo lugar.

Nessa última abordagem, a compreensão do que é rural deve ultrapassar perspectivas econômicas e reconhecer o rural a partir das relações culturais, sociais e políticas. O rural deve ser analisado como uma construção social espacializada fato que não permite uma leitura apenas pelo viés estatístico. A diversidade do rural - o rural plural - forma uma teia tão rica e complexa de relações, desejos necessidades, saberes e usos que não é fácil, mesmo quando conveniente - destecer. Rosa e Ferreira (2010) acrescentam

> [...] Nota-se a necessidade de estudos que discutam o modo de vida das populações e a própria ruralidade, já que algumas questões ainda permanecem: pode-se realmente afirmar a eliminação de valores - e da cultura rurais em meio à sociedade contemporânea, definida cada vez mais como urbana? Por outro lado, pode-se dizer que toda população residente nas cidades tem o urbano como padrão de vida? Em que medida os valores de grupos rurais estariam eliminados? (ROSA; FERREIRA, 2010, p. 196).

Os questionamentos das autoras se tornam pertinentes, principalmente ao considerar as constantes transformações do território brasileiro que acarretam em necessidade de análises locais, visto que surgem, cada vez mais, novas configurações na organização espacial intramunicipal as quais devem ser avaliadas mediante a elaboração de planos e projetos para o desenvolvimento. Nesse sentido, identificar a presença do rural

enquanto modo de vida e nas formas de organização do trabalho e da vida social possibilita a leitura real de localidades particulares e facilita na elaboração de planos de ação específicos.

Como visto, a definição do que seja rural encontra muitas dificuldades. Primeiro porque muitos trabalhos fazem uma abordagem restrita à legislação, e segundo porque é feita uma distinção arbitrária que superenfatiza as diferenças entre o rural e o urbano ou que desconsidera a diversidade do rural. Para Marafon (2011) alguns problemas enfrentados ao trabalhar com a noção de espaço rural existem porque vários trabalhos e pesquisas não abordam a complexidade do rural, a qual necessita de perspectivas transescalares dos fenômenos. Pensar o espaço rural requer uma reflexão consistente, por parte da ciência Geográfica, que alia conceitos fundamentais ao conhecimento empírico da realidade.

Para Figueiredo (2011), a dificuldade de definição do rural se acentuou concomitante ao aumento de debates sobre o seu desaparecimento, acerca de meio século. Os debates do fim do rural vêm sendo notados em três sentidos, embora estejam interligados entre si. Um primeiro sentido anuncia o fim do rural como objeto de estudo em várias disciplinas científicas; um segundo, aponta a perda de especificidade econômica, social e cultural dos espaços rurais; e um terceiro prenuncia seu renascimento. Enquanto os dois primeiros marcam a morte do rural ou uma diluição dos seus conjuntos territoriais mais vastos, o terceiro remete, de forma equívoca sua ressurreição por meio da revalorização de qualidades específicas que apelam a uma maior autenticidade e genuinidade.

Outro fator destacado por Figueiredo (2011) quanto à dificuldade de definição do rura,l está no fato deste já não ser apenas agrícola, embora para a autora ele ainda não seja outra coisa, ou nenhuma das outras coisas que os defensores da ressurreição anunciam. Nesse sentido, o fim do rural pode estar contido nos mecanismos que buscam promover a multifuncionalidade e o renascimento através de políticas públicas de regeneração do rural, as quais criam espaços vazios de dinâmicas, tanto no que se refere às velhas ou quanto às suas novas funções, proporcionando uma regeneração que nem sempre permite ganhos econômicos e sociais significativos para a população local.

> Em parte, isto acontece porque essas inovações (sejam públicas ou privadas) derivam mais de exigências e olhares exteriores do que das necessidades internas (quando ainda existem) e são, igualmente, desenvolvidas por agentes externos ao mundo rural. Por outro lado, e na

> sequencia do anterior, o rural não é primeiro pensado como espaço de vida e de trabalho (em muitos casos porque definitivamente deixou de o ser), desconsiderando-se assim os pontos de vista e o desejo de seus habitantes. (FIGUEIREDO, 2011, p. 18).

O rural compreendido no trabalho é um rural como modo de vida e pode ser analisado a partir dos pressupostos de Bagli (2006). Para a autora, o rural, como também o urbano, ultrapassam os limites espaciais tradicionais visto que as contradições colocam a realidade plural do desenvolvimento da sociedade. Assim, o campo é espaço predominantemente rural, mas não exclusivamente, pois nem tudo o que existe no campo é rural, nem tudo o que há na cidade é urbano. "[...] Se o rural apresenta-se como modo de vida que influencia na constituição dos territórios e das territorialidades, é possível encontrar espaços rurais no interior das cidades." (BAGLI, 2006, p. 67).

Para Wanderley (2003), o rural é um espaço e um modo de vida, por meio do qual os indivíduos enxergam a si mesmos e ao mundo em sua volta, ou seja, é um modo particular de utilização do espaço e de vida social. Nesse sentido, o mundo rural seria um universo que, embora não esteja isolado, carrega suas especificidades através da história. Quanto às características do rural, tem-se por um lado a relação específica do homem com a natureza por meio do trabalho e do habitat e, por outro, as relações sociais próprias que resultam em práticas particulares de convivência com o espaço, com a família e com o trabalho.

Mota e Schmitz (2002), em estudo sobre a pertinência da categoria rural para análise dos processos sociais em curso, nas áreas rurais brasileiras, argumentam que esta categoria tem relevância quando pensada em relação ao urbano, ou mesmo, em relação a outros rurais. As transformações no rural apresentam particularidades que podem ser constatadas por meio de atividades econômicas, dos atores, das relações de trabalho e das representações sociais. No entanto, a análise do rural não reporta apenas ao espaço geográfico, mas às relações que nele são desenvolvidas e inseridas. "[...] falar do rural é pensar em 'rurais', colcha de retalhos que constitui o mundo agrário brasileiro sujeito às tensões crescentes da competitividade e da urgência de preservação dos recursos naturais." (MOTA; SCHMITZ, 2002, p. 398, grifos dos autores).

O rural é uma representação social, conteúdo das práticas de cada sujeito e de cada agente na sociedade e não pode ser mensurado ou delimitado. O rural como modo de vida ultrapassa os limites físicos do campo e manifesta-se em localidades que se imagina a homogeneidade do um modo de vida urbano. Assim, o rural deve ser analisado enquanto

forma de vida e de organização social e não como uma extensão dos limites do urbano. Reconhecer os significados do rural permite a elaboração de políticas públicas de intervenção de espaços que apresentam modo de vida específicos ao considerar a dinâmica atual desses espaços e reconhecer as necessidades dos habitantes locais para melhor desenvolvimento de suas funções e atividades. A seguir aborda-se sobre a vida cotidiana e o modo de vida dos moradores além da relação com o lugar.

5 O LUGAR E A VIDA COTIDIANA NO DISTRITO DE PIRES BELO: permanência de modos de vida rurais

> *Embora transformações apontem aparentemente para a homogeneização dos espaços, em virtude da difusão de características comuns, a intensificação das relações se estabelece justamente pela manutenção das peculiaridades. Os espaços ampliam suas inter-relações, porque as diferenças existentes em cada um deles favorecem a busca pelo outro como tentativa de suprir possíveis ausências [...]*
>
> *Bagli, P. (2010, p. 82)*

5 O LUGAR E A VIDA COTIDIANA NO DISTRITO DE PIRES BELO: permanência de modos de vida rurais

O lugar do cotidiano se produz simultaneamente ao lugar do mundial. As condições locais manifestam-se como resistência a homogeneidade dos lugares e das pessoas. Compreender essas resistências à mundialidade e aos desejos que ela impõe à vida é desvendar a vida cotidiana em todas as suas dimensões e, assim, enxergar os resíduos e as possibilidades que se conservam. Essa seção apresenta uma análise teórica em torno dos conceitos de cotidiano, lugar e modo de vida de forma a reconhecer que o modo de vida da Vila se revela nas práticas cotidianas de seus moradores.

Buscou-se apresentar a importância da interpretação desses conceitos no estudo da Vila de Pires Belo, pois compreende-se que as dinâmicas do mundo moderno se manifestam no cotidiano e este se torna instrumento importante de conhecimento e análise da sociedade, trazendo visibilidade a essa complexa realidade social. A partir desses pressupostos, a dinâmica socioespacial da Vila é melhor interpretada pela análise da a, pois é nela, onde se manifestam os ritmos da vida.

O cotidiano enquanto categoria filosófica pode contribuir para compreensão da permanência do modo de vida rural como resistência à lógica homogenizadora no lugar. A noção de modo de vida é analisada a partir das obras de La Blache (2010); Sorre (1984); Claval (2007), dentre outros que buscam analisar essa noção a partir das relações habitante-lugar ao longo da história. O lugar é aqui considerado como expressão do mundial e, também, onde se manifestam as relações cotidianas. Interessa-nos entender o lugar como formação humana, considerando as relações sociais que se estabelecem nele e a dominância de determinadas referências, no caso das Vilas, daquelas vinculadas ao modo de vida do campo.

Apresentou-se, nessa seção: a) conceitos e teorias sobre a vida cotidiana e a importância dessa noção no estudo da Vila; b) interpretações do lugar como a manifestação do mundial e, também, como o particular; c) análise do modo de vida e cultura na vila de Pires Belo; da vida cotidiana e das relações pessoais e com o lugar.

5.1 Concepções filosóficas sobre a vida cotidiana

A interpretação do conceito de cotidiano, antes conhecido como o banal, o irrelevante vem ganhando significado, principalmente nas últimas décadas, com o processo de globalização repercutido nas esferas econômicas, científica e cultural. Dessa forma, serão utilizadas principalmente abordagens teóricas das obras de Heller (2004), Lefebvre (1991, 1999) e Certeou (2012), os quais embora apresentem abordagens diferenciadas, se complementam para melhor explicar a realidade empírica da pesquisa. Dessa forma, contribuirão nas reflexões sobre a constituição dos sujeitos sociais e sobre o permanente conflito entre a acomodação e a resistência, produzida tanto externamente, quanto no interior dos indivíduos.

Para Lefebvre (1991), o cotidiano e suas teorias podem ser instrumentos importantes de compreensão dos processos de globalização ocorridos, principalmente nas últimas décadas, os quais repercutiram nos modos de produção econômica, científica e cultural. Para o autor, a vida cotidiana possui uma estreita relação com a organização social.

Nessa perspectiva, Carlos (2007b) considera que o cotidiano como categoria de análise ganha importância a partir da tendência da mundialização, uma constituição da sociedade urbana que ao generalizar-se produz um novo modo de vida, novos valores que se realizam no plano do local e afetam a escala da vida humana. Ao ganhar dimensão real e concreta no lugar, as teorias do cotidiano revelam que os processos não se referem exclusivamente ao plano da economia, mas como consequência, ao plano social, ou seja, os processos de mundialização da sociedade se revelam no lugar, no cotidiano.

É na vida cotidiana que acontece as verdadeiras criações, as ideias, os valores, os costumes e os sentimentos, assim, a compreensão da vida cotidiana se faz na mediação das esferas política, econômica e social, esta última como apreensão da totalidade. Nesse contexto, o cotidiano definido como o humilde, o sólido e que aparenta certa insignificância ganha valorização por conseguir se presumir naquilo que não é facilmente percebido.

O estudo da vida cotidiana toma dimensões significativas ao pensar o cotidiano como interpretação do mundo de uma forma diferente, uma interpretação através do "vivido", capaz de contribuir para a elucidação do mundo moderno, ou seja, o banal do dia-a-dia, o "insignificante", incorporado à filosofia. Segundo Lefebvre (1991),

> [...] tratando-se de cotidiano, trata-se, portanto, de caracterizar a sociedade em que vivemos, que gera a cotidianidade (e a modernidade). Trata-se de defini-la, de definir suas transformações e suas perspectivas, retendo, entre fatos aparentemente insignificantes, alguma coisa de essencial, e ordenando os fatos. Não apenas a cotidianidade é um conceito, como ainda podemos tomar esse conceito como fio condutor para conhecer a "sociedade" [...] (LEFEBVRE, 1991, p. 35, grifos do autor).

Na concepção de Lefebvre (1991), o cotidiano é o produto histórico mais próximo da sociedade e do homem. Constitui-se como instrumento para a abordagem empírica da realidade e como uma forma de mediação entre o particular e o universal, visto que o lugar do cotidiano se produz simultaneamente à produção do mundial. O movimento da produção/reprodução não se desenvolve nas altas esferas da sociedade, mas na vida cotidiana, pois é nela que se situa o núcleo racional, o centro real da práxis.

Para Lefebvre (1999), é no cotidiano que o homem moderno ultrapassa a dominação exercida pela engrenagem social 'desumanizante', mesmo com o sucesso das pressões e repressões advindas do controle sobre a vida, há o fracasso e as contradições que nascem ou renascem mesmo que sufocadas ou mal dirigidas. Dentre essas contratendências que Lefebvre (1999) considera como 'irredutíveis' está o desejo. Assim para o autor, o desejo, escapa às normas sociais pelas fissuras que persistem ou se aprofundam entre os diferentes níveis das lógicas sociais.

Costa (2010), ao descrever sobre a vida cotidiana no contexto da obra de Lefebvre (1991), coloca que a sociedade, mesmo sendo programada pelas ideologias do nível global, é no cotidiano, no nível privado, onde a riqueza da negação aparece com mais força. A resistência pode ser encontrada por meio de formas cristalizadas através de práticas que negam e subvertem a ordem distante.

> Daí a necessidade do estudo da vida cotidiana como campo da realização de outras possibilidades que não somente aquelas apontadas pela racionalidade capitalista, como lugar da criatividade, do encontro, da festa, da plenitude da vida. Resíduos nos mostram que nem tudo é passível de cooptação e que existem, sim, outros caminhos [...] (COSTA, 2010, p. 48).

Certeau (2012) compartilha da ideia de que é no cotidiano onde se encontram às resistências à ordem imposta pela modernidade e acrescenta que através das práticas cotidianas o indivíduo cria formas para resistir aos modelos de consumo impostos pela ordem dominante. Os movimentos de resistência diante das forças hegemônicas de

reprodução e controle social são encontrados no cotidiano, ou seja, os mecanismos de poder que tentam regular e controlar a vida dos homens podem ser burlados através de práticas, táticas e estratégias de sobrevivência que os indivíduos criam na dinâmica cotidiana. Para Certeau, Giard e Mayol (2011), o cotidiano

> é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente. Todo dia, pela manhã, aquilo que assumimos, ao despertar, é o peso da vida, a dificuldade de viver, ou de viver nesta ou noutra condição, com esta fadiga, com este desejo. O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. É uma história a meio-caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...] É um mundo que amamos profundamente, memória olfativa, memória dos lugares da infância, memórias do corpo, dos gestos da infância, dos prazeres [...] (CERTEOU; GIARD; MAYOL, 2011, p. 31).

Para Certeou, Giard e Mayol (2011), o indivíduo, o homem ordinário, através da invenção do cotidiano e de suas astúcias compõem uma rede de antidisciplina e táticas de resistências que escapam à razão técnica, alterando objetos e códigos e reapropriando o espaço e o uso à sua maneira. Em contrapartida às estratégias do sistema tecnológico estão as práticas cotidianas como morar, cozinhar, habitar, falar, ler, ir às compras, ou seja, nas operações e usos individuais.

Noutra abordagem, Heller (2004) analisa a vida cotidiana como o lugar onde a sociedade adquire existência concreta e, também, o centro do acontecer histórico que envolve o homem em todos os seus aspectos. Para a autora, o termo vida cotidiana refere-se às formas que a vida assume em diversas sociedades, inclusive em sociedades anteriores e com estruturas diferenciadas às da sociedade burguesa o que distingue sua expressão às de Henri Lefebvre, o qual busca a caracterização da vida cotidiana sob o modo capitalista de produção.

Ao falar sobre a estrutura da vida cotidiana, Heller (2004) a considera como vida de todo homem sem exceções e independente do posto da divisão social do trabalho intelectual e físico. As pessoas participam da vida com todos os seus aspectos desde o nascimento, é a vida de cada um individualmente, como de um grupo. A vida cotidiana é, em vários aspectos, heterogênea, principalmente no que se refere ao conteúdo e a significação dos tipos de atividades; e hierárquica, mas não de forma eterna e imutável, pois se modifica em função das diferentes estruturas econômico-sociais.

Quanto ao indivíduo, Heller (2004) acrescenta que ele está emerso na cotidianidade e não escapa a sua dinâmica. É ao mesmo tempo um ser particular e um ser

genérico, porque cada sujeito é único e capaz de fazer escolhas individuais, ao mesmo tempo, que é produto e expressão de suas relações sociais. Levigard e Barbosa (1997) ao analisarem a obra de Heller (2004, 7. ed) acrescentam que no pensamento da autora, a vida cotidiana é o fermento secreto da história, pois é nela que ocorre a revolução invisível tramada por todos os homens no processo de evolução social. A vida cotidiana é dialeticamente o lugar da dominação e da rebeldia e não existe "perfeita submissão" nem mesmo na sociedade administrada pela burocracia e pela indústria cultural.

Em termos gerais, embora apresentem concepções teóricas e conceituais diferenciadas, Lefebvre (1991, 1999); Heller (2004) e Certeou (2012) partem da ideia de que é no cotidiano onde estão as resistências ao que é imposto pela ordem social hegemônica, e leva-nos a considerar que nem tudo é cooptado pela racionalidade capitalista, mas que as resistências à razão técnica e ao urbano, enquanto realidade real e virtual são encontradas no cotidiano. É no cotidiano dos moradores da vila de Pires Belo onde se encontra a resistência do rural e o que não é capturado pelo modo de vida urbano.

O modo de vida rural como resistência a invasão do urbano permite considerar, que os moradores da Vila, ao desenvolver suas tarefas cotidianas criam formas para escapar do que é imposto pela mundialidade. Há de considerar que essas resistências não são ações planejadas e forçadas pelos moradores da Vila, mas envolvem a produção das relações mais gerais, ou seja, as práticas desenvolvidas com a intenção de desenrolar a vida, de forma que essas relações encontram-se fora dos limites da produção de mercadorias e do processo de trabalho, embora não as negue, para enfocar a vida em todas as suas dimensões.

5.2 Compreender o lugar para compreender a vila de Pires Belo

Na Geografia, a categoria lugar vem, ao longo do tempo sofrendo alterações na sua concepção. Atualmente, pode ser considerada uma das categorias geográficas mais importantes e mais complexas. Importante, pois a compreensão do lugar é indissociável à do mundo e vice-versa. E complexa, visto que existem correntes convergentes e contraditórias que buscam cada uma, à luz de teorias próprias, explicar como o lugar permite uma análise profunda e multifacetada da realidade atual.

Assim, a categoria lugar, encontra-se articulada, entre outras, às questões relativas à globalização *versus* individualismo, às visões de tendência marxista *versus*

fenomenológica ou à homogeneização do ambiente versus sua capacidade de singularização (FERREIRA, 2000). Nessa ótica, compreender o lugar é compreender tanto a realidade subjetiva quanto a objetiva, é colocar-se em algum lugar no meio do caminho, entre a visão descentrada do cientista que vê o lugar como um conjunto de relações genéricas, e aquela centrada do sujeito que o vê em relação às preocupações do indivíduo.

A constituição do lugar, que é histórica e social, guarda todas as dimensões do movimento da vida. É no lugar onde a vida se desenvolve, e por isso, este tem importância fundamental no estudo da realidade da vila de Pires Belo. Como o lugar é uma construção social do espaço, abre perspectivas para se pensar o desenvolvimento do cotidiano, e deste modo, a apropriação espacial da Vila.

É importante considerar, que na Geografia existem leituras diferenciadas, e algumas vezes opostas de lugar, as quais derivam de concepções teóricas e de visões de mundo distintas. A noção de lugar foi primeiro utilizada por La Blache e Sauer e estava ligada à ideia de região, embora não tenha sido aprofundada uma discussão sobre o seu significado.

Foi com a Geografia Humanista, a partir da década de 1970 que o conceito de lugar volta a ter importância no estudo da sociedade, tornando-se um dos seus conceitos chaves e é apreendido como algo construído pelo sujeito no decorrer de sua experiência. O enfoque é dado para o lugar no âmbito da existência real e da experiência vivida. O lugar, concreto é único e tem uma paisagem que é essencialmente uma paisagem cultural. Chistofoletti (1985), ao descrever sobre a Geografia Humanística acrescenta.

> [...] O lugar é aquele em que o indivíduo se encontra ambientado, no qual está integrado. Ele faz parte do seu mundo, dos seus sentimentos e afeições; é o "centro de significância ou um foco de ação emocional do homem". O lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para uma pessoa ou grupo de pessoas. (CRISTOFOLETTI, 1985, 22, grifos do autor).

Nesse sentido, o lugar é um produto da experiência humana e representa mais do que a localização espacial, ele não está vazio de conteúdo, mas sim é o lugar habitado por alguém. Além do espaço geográfico, representa o conjunto de experiências vividas, as quais constroem a identidade dos indivíduos com os lugares, bem como o sentimento de pertencimento, é através do espaço que se articulam as experiências e vivências do espaço.

Outro autor que traz concepções sobre o conceito Humanista de lugar é Tuan (1983). Para o autor, o ser humano constrói vínculos em determinados recortes espaciais, estes vínculos são construídos ao longo do tempo no espaço e estão intimamente ligados a experiência, aos sentidos e à convivência em determinadas localidades que podem se transformarem em "lugar", levando em consideração a esfera do vivido, quantitativa ou teorética.

Na perspectiva de Tuan (1983), o lugar é um centro de significados construído pela experiência e só se torna realidade a partir da familiaridade com o espaço e não necessita de ser definido através de uma imagem precisa e limitada. O espaço, nesse sentido não tem o mesmo significado de lugar, pois este se transforma em lugar à medida que é mais bem conhecido e dotado de valor pelo indivíduo.

Se o lugar é o centro de significância e de referências afetivas desenvolvidas ao longo da vida e da convivência com o outro, as identidades (sociais, culturais, territoriais) formadas nesse contexto, derivam da intenção humana e da relação existente entre aquelas intenções e os atributos objetivos do lugar, ou seja, o cenário físico e as atividades ali desenvolvidas. A relação seja econômica ou social, que os moradores têm com lugar podem ser entendidas ao serem analisadas em sua totalidade e em todos os seus aspectos.

A outra acepção de lugar conhecida como radical ou materialista-histórico, diz respeito à sua compreensão tanto como produto de uma dinâmica que é única, ou seja, resultante de características históricas e culturais intrínsecas ao seu processo de formação, quanto como uma expressão da globalidade. Destarte, "[...] o lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular." (CARLOS, 2007b, p. 22).

Embora haja, na Geografia, concepções teóricas e metodológicas diferentes sobre lugar: geografia humanista e geografia radical, não se deve priorizar uma vertente em detrimento da outra, já que apesar de concepções científicas diferentes, são complementares e juntas traduzem o conceito de lugar necessário para uma compreensão profunda e multifacetada da realidade atual. Ferreira (2000), ao falar sobre uma possível unidade entre os conceitos de lugar, acrescenta.

> Compreender o lugar é, deste modo, compreender uma relação possível entre questões políticas e econômicas e teias de significações e vivências expressas localmente sem perder-se de vista suas relações estruturais globais ou as novas relações espaciais determinadas por um mundo em constante mutação. É exatamente esta essência constantemente em

> movimento, esta capacidade de responder aos estímulos internos e externos com diferentes velocidades, esta qualidade da permanência (material, afetiva e simbólica) associada a permeabilidade e processos internos e internos influenciadores de sua modificação (material, afetiva e simbólica) que faz com que o lugar seja um permanente desafio a sua compreensão e a compreensão do mundo. (FERREIRA, 2000, p. 81).

No entanto, o lugar é o espaço familiar ao indivíduo, vivido e experiênciado, mas não é uma realidade isolada, pertence a um conjunto de lugares, marcados por diferentes naturezas e unidos por uma complexa rede de relações (políticas, econômicas e sociais) que se estabelecem em diferentes escalas que formam o espaço geográfico. Essa definição de lugar, como uma construção sócio-histórica dada pela geografia radical, complementa o sentido de lugar dado pela Geografia Humanística.

Na visão de Carlos (2007b), o lugar é produto das relações sociais que se realizam no plano do vivido, e isso garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e pela cultura, produzindo a identidade. Nesse contexto, o lugar se, constitui na base da reprodução da vida,

> [...] é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões. Também significa pensar a história particular de cada lugar se desenvolvendo, ou melhor, se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que lhe são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é ao que se vai construindo e se impondo como consequência do processo de constituição do mundial. (CARLOS, 2007b, p. 17).

O lugar é parte integrante de uma totalidade e os processos sociais que o envolve levam-no a uma comunhão com o mundo, embora ele se apresente diferente de outros lugares, o que permite analisa-lo como produto de uma dinâmica única, resultante de características históricas e culturais inerentes ao seu processo de formação e como uma expressão da globalidade.

Santos (1999), ao referir-se sobre as relações local-global acrescenta que a ordem global busca impor uma racionalidade única, no entanto, os lugares respondem segundo os modos de sua própria racionalidade. Enquanto a ordem global funda escalas superiores e externas, o local funda a escala do cotidiano, "[...] cada lugar é, ao mesmo tempo, objeto de uma razão global e de uma razão local, convivendo dialeticamente." (SANTOS, 1999, p. 273). A vila de Pires Belo, compreendida aqui como lugar está conectada ao mundial e continua a preservar características particulares como dinâmicas socioespaciais e tempos diferenciados.

Ferreira (2000) considera que os lugares não se diferenciam apenas pelos ambientes físicos, mas também pelas díspares respostas humanas às oportunidades e limitações apresentadas pelos mesmos. Destarte, os habitantes de Pires Belo, seus hábitos, culturas e tradições influenciam na constituição do lugar, o que estabelece as particularidades, pois cada população, cada indivíduo, carrega consigo uma história e um modo de vida único capazes de conduzir escolhas e decisões futuras.

A partir dessas concepções é possível afirmar que os moradores da vila de Pires Belo, em sua maioria procedentes de áreas rurais, trazem consigo os hábitos do campo e repassam, a cada geração, a cultura e a história em que viveram, materializando-as. Contudo, agora ela é entremeada a novos hábitos, influenciados pela mundialidade, embora continue recriando, face aos novos eventos, o modo de vida do campo. Dentre esses hábitos pode ser destacada a relação afetiva entre os vizinhos, muito presente em áreas rurais, como contribui Mendes (2005), em seu estudo sobre produção rural familiar nas comunidades rurais do município de Catalão (GO) no período de 2000 a 2005.

> [...] prevalecem, no meio rural, determinadas relações que, em larga medida, refletem sobre uma maior afetividade e amizade entre as pessoas (relação de vizinhança). Provavelmente esse comportamento seja explicado pela formação de valores estabelecidos pela convivência familiar e pela necessidade de relações de colaboração no trabalho. (MENDES, 2005, p. 260, grifos da autora).

Essas relações de afetividade são encontradas na vila de Pires Belo, principalmente, pelos laços de amizades construídos. O aspecto acolhedor e colaborador da população compõem-se como fator importante na constituição da Vila como lugar para se viver. Os moradores possuem apego ao lugar, pelo modo de vida e pelas relações sociais nele existentes, pois o lugar é a porção do espaço apropriado à vida,

> [...] apropriado através do corpo - dos sentidos - dos passos de seus moradores, é o bairro é a praça, é a rua, e nesse sentido poderíamos afirmar que não seria jamais a metrópole ou mesmo a cidade *latu sensu* a menos que seja a pequena vila ou cidade - vivida/ conhecida/ reconhecida em todos os cantos. Motoristas de ônibus, bilheteiros, são conhecidos-reconhecidos como parte da comunidade, cumprimentados como tal, não simples prestadores de serviço. As casas comerciais são mais do que pontos de troca de mercadorias, são também pontos de encontro [...] (CARLOS, 2007b, p. 17, grifos da autora).

Por sua vez, a vila de Pires Belo, pode ser considerada um lugar, visto que nela se concretizam, pelas ações cotidianas, as relações citadas. A Vila oferece condições para a

permanência de conteúdos rurais mediados por um sentimento de pertencimento e enraizamento dos sujeitos no lugar. Dessa forma, os elementos que figuram a sociedade moderna não eliminam os elementos específicos que caracterizam o modo de vida do campo, mas o recria (SILVA, 2008, p. 130).

O reconhecimento do lugar enquanto produto histórico e social realiza-se a partir da análise dos grupos sociais que o constitui. Os moradores da vila de Pires Belo, em sua maioria, procedentes ou, ainda, trabalhadores das áreas rurais, conservam muitos hábitos que viveram ou que lhe foram repassados pelos seus antecedentes.

A reprodução do modo de vida do campo e a pouca influência que recebem de outras localidades, em grande parte da cidade de Catalão (GO), cidade interiorana que também preserva, assim como a maioria dos municípios goianos, referências ao rural, possibilitam a conservação de muitos conteúdos que, embora transformados ao longo do tempo, remetem-se ao campo.

Bagli (2006), ao estudar os hábitos rurais em Presidente Prudente (SP), afirma que estes são reflexos das relações estabelecidas no cotidiano, portanto expressam a realidade do lugar. Estão presentes no modo de trabalhar, descansar, ou seja, em todos os momentos do indivíduo,

> o rural não está presente apenas na paisagem. Atividades produtivas próprias dos espaços rurais se mantêm, concomitante aos hábitos construídos cotidianamente. A rotina de vida se edifica sobre as atividades desenvolvidas, as limitações enfrentadas e as oportunidades dadas no dia a dia, sejam elas no trabalho ou no lazer [...] (BAGLI, 2006, p. 176).

A vida cotidiana tem influência na produção/reprodução do espaço, visto que este não se restringe apenas as formas completas, mas está cheio de vida, fragmentos de vida e da dimensão do uso do espaço e do tempo. Em pequenos núcleos urbanos como a Vila, o cotidiano dos habitantes é permeado por relações com o rural observadas no modo de vida de cada habitante, na forma que se comportam e como se relacionam.

A constituição dos hábitos rurais ocorre sobre uma lógica mais próxima à natureza, com intensa relação com a terra e com o que ela pode oferecer "[...] a base das relações cotidianas é edificada sobre a intensa ligação de troca estabelecida entre homem e terra." (BAGLI, 2010, p. 87). A terra representa o sustento da família e a garantia de sobrevivência.

A tradição rural, isto é, as habilidades de trabalhar com a terra, dos moradores

da Vila fazem com que a população viva necessariamente das atividades no/do campo e permite maior relação com a terra, presente em áreas rurais, principalmente, porque é o que sabem e estão acostumados a fazer, já que a formação profissional dessa população centra-se na atividade agrícola (31,4% dos moradores da Vila são trabalhadores rurais).

É importante considerar que os objetos e ações característicos do rural e constituintes da identidade da população da Vila, requer uma leitura que ultrapasse a contraposição de rural e de urbano, pois a compreensão desse espaço faz-se ao reconhecer e considerar as sutilezas e os limites dessa relação. Silva (2008), ao estudar a permanência do rural nas vilas distritais de Cibele e Caiçara no interior de Goiás, considera que os conteúdos rurais (ruralidades),

> [...] se apresentam de várias formas. Nota-se a facilidade que os moradores das vilas têm de identificar a presença de um estranho, já que 'todo mundo se conhece'. Há uma clara noção de pertencimento e um sentimento de localidade existente entre eles. Os níveis de contato e cooperação nas diversas atividades [...] exprimem os laços de afinidade entre as famílias, estendendo-se para além dos limites territoriais específicos das vilas [...] (SILVA, 2008, p. 127).

Esses lugares mantêm os traços dos indivíduos que os produzem, o que, de certa forma, permite que se reconheça um viver característico do campo em uma estrutura urbana, mesmo com o acesso da população aos meios de comunicação, sobretudo à mídia. Os meios de comunicação reproduzem e influenciam a comunidade local com hábitos, estilos e valores ditos modernos e globalizados, mas sem que isso descaracterize os costumes e as características rurais.

A definição do lugar e dos seus conteúdos (sejam rurais ou urbanos) é afirmada pelas escolhas e estratégias dos seus moradores engendrados pelas redes de relações históricas e sociais construídas ao longo da vida. Reconhecer o lugar é desvendar o cotidiano de cada morador, seus hábitos, suas relações e sua história. É na observância do cotidiano dos habitantes que se encontram os motivos da permanência de hábitos rurais na Vila de Pires Belo bem como a transformação desses hábitos pelo movimento da modernidade que alcança a cidade e o campo.

5.3 Modo de vida e cultura: a vila de Pires Belo

As características rurais encontradas nas práticas cotidianas da população da

vila de Pires Belo são aqui reconhecidas como modo de vida e esta noção representa a reprodução social e as manifestações culturais e simbólicas de determinado grupo. Dessa forma, torna-se necessário compreender a origem desse conceito e como ele se faz importante no desvendamento da vida cotidiana dos moradores de Pires Belo, de forma que se distinga a heterogeneidade das formas culturais existentes em determinado espaço e como este espaço se insere em uma dinâmica mais geral. Os principais autores utilizados para caracterizar a noção de modo de vida e cultura são: Sorre (1984); Marx e Engels (2002); Claval (2007); La Blache (2005)[29] os quais discorrem em seus trabalhos, sobre o reconhecimento da organização social, de determinada época, e sua importante para interpretações dos sujeitos sociais e, assim, compreender quais suas necessidades e anseios.

A noção de modo de vida não é conceito recente, ela tem suas origens nas considerações de gênero de vida, ainda no início do século XIX a partir da Geografia Regional de origem Francesa. Atualmente, o conceito de gênero de vida vem sendo reabilitado através de novas teorias, principalmente, ao referir-se aos estudos da sociedade e do cotidiano das pessoas, o que redimensiona o peso e o significado das relações sociais estruturais. Ultrapassa-se o sentido político e as condições materiais das classes sociais para compreender as práticas cotidianas, ou seja, suas tradições, diferenciações internas e a internalização subjetiva das condições de existência da sociedade.

Um dos primeiros autores a trabalhar com as questões de gênero de vida foi o geógrafo Frances Paul Vidal de La Blache. Segundo Capel (1988), La Blache contrapunha ao pensamento naturalista predominante da sua época e trouxe uma teoria em que o homem, ao se adaptar ao meio, criava hábitos, usos e costumes que lhe permitia utilizar os recursos naturais disponíveis. A esse conjunto de hábitos e costumes construídos e passados socialmente, La Blache (2005) denominou de gênero de vida e as diversidades dos meios explicariam a diversidade dos gêneros de vida. Assim, as regiões constituiriam uma unidade ou um organismo que daria suporte para os grupos humanos desenvolverem ao longo da história um gênero de vida.

Em seus estudos, La Blache (2005) descreveu as complexas atividades habituais que são a base da existência e caracterizam os grupos humanos e buscou exemplos na vida das populações de coletores, de caçadores e de criadores, sendo que a

[29] O Texto de La Blache (2005) é uma versão publicada na Revista GEOgraphia da Universidade Federal Fluminense. A Versão original é do Annales de Geographia, nº 111, ano XX, tomo XX, 15 de maio de 1911.

noção de gênero de vida envolve quase todas as atividades humanas. O autor mostrou, ainda, a importância de entender os diferentes gêneros de vida dos homens e o papel dos conhecimentos que são repassados a cada geração, o que indica como as sociedades se organizavam e apropriavam do seu território.

> Um gênero de vida constituído implica em uma ação metódica e contínua, que age fortemente sobre a natureza ou, para falar como geógrafo, sobre a fisionomia das áreas. Sem dúvida, a ação do homem se faz sentir sobre seu meio desde o dia em que sua mão se armou de um instrumento; pode-se dizer que, desde os primórdios das civilizações, essa ação não foi negligenciável. (LA BLACHE, 2005, p. 114).

Os gêneros de vida foram criados pelo homem com o auxílio de materiais retirados da natureza. Por transmissão hereditária de processos e invenções, os homens construíram métodos que asseguravam sua existência e que condicionavam o meio para seu uso. De forma que a força do hábito desempenhava um grande papel na natureza social do homem, pois sua especialização e sua estabilidade dependiam em grande parte da especialização e da estabilidade dos gêneros de vida.

Sorre (1984), ao aprofundar as análises de La Blache (2005), acrescenta que o conceito de gênero de vida designa o conjunto, mais ou menos coordenado das atividades espirituais e materiais consolidado pela tradição pela qual um grupo humano determina sua permanência em um meio. É baseado em atividades como a pesca, a agricultura, a criação nômade ou características urbanas. O gênero de vida, assim, como o modo de vida é um conjunto de técnicas que são transmitidas pela tradição através da qual o homem mantém o domínio da natureza.

A evolução interna do modo de vida, segundo Sorre (1984) pode originar do crescimento demográfico ou de uma organização social que comporta a divisão do trabalho, fato que permite uma diferenciação profissional e o desmembramento dos gêneros que empobrecem as atividades do grupo e comprometem sua autonomia. As consequências dessas evoluções levam a diferenciações de gêneros de vida em um mesmo grupo e à transformação da noção de gênero de vida. Este pode apresentar uma evolução com transformações e mesmo ramificações em sub-gêneros.

Sorre (1984) acredita que a evolução dos gêneros de vida acontece pela influência das mudanças do meio, pela contaminação de culturas por outras ou mesmo pelo transporte de culturas. A circulação arrasta elementos de renovação dos gêneros de vida e funciona como um instrumento de uniformização do globo. Por outro lado, a circulação faz

surgir outros gêneros de vida ligados diretamente à sua existência. A cidade é a expressão concreta do gênero de vida urbano, dominado pela atividade da circulação.

> [...] aos olhos do geógrafo, a cidade não é somente um acidente da paisagem. Seus traços fisionômicos são a expressão concreta e durável do gênero de vida urbano, dominado pela atividade da circulação [...] A simples aglomeração dos homens comanda uma coordenação que não se impõem quando eles estão dispersos. (SORRE, 1984, p. 116).

A cidade comporta diferentes gêneros de vida secundários expressos na especialização de certos bairros em relação ao nível de vida e à profissão de seus moradores. É sempre necessário voltar-se para a ocupação e para a marca que ela imprime no lugar. A noção de gênero de vida, em sua acepção clássica e com os desenvolvimentos trazidos pela concepção de gêneros de vida mistos, pode ser aplicada no mundo moderno.

E para Sorre (1984), dentre os elementos que compõem o gênero de vida, o nível de vida aparece como o mais expressivo no mundo moderno. Assim, essa noção perde importância no plano geográfico enquanto ganha no plano social. A aceleração das mudanças e o véu de uniformidade que mascara as diferenças dificulta a identificação das diferentes formas de vida, é tarefa dos geógrafos desvendá-las.

Gomes (1996) analisa as obras de La Blache e considera que os gêneros de vida são frutos das escolhas humanas frente ao ambiente, e resultados contingentes dos gêneros de vida anteriores, regidos por uma ideia de possibilidade e não de necessidade. Dessa forma, cada grupo social representa um gênero de vida que reflete as particularidades de uma comunidade bem como a forma de ver o ambiente que habita.

Mendoza et al. (1988), ao falar sobre o pensamento geográfico vidalino, acrescenta que a noção de gênero de vida é entendida pelo autor como um conjunto articulado de atividades e de técnicas que ao serem cristalizadas pela força do costume, expressavam as formas de adaptação e de resposta dos diferentes grupos sociais ao meio geográfico, no entanto, era similar às noções de cultura.

Claval (2007) argumenta que para La Blache, a cultura pertinente se apreende através dos instrumentos utilizados pelas sociedades e das paisagens modeladas, no entanto, esses elementos só ganham sentindo se compreendidos como integrantes do gênero de vida, os quais permitem uma noção sobre as técnicas e assinala como se relacionam os hábitos. Mesmo sendo naturalista pela sua origem e justificações, a noção de gênero de vida deriva-se para posições mais humanistas, pois que introduz na geografia humana uma lógica que estimula à integração de aspectos comportamentais cada vez mais

complexos e variados.

Outros autores que utilizam a noção de modo de vida aplicada a sociedade capitalista são Marx e Engels (2002). Esses autores trazem contribuições ao analisarem uma sociedade complexa e em constante transformação. O modo de vida representa a forma particular de um grupo social manifestar a vida, no qual as tradições e as representações resultantes da experiência vivida das condições materiais de existência desempenham um importante papel.

Ao aplicar a noção de modo de vida à ideologia alemã, Marx e Engels (2002) colocam que esta diz respeito à forma como os homens produzem os seus meios de vida, construindo uma série de costumes que serão necessários para a sua reprodução. O modo de vida deve ser entendido segundo a íntima relação existente entre o modo de produção e os aspectos culturais que envolvem as sociedades. Para os autores,

> [...] ao produzirem seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, a sua própria vida material. O modo como os homens produzem os seus meios de vida depende, em primeiro lugar, da natureza dos próprios meios de vida encontrados e que lhes é necessário produzir. Este modo da produção não deve ser considerado no seu mero aspecto de reprodução da existência física dos indivíduos. Trata-se já, isso sim, de uma forma determinada de manifestar a sua vida, de um modo de vida dos mesmos. A maneira como os indivíduos manifestam a sua vida reproduzem exatamente aquilo que são. Aquilo que são, coincide, portanto, com a sua produção, isto é, com aquilo que produzem e com a forma como produzem. Aquilo que os indivíduos são depende das condições materiais da sua produção. (MARX; ENGELS, 2002, p. 17).

Sob o capitalismo, o modo de vida está relacionado à forma como esse modo de produção se reproduz, incorpora e redefine as práticas sociais a um ritmo e tempo próprios. Nesse sentido, não pode ser entendido sem o modo de produção ou sem a análise dos aspectos culturais, os quais desenvolvem e singularizam as sociedades.

O modo de vida dos moradores da vila de Pires Belo é formado por um conjunto de elementos materiais e imateriais desenvolvido no cotidiano, resultado da tradição repassada às gerações e das condições disponíveis à vida dos moradores que são transformadas ao longo dos anos. As relações de parentesco, de vizinhança, a relação com o meio, com a terra, as relações de gênero traduzem em modos de vidas específicos e particulares que determinam as formas de organização da Vila.

Dessa forma, o modo de vida rural é mantido pelas relações diárias estabelecidas com a *roça.* Nesse contexto, os hábitos surgem das relações formadas sob

condições determinadas pela rotina. As atividades diárias dos trabalhadores rurais, principalmente os homens começam logo pela manhã, habitualmente às cinco ou seis horas, e se estendem até o entardecer. Quanto às mulheres, trabalham nos restaurantes, na Fábrica de Pallets, no Colégio Estadual, ou mesmo oferecem serviços de manicure e trabalham como diaristas para complementarem as despesas da casa. O cotidiano da Vila se desenvolve em meio a relações com o campo, seja nas condições de trabalho ou nas relações sociais desenvolvidas entre os membros do grupo.

Nesse contexto, as noções de modo e gênero de vida, trazidas de La Blache, Sorre, Marx e Engels, podem ser usadas para explicar a sociedade atual desde que estejam relacionadas ao cotidiano. A interpretação da noção de modo de vida se expressa como uma tentativa de apreender a singularidade do lugar e as condições locais como resistência a homogeneidade dos lugares e das pessoas. Silva (2007) ao analisar os modos de vida coloca que, nas sociedades atuais, é possível abstrair a noção de diferença como elemento fundamental do estudo do lugar. O diferente aparece na abordagem de Silva (2007) como resíduo ou possibilidade.

Pensar as relações que acontecem na vila de Pires Belo, através das experiências que determinado grupo expressa em um tempo e espaço, permite compreender as dinâmicas criadas pelos indivíduos ao se relacionarem e reproduzirem a vida. Os moradores da Vila se expressam por meio de costumes, regras, formas simbólicas crenças e leis e vivem suas experiências nos sentimentos, nas ideias, no trabalho e assim configuram toda uma cultura e um modo de vida e de luta, os quais definem o lugar em que estão inseridos.

Ás seis horas da manhã Pires Belo já está acordada. Os armazéns e as panificadoras estão abertos para atender aos moradores que saem para o trabalho nas propriedades rurais: cuidar do gado, das plantações, ou mesmo trabalhar na Vila ou nos restaurantes localizados na zona rural do distrito os quais distam de 1km a 5km. No entanto, o modo de vida rural não é caracterizado apenas pelo trabalho, mas também, pelos aspectos mais simbólicos como as relações sociais entre os habitantes da Vila.

A moral e a dignidade são valores apreciados e cultivados em comunidades rurais e em pequenos núcleos urbanos. E as relações de caráter são entrelaçadas com relações de afetividade, parentesco e respeito, o que gera a confiança estabelecida em regras e códigos relacionados à ética da convivência em grupo. Na vila de Pires Belo, a honra e a dignidade da família ou mesmo do indivíduo tem poder maior nas relações

sociais do que o próprio poder aquisitivo. De tal modo que as relações sociais, na pequena cidade são marcadas pela pessoalidade e geralmente exercem um controle muito eficaz sobre os membros de sua coletividade. Conforme Prado (1995),

> na cidade grande, seremos "indivíduos" - quando na rua, quando anônimos na massa, quando cidadãos, em condições de igualdade no exercício de direitos e obrigações; ou seremos "pessoas" - quando em casa, quando identificados e reconhecidos por nossas relações e posições em determinados contextos, podendo por isso ter precedência ou ser discriminados. Já na cidade pequena, a tendência é sermos sempre "pessoas", identificadas como particulares, reconhecidas, localizadas. (PRADO, 1995, p. 35, grifos do autor)

Predomina, portanto, em pequenos núcleos urbanos o universo das relações pessoais. Essas configurações reforçam a ideia de que o lugar, embora se espelhe na cidade, mantém hábitos rurais. Amplia-se o destino de moradia, enredado num universo de confiança/desconfiança, em um tempo que *sobra para a prosa diária,* e para as trocas de favores (Foto 6).

Foto 6 – Pires Belo, Catalão (GO): moradores sentados em frente à moradia. Ressalta-se a relação de vizinhança – 2011

Fonte: Pesquisa de campo (2011). Autora: Mesquita, A. P. de.

Na sociedade urbana atual, com outros valores e regras de sobrevivência, a aceleração do tempo[30], a disseminação das amizades virtuais e a individualização da sociedade é cada vez mais rara a relação de amizade entre vizinhos e, principalmente, um *tempo que sobra* para as conversas, como visto em pequenas cidades. As relações citadas remetem-se ao modo de vida rural, como o vínculo de amizade, solidariedade e de ajuda mútua.

Marques (1994), ao estudar o camponês tradicional em Ribeira (PB) entre 1992 e 1994, define o modo de vida como as relações específicas desenvolvidas a partir da reprodução de existência do grupo. É um processo que não se desenvolve automaticamente e não se trata de simples repetições, mas de práticas sociais que são reconduzidas através da luta cotidiana pela sobrevivência dos membros do grupo. Para compreender um modo de vida específico é preciso entender os diferentes elementos que o constituem e que se combinam, bem como qual é a lógica dessa combinação.

> o modo de vida corresponde a um conjunto de práticas cotidianas desenvolvidas por um determinado grupo social decorrente de sua história e da posição que ocupa na sociedade envolvente e da forma específica que assegura a sua reprodução social. Corresponde à forma de um determinado grupo social manifestar sua vida. (MARQUES, 1994, p. 3).

Como observado, o conceito de modo de vida utilizado por Marques (1994) segue a linha de análise de Marx e Engels (2002), para os quais a produção dos modo de vida só pode ser entendida com o modo de produção e com a análise dos aspectos culturais. E o modo de produção não deve ser considerado apenas no viés da existência física dos indivíduos, mas é preciso considerar a forma de manifestar a vida dos mesmos.

A conservação do modo de vida rural na Vila é justificada tanto pelo elo com o campo ,no que diz respeito às práticas empreendidas pelos moradores, quanto no que refere à ocupação dos espaços da Vila e pela manutenção da sociabilidade. O modo de vida dos moradores é reflexo das relações estabelecidas no cotidiano no decorrer da vida.

Como forma de lazer e sociabilidade, o encontro dos moradores acontece nos bares localizados no entorno da praça central[31], localizada na Avenida Central do Distrito

[30] Termo utilizado por Carlos (2004), ao referir-se ao um tempo comprimido, imposto e quantitativo que se inscreve e em um espaço reproduzido, tendencialmente, sem referências para o habitante, observado nas metrópoles.

[31] O distrito de Pires Belo conta com duas praças: Praça "Carlindo Gonçalves de Mesquita" localizada na Av. Central de Pires Belo e Praça "Geralda Ribeiro da Silva" localizada em frente ao Posto de Saúde "José Rodrigues da Cruz", inaugurada em 2009.

próximo ao Largo da Igreja Católica (Foto 7). A concentração dos habitantes em um mesmo lugar garante maior aproximação entre as pessoas e, do mesmo modo, maior reconhecimento.

Foto 7 - Pires Belo, Catalão (GO): vista da Praça Central, próximo ao largo da Igreja Católica- 2013

Fonte: Pesquisa de campo (2011). Autora: Mesquita, A. P. de.

É comum nos finais de semana, principalmente aos domingos, a vinda de jovens, antigos moradores da Vila e pessoas de outras localidades próximas para reencontrar os amigos e familiares. Pinto (2003) ao falar da praça em estudo sobre pequenas cidades acrescenta:

> A 'pracinha' é o local onde as pessoas sentam, conversam e colocam os assuntos em dia. É o ponto de encontro da juventude local, quando, nas tardes de sábados e domingos, espalham-se as mesas e cadeiras pela praça e ali reúnem-se os jovens, bebendo a tradicional cerveja de final de semana e batendo aquele papo gostoso, ou, como dizem, ficam 'jogando conversa fora'. (PINTO, 2003, p. 3, grifos do autor).

Além de se reunirem nos bares e *pit-dogs*, a praça é o ponto de encontro de amigos para conversar e namorar. É na praça onde tudo acontece, os encontros, as conversas, as festas. A praça da Vila tem importância fundamental na sociabilização dos moradores. Silva (2000, p. 30, grifos da autora), ao abordar a cultura e a territorialidade

urbana em pequenas cidades, afirma que, “a praça central de uma pequena cidade ‘onde tudo acontece’ (na visão dos seus habitantes) [...] pode servir de espaços de socialização de jovens no domingo à noite, ou ainda para realização das festas religiosas [...]”

Foto 8 – Pires Belo, Catalão (GO): vista parcial da praça com a concentração de *pit-dogs* - 2013

Fonte: Pesquisa de campo (2013). Autora: Mesquita, A. P. de.

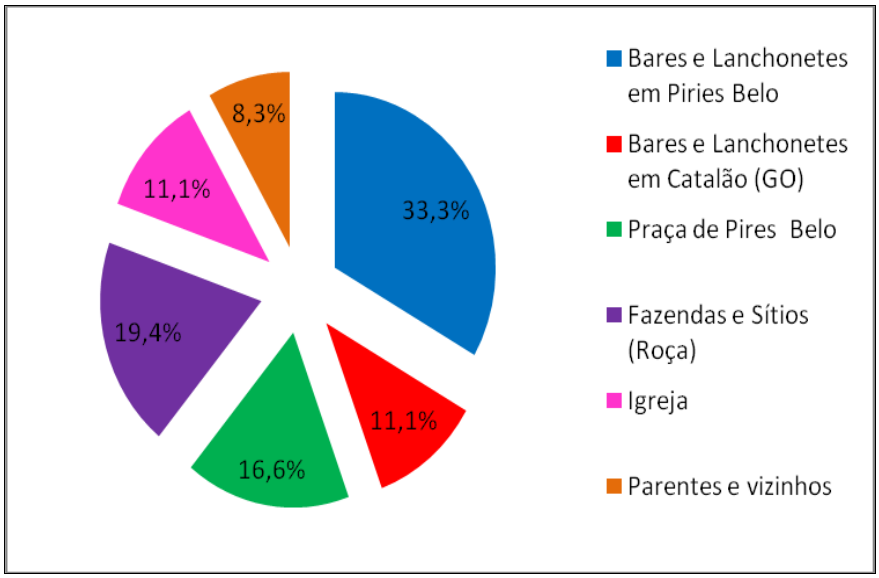
Foto 9 - Pires Belo, Catalão (GO): *Pit-dogs* e lanchonetes durante a noite - 2013

Fonte: Pesquisa de campo, 2013. Autora: Mesquita, A. P. de.

Em estudo sobre a sociabilidade em espaços públicos, Barros (2010) acrescenta que a praça é um local de grande valor histórico, cultural e de interação social e consiste em um dos mais importantes espaços públicos da história das cidades, fundamental na configuração urbana. Representa o lugar do encontro, da passagem e da sociabilidade. Historicamente é palco de manifestações culturais, sociais, políticas, cívicas, esportivas e religiosas.

Em pequenos núcleos urbanos, como a vila de Pires Belo, a praça tem papel fundamental na socialização dos moradores e representa uma das poucas opções de lazer da Vila (Gráfico 8). É um espaço de encontro de toda população, de crianças à idosos, principalmente nos finais de semana, assim, raramente a praça se encontra vazia. Dessa forma, a praça serve como principal ponto de encontro e de lazer para os moradores. Além da função como ponto de lazer, é na Praça Central onde são feitos o embarque e o desembarque de passageiros que utilizam o transporte público, visto que a Vila não possui terminal rodoviário.

Gráfico 8 - Pires Belo, Catalão (GO): lugares frequentados aos finais de semana - 2011



Fonte: Pesquisa de campo (2011/2013). Org.: Mesquita, A. P. de (2013)

Ainda quanto ao lazer, a Vila conta com um campo de futebol e uma quadra de esportes. O campo de futebol é utilizado para campeonatos locais e regionais. Os jogos acontecem, principalmente, nos finais de semana. A quadra de esportes, é utilizada para campeonatos e para atividades de estudantes do Colégio Estadual. Esse espaço outrora foi utilizado para as festas religiosas em homenagem á São Sebastião as quais não acontecem há cerca de 8 (oito) anos. A festa reunia participantes de toda a região.

Outro ponto de lazer e de prática de atividades físicas, que também representa, um ponto de encontro da população, é a pista de caminhada e a academia pública que foi recentemente instalada[32] na Vila. Essas atividades reúnem os moradores da Vila no final da tarde para caminhar e conversar com os amigos.

[32] A academia pública, também conhecida como academia ao livre, foi instalada na Vila, durante a primeira quinzena de dezembro de 2013 pelo Governo Municipal da cidade de Catalão (Dados da pesquisa de campo dez./2013).

Foto 10 - Pires Belo, Catalão (GO): vista parcial da pista de caminhada - 2013

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.
Autora: Mesquita, A. P. de.

Foto 11 - Pires Belo, Catalão (GO): vista da academia ao ar livre - 2013

Fonte: Pesquisa de campo, 2013.
Autora: Mesquita, A. P. de.

Com esses pressupostos o modo de vida é aqui compreendido como um conjunto de práticas culturais desenvolvido no cotidiano ao longo da história a partir de suas posição e reprodução social. A cultura é interpretada pela obra de Claval (2007) e representa uma criação coletiva e renovada do homem que molda e define os contextos da vida para organizar e dominar o espaço.

> A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra [...]. Não é, portanto um conjunto fechado e imutável de técnicas e comportamentos. Os contatos entre os povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mutuo. A cultura transforma-se também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio. (CLAVAL, 2007, p. 63).

O modo de vida rural na Vila permanece, mesmo com a influência do modo de vida urbano, pois a cultura não é algo imutável, se adapta às mudanças da sociedade. A introdução de elementos novos numa determinada região cultural permite um novo dinamismo ao modo de vida sem que isso elimine o modo de vida anterior, o que se observa é a incorporação de novos elementos e a eliminação de outros. Compreender os aspectos culturais das sociedades permite melhor reconhecimento do modo de vida dos grupos sociais, fato que torna os estudos completos e estabelecem a devida atenção à essência do ser humano.

Em termos gerais, a vida cotidiana dos moradores da Vila se realiza em meio a trocas e relações com o rural, o qual designa, de forma direta e indireta, os hábitos na Vila. A presença de características que simbolizam a *roça* não se manifesta de forma linear e única, pois a vida social não obedece a apenas um ritmo e direcionamento. São pessoas que lutam por uma vida digna e adotam as possibilidades do lugar.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cidadezinha Cheia de Graça

Cidadezinha cheia de graça...
Tão pequenina que até causa dó!
Com seus burricos a pastar na praça...
Sua igrejinha de uma torre só...

Nuvens que venham, nuvens e asas,
Não param nunca nem um segundo...
E fica a torre, sobre as velhas casas,
Ficam cismando como é vasto o mundo!...

Eu que de longe venho perdido,
Sem pouso fixo (a triste sina!)
Ah, quem me dera ter lá nascido!

Lá toda a vida poder morar!
Cidadezinha... Tão pequenina
Que toda cabe num só olhar...

Quintana (1983)

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender a relação entre o campo e a cidade na atualidade, nos obriga, de certa forma, a reconhecer a realidade multifacetada na qual vivemos e buscar nos reconhecer no momento e movimento da reprodução da sociedade. Essa relação é, também, reflexo da inserção do Brasil no quadro da economia mundial e que desperta a necessidade de colocar a "reprodução da sociedade" no centro do debate.

Novas influências, técnicas e hábitos inseridos no campo influenciam uma diversidade de estudos que buscam compreender a nova dinâmica e a complexidade do campo e da cidade. No campo, as novas funções e as novas atividades advindas da inserção de novas técnicas e instrumentos de trabalho e da tentativa de abandono da vida estressante nas grandes cidades, levam o campo e o rural a apresentarem funções que antes só eram encontradas nas cidades.

Uma dessas funções é a revalorização do campo como local de lazer e descanso, na qual o rural deixa de ser um espaço produtor para representar um espaço de consumo. Nesse sentido, se transforma em produto para atender às exigências e aos olhares exteriores em vez de acolher às necessidades internas. Nesse mesmo sentido, o rural não é reconhecido como lugar de vida e de trabalho que necessita de intervenções públicas direcionadas aos habitantes locais, desconsiderando-se, seus anseios e desejos.

O rural é aqui compreendido como modo de vida, ultrapassa-se os aspectos econômicos - embora os tenham considerado - para reconhecer o rural a parir de um viés cultural e social que permite visualizar sua complexidade através de perspectivas transescalares dos fenômenos. Nesse sentido, o rural embora carregue suas especificidades através da história não está isolado do mundial e se torna uma importante categoria de análise ao considerá-lo em relação ao urbano e aos outros rurais – ao rural plural; essencial para compreender a complexa e diversificada realidade brasileira – e ao interpretá-lo não apenas como espaço geográfico, mas ao reconhecer as relações que nele são desenvolvidas e inseridas.

A cidade e o urbano, também, passaram por transformações resultantes das intensas modificações na organização socioespacial brasileira. Mudanças que ditaram novas funções e novos papeis às pequenas e médias cidades, possibilitando-as a tornarem-se lócus privilegiado da realização de parcelas da produção, a inserirem-se em interações espaciais de grande alcance e a integrarem-se a novas fronteiras; fato que despertou novos

interesses para análises. Passou-se de estudos centrados em grandes centros urbanos para considerar a dinâmica das pequenas cidades e dos pequenos núcleos urbanos, visto que representam grande parte do que é considerado urbano no País. Nesse contexto, ressaltou-se a importância da análise das suas particularidades para que se reconheça a dinamicidade do processo de urbanização brasileira e considere todo o contexto regional em que esses núcleos urbanos estão inseridos, o que não descarta suas relações com os núcleos urbanos maiores e com o rural.

Reconheceu-se os distritos como parte do sistema hierárquico urbano brasileiro, sendo influenciado por uma rede de cidades ou de certa forma, influenciando estas. A análise lugares como a Vila possibilitam compreender a dinâmica da relação entre campo e cidade. Haja vista que sua a base econômica é proveniente das áreas rurais.

Os moradores da Vila, em geral, vieram das áreas rurais e continuam seus vínculos com as mesmas, até porque a Vila apresenta pouca oferta de trabalho aos moradores, com destaque para o trabalho na *roça*, na criação de animais, principalmente bovinos para leite e em raros casos para corte, bem como na plantação de tomate e milho, este último, utilizado para a alimentação animal e o excedente é comercializado. Essa condição de dependência da população em relação ao campo garante a permanência de hábitos e conteúdos rurais, os quais se mantêm à medida que a população conserve os seus vínculos.

Assim, é o elo com o campo e o modo de vida repassado a cada geração que permite a permanência e a manutenção de hábitos rurais, os quais são observados no desenrolar da vida cotidiana e a partir das relações sociais na Vila. O conteúdo, referente a este espaço, é composto por um conjunto de valores, práticas, comportamentos e hábitos que resultam das variadas formas de relacionamento com o lugar.

O cotidiano representa noção fundamental para compreender o modo de vida rural na Vila, visto que é no cotidiano que o processo de globalização repercute com mais força, tanto na esfera econômica, quanto nas esferas científica e cultural. O cotidiano é de um lado a representação do mundial, visto que os processos de mundialização da sociedade se revelam no lugar, no cotidiano, e de outro, a representação do privado, em que a riqueza da negação aparece com mais força. São nas práticas cotidianas que os indivíduos criam formas de resistência aos modelos de consumos impostos pela ordem dominante, resistências que não são planejadas pelo indivíduo, mas ações gerais desenvolvidas ao

desenrolar a vida, ou seja, ao desenvolver suas tarefas cotidianas através de determinado modo de vida.

Dessa forma, é o conjunto de elementos materiais e imateriais desenvolvidos no cotidiano que caracterizam o modo de vida da Vila. São as relações de parentesco, de vizinhança, a relação com o meio, com a terra que traduzem em modos de vidas específicos e particulares que determinam as formas de organização do lugar. O modo de vida da Vila é o resultado da tradição repassada às gerações e das condições disponíveis à vida dos moradores que são transformadas ao longo dos anos. As experiências expressadas pelos moradores da Vila permitiram compreender as dinâmicas criadas pelos indivíduos através de costumes, das regras, das formas simbólicas, das leis as quais configuram toda uma cultura e um modo de vida e de luta, os quais definem o lugar em que estão inseridos.

A relação da Vila com a cidade de Catalão (GO) mostra a dependência desta em relação a sede municipal. Não diferente de outros distritos brasileiros, há falta de apoio à população local que pode ser vista na carência de serviços disponíveiss, principalmente no que se refere a saúde e a educação (Informação verbal, pesquisa de campo, dez. 2013).

A dependência com Catalão também está ligada a escassez de serviços urbanos oferecidos na Vila. A economia urbana do distrito oferece pouca variação de comércios e serviços além da inexistente atividade industrial. Dessa forma, o comércio atende basicamente às necessidades ligadas à alimentação, aos gêneros de consumo domésticos e à alguns produtos básicos para manutenção das atividades no campo. Essa escassez de serviços na Vila faz com que a população se desloque diariamente para a cidade de Catalão (GO).

Acredita-se que a carência de equipamentos e serviços do Distrito e mais precisamente da Vila não seja o fator que reforce ou que garanta a permanência modos de vida ruais. Como dito, esses hábitos existem por meio da relação econômica e social com o campo e do modo de vida repassado a cada geração.

Embora a oferta de trabalho nas áreas rurais não desperte interesse A população local, essa possibilidade de renda tem atraído, principalmente nos últimos 6 (seis) anos migrantes de outras regiões e estados do Brasil (Ceará, Bahia, Minas Gerais). Esses migrantes representam quase 30% da população da Vila, fato que não pode ser desconsiderado diante o estudo da mesma.

Outra característica ressaltada durante a pesquisa de campo remete as relações interpessoais como o conhecimento mútuo, as relações pessoais embasadas na confiança e

na troca de favores o que mostra que as relações pessoais são marcadas pela pessoalidade. Relações que se estendem às dimensões da vida local como em referências para localização de endereços na Vila e nas atividades comerciais.

Com efeito, o modo de vida do campo é renovado em face aos impulsos de uma crescente modernização. É possível encontrar na Vila, elementos modernos como as novas tecnologias de comunicação, o que não significa um total abandono do modo de vida rural pela população e sim transformações e adaptações com intensidades e ritmos diferenciados. O modo de vida rural da Vila é reflexo da vida cotidiana da população que ao manifestar-se transformam o espaço, impondo suas particularidades.

O modo de vida rural é reconhecido através das relações cotidianas, do trabalho, das relações sociais, e não por meio dos aspectos físicos da Vila. Não é a falta de infraestrutura que garante a existência/permanência de conteúdos rurais. Esse modo de vida não está isolado do mundial e sofre influência direta deste, não de forma completa, mas em ritmos e intensidades diferentes. Assim, não é descaracterizado, mas recriado e adaptado, reproduzindo particularidades.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R. **Funções e medidas da ruralidade no desenvolvimento contemporâneo**. Rio de Janeiro: IPEA, 2000. 31 p. (Texto para discussão n. 702).

ALENTEJANO, P. R. R. As relações campo-cidade no Brasil do século XXI. **Terra Livre**, São Paulo, v. 2, n. 21, p. 25-39, jul/dez 2003.

ALENTEJANO, P. R. R. O que há de novo no rural brasileiro? **Terra Livre**, São Paulo, n. 15, p. 87-112, 2000.

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O planejamento de pesquisas qualitativas. In:_____. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. 2. Ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. p. 147-176.

ARAÚJO, F. A. de; SOARES, B. R. Relação cidade-campo: desafios e perspectivas. **Campo Território**: revista de geografia agrária, v. 4, n. 7, p. 201-229, fev. 2009. Disponível em: http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/11894. Acesso em: 3 maio 2010.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 15287**: informação e documentação: projeto de pesquisa: apresentação. Rio de janeiro, 2005.

BAGLI, P. **Rural e urbano nos municípios de Presidente Prudente, Álvares Machado e Mirante do Paranapanema**: dos mitos pretéritos às recentes transformações. 2006. 207 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2006.

BAGLI, P. Rural e urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição. In: SPOSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. (Org.). **Cidade e campo**: relações e contradições entre urbano e rural. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 81-110.

BARROS, R. C. da S. Sociabilidade em espaços públicos: um estudo de caso da praça da república e da praça Alencastro na cidade de Cuiabá (MT). In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 16, 2010, Porto Alegre. **Anais**... Porto Alegre, 2010. p. 1-9.

BIAZZO, P. P. Campo e rural, cidade e urbano: distinções necessárias para uma perspectiva crítica em geografia agrária. In: ENCONTRO NACIONAL DE GRUPOS DE PESQUISA, 4, 2008, São Paulo. **Anais**... São Paulo, 2008. p. 132-150.

BISPO, C. L. de S. **As vilas de Pires Belo e Santo Antônio do Rio Verde no município de Catalão (GO)**: territórios onde rural e urbano se encontram. 2011. 162 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Campus Catalão, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2011.

BISPO, C. L. de S. et al. Os produtores de tomate e o arrendamento de terra: o distrito de Pires Belo no município de Catalão (GO). ENCONTRO REGIONAL DE GEOGRAFIA, 5, 2007, Catalão. **Anais**... Catalão: Universidade Federal de Goiás, 2007. 8 p.

BLUME, R. **Território e ruralidade**: a desmistificação do fim do rural. 2004. 179 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) - Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

BRANDÃO, C. R. **A partilha da vida**. São Paulo: Geic / Cabral Editora, 1995. 273 p. (Cultura, Educação e Ambiente no Vale do Paraíba, 1).

BRASIL. Emenda Constitucional (1996). **Emenda constitucional nº 15, de 12 de setembro de 1996**. Dá nova redação ao art. 4º do art. 18 da Constituição Federal, dez. 2013. Acesso em: 13 de dezembro de 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc15.htm

BUBER, M. **Sobre comunidade**. Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 1987. 141 p.

CAMPOS, M. das. D. **Catalão**: estudo histórico e geográfico. Goiânia: Bandeirantes, 1976. 164 p.

CAPEL, H. **Filosofía y ciencia en la Geografía contemporánea**: una introducción a la Geografía. 3. ed. Barcelona: Barcanova S.A, 1988. 510 p.

CARLOS, A. F. A Uma leitura sobre a cidade. **Revista Cidades**, Presidente Prudente (SP), v. 1, n. 1, 2004, p. 11-30.

CARLOS, A. F. A. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Labur Edições, 2007a. 123 p.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do Mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007b, 85 p.

CARNEIRO, M. Ruralidades: novas identidades em construção. **Estudos - Sociedade e Agricultura**, n. 11, p. 53-75, out. 1998. Disponível em: <http://168.96.200.17/ar/libros/brasil/cpda/estudos/onze/zeze11.htm.> Acesso em: 20 mar. 2011.

CASARIL, C. C. Pequenas cidades ou cidades locais? Por uma perspectiva teórico-metodológica atual. In: ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 16, 2010, Porto Alegre, **Anais**... Porto Alegre, 2010. p. 1-13.

CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer. Tradução Ephraim Ferreira Alves. 18. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2012. 316 p.

CERTEAU, M.; GIARD, L.; MAYOL. **A invenção do cotidiano**: 2. Morar, cozinhar. Tradução Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. 10. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2011. 371.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2009. 164 p. (Biblioteca da educação. Série 1. Escola; v. 16).

CHRISTOFOLETTI, A. As perspectivas dos estudos geográficos. In:_____. **Perspectivas**

da geografia. São Paulo: Difel, 1985, p. 12-36.

CLAVAL, P. **A Geografia cultural**. Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Piementa. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007. 453 p.

CORRÊA, R. L. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 30, p. 05- 12, 2011.

CORRÊA, R. L. Globalização e reestruturação da rede urbana uma nota sobre as pequenas cidades. **Revista Território**, Rio de Janeiro, ano 4, n. 6, p 41-52, jan./jun. 1999.

COSTA, C. L. **Cultura, religiosidade e comércio na cidade**: a festa em louvor à Nossa Senhora do Rosário em Catalão (GO). 2010. 230 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1994. p. 51-66.

DEGASPARI, S. D.; VANALLI, T. R.; MOREIRA, M. R. G. **Apostila de normalização documentária**: com base nas normas da ABNT**.** Presidente Prudente: Serviço Técnico de Biblioteca e Documentação. 2006, 31 p. http://www2.prudente.unesp.br/biblioteca.

DIAS, P. C. Questões iniciais para o estudo das relações campo-cidade na Bahia: processos e indicadores. In: LOPES, D. M. F.; HENRIQUE, W. (Org.). **Cidades médias e pequenas**: teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: SEI, 2010. p. 209-226. (Série estudos e pesquisas, 87).

DIAS, R.; GARRIDO, E. **Considerações jurídicas sobre o tema das emancipações**. Brasília: CNM, 2008. 7 p. Disponível em: <http://portal.cnm.org.br/sites/5800/5840/historicodasemancipacoes.pdf>. Acesso em: 28 abril de 2011.

ECHEVERRI PERICO, R. Reflexiones sobre lo rural: economía rural, economía de territorios. In: DIRVEN, M. et al. **Hacia una nueva definición de "rural" con fines estadísticos en América Latina**. Santiago (Chile): Naciones Unidas/CEPAL, 2011. p.13-20. (CEPAL – Colección Documentos de proyectos).

ELESBÃO, I. O espaço rural brasileiro em transformação. **Finesterra**, Lisboa, v. 42, n. 84, p. 47-65, 2007.

ESTADO DE GOIÁS. Lei complementar nº 4 de 17 de jul. de 1990. Altera a Lei Complementar nº 2, de 16 de janeiro de 1990. Disponível em: <http://www.sefaz.go.gov.br/LTE/LC-004-90.htm>. Acesso em: 20 maio 2013.

FERREIRA, A. B. H. **Dicionário Aurélio básico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 428.

FERREIRA, I. M. **O afogar das veredas**: uma análise comparativa espacial e temporal das veredas do chapadão de catalão (GO). 2003. 242 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São Carlos, 2003.

FERREIRA, L. F. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 9, p. 65·83, jul./dez., 2000.

FERREIRA, S. C. Contribuição ao debate acerca de pequenas cidades na rede urbana. In: SIMPÓSIO SOBRE PEQUENAS CIDADES E DESENVOLVIMENTO LOCAL, 1, 2008, Paraná. **Anais**... Paraná: Departamento de Geografia da UEM, 2008. 9 p.

FERREIRA, Y. N. O papel dos distritos na estruturação da fronteira e seu significado urbano. **Revista do Departamento de Geociências**, Londrina, v.6, 1990/1991, p.55-65.

FIGUEIREDO, E. Um rural cheio de futuros? In: _____. (Org.). **O rural plural**: olhar o presente, imaginar o futuro. Alentejo (Portugal): 100LUZ, 2011. p. 13-46. (Coleção Territórios da Mudança).

FRESCA, T. M. Centros locais e pequenas cidades: diferenças necessárias. **Mercator**, número especial, dez. 2010.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010. 200 p.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 216 p.

GOMES, H.; TEIXEIRA NETO, A. **Geografia**: Goiás/Tocantins. Goiânia: CEGRAF, UFG, 1993. 227 p.

GOMES, P. C. da C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996. 366 p.

GOMÉZ MENDOZA, J; MUÑOZ JIMÉNEZ, J.; ORTEGA CANTERO, N. **El pensamiento geográfico**: estudio interpretativo y antología de textos (De Humboldt a las tendencias radicales): Madrid: Alianza Editorial, 1988. 531 p.

GONÇALVES, F. E. **Cidades pequenas, grandes problemas**: perfil urbano do Agreste Potiguar. 2005. 173 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

GONÇALVES, R. C.; DOULA, S. M.; DUPIN, L. V. Fotografia e pesquisa científica agrária, questionamentos sobre suas interfaces. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGIA RURAL, 8, 2010, Porto de Galinhas. **Anais**...México: Alasru, 2011. 10 p.

GONZAGA, T. P. de A. **Da arte ao ofício à produção de um lugar**: o Alagamar, Pirambu (SE). 2009. 168 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Núcleo de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Sergipe, 2009.

GRAZIANO DA SILVA, J. **O novo rural Brasileiro**. 2. ed. rev. Campinas (SP): Unicamp, IE, 2002. 151 p. (Coleção Pesquisas, 1).

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Tradução Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004. 121 p.

HUGO DE PAULA, J. **Complexidade do campo em Pires Belo**: um estudo de caso. 2002. 47 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Campus Catalão, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2000**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000>. Acesso em: 03 de fev.. de 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/GO2010.pdf>. Acesso em: 20 de nov. de 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades@**. Catalão. Disponível em: < http://www.ibge.gov.br/cidadesat/default.php> acesso em: 20 nov. 2012.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades@**. Catalão. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/temas.php?lang=&codmun=520510&idtema=123&search=goias|catalao|lavoura-temporaria-2012>. Acesso em: 20 dez. 2013

LA BLACHE, P. V. Geografia geral: os gêneros de vida na Geografia Humana. Tradução Maria Regina Sader e Simone Batista. Revisão Rogério Haesbaert. **GEOgraphia**, Rio de Janeiro, v 7, n. 13, 2005. p. 113-130. Disponível em: http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/view/182/174. Acesso em: 02 out. 2013.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Tradução Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991. 320 p.

LEFEBVRE, H. Níveis e dimensões. In: _____ **A revolução urbana**. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999. p. 77-88.

LEVIGARD, Y. E.; BARBOSA, R. M. Incertezas e cotidiano: uma breve reflexão. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de janeiro, v. 62, n. 1, p. 84-89, abr, 1997. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672010000100009&script=sci_arttext>. Acesso em: 03 fev. 2013

LIMA, V. B. de. **Os caminhos da urbanização/mineração em Goiás**: o estudo de Catalão (1970-2000). 2003. 122 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia, universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

LOCATEL, C. **Modernização da agricultura, políticas públicas e ruralidade**: mudanças e permanências na dinâmica rural das microrregiões de Jales e Fernandópolis

(SP). 2004. 385 f. Tese (Doutorado em Geografia), Faculdade de Ciência e Tecnologia, Universidade do Estado de São Paulo, Presidente Prudente, 2004.

LOPES, D. M. F.; HENRIQUE, W. (Org.) **Cidades médias e pequenas**: teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: SEI, 2010. 250 p. (Série estudos e pesquisas, 87).

LUNA, S. V. **Planejamento de pesquisa**: uma introdução. São Paulo: EDUC, 2005. 108 p. (Série Trilhas).

MARAFON, G. J. O espaço rural em transformação: as novas relações campo x cidade no estado do Rio de Janeiro. In: CONGRESO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGÍA RURAL, 8, 2011, Porto de Galinhas. **Anais**...México: Alasru, 2011. 20 p.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012. 228 p.

MARQUES, M. I. M. O conceito de espaço rural em questão. **Terra Livre**, São Paulo, v. 18, n. 19, p. 95-112, jul./dez. 2002. Disponível em: http://200.132.38.201/professores/oscar/textos-didaticos/textos-de-extensao-e-comunicacao-rural/copy_of_conceito%20de%20espaco%20rural.pdf. Acesso em: 23 ago. 2012.

MARQUES, M. I. M. **O modo de vida camponês sertanejo e sua territorialidade no tempo das grandes fazendas e nos dias de hoje em Ribeira (PB)**. 1994. 153 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 1994.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia Alemã**: teses sobre Feuerbach. Tradução Silvio Donizete Chagas. São Paulo: Centauro, 2002. 127 p.

MATOS, P. F. de; PESSÔA, V. L. S. O "modelo" da agricultura modernizada no Chapadão do distrito de Santo Antônio do Rio Verde - Catalão (GO): o Grupo Rampelotti. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v. 18, n. 34, p. 99-114, jun. 2006.

MEDEIROS, R. M. V. Dilemas na conceituação do campo e do rural no Brasil. In. SAQUET, M. A.; SUZUKI, J. C.; MARAFON, G. J. (Org.). **Territorialidades e diversidade nos campos e nas cidades latino-americanas e francesas**. São Paulo: Outras Expressões, 2011. p. 59-66.

MELO, N. A. de M. **Pequenas cidades da microrregião geográfica de Catalão (GO)**: análise de seus conteúdos e considerações teórico-metodológicas. 2008. 527 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008.

MENDES, E. de P. P. **A produção rural familiar em Goiás**: as comunidades rurais no município de Catalão. 2005. 294 f. Tese (Doutorado em Geografia - Desenvolvimento Regional e Planejamento Ambiental) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2005.

MENDES, E. de P. P. Identidades sociais e suas representações territoriais: as comunidades rurais no município de Catalão (GO). In: ALMEIDA, Maria Geralda de; CHAVEIRO, Eguimar Felício Chaveiro; BRAGA, Helaine Costa (Org.). **Geografia e cultura**: os lugares da vida e a vida dos lugares. Goiânia: Editora Vieira, 2008. p. 137-165.

MENDES, E. de P. P.; PESSÔA, V. L. S. Técnicas de investigação e estudos agrários: entrevistas, registros de observações e aplicação de roteiros de entrevista. In: RAMIRES, C. de L.; PESSÔA, V. L. S. (Org.). **Geografia e pesquisa qualitativa**: nas trilhas da investigação. Uberlândia: Assis, 2009. p. 509-537.

MENDONÇA, M. R. **A urdiura espacial do capital e do trabalho no Cerrado do Sudeste Goiano**. 457 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004

MENDONÇA, M. R.; THOMAZ JÚNIOR, A. A modernização da agricultura nas áreas de Cerrado em Goiás (Brasil) e os impactos sobre o trabalho. **Investigaciones Geográficas**, Cidade do México, n. 55, p. 97-121, 2004.

MESQUITA, A. P. de. **A vila e seus conteúdos rurais**: a relação entre o rural e o urbano no distrito de Pires Belo, município de Catalão (GO). 2011. 67 f. TCC (Graduação em Geografia) – Departamento de Geografia, Universidade Federal de Goiás, Campus Catalão, Catalão, 2011.

MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2002. 80 p.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007. 406 p.

MONASTIKY, L. B. et al. A "escala esquecida": modernização e políticas públicas nos distritos municipais. **Relações campo-cidade temas & matizes**, Cascavel, n. 16, p. 8-23, 2009.

MONBEIG, P. Textos clássicos: o estudo geográfico das cidades. **Cidades**, Presidente Prudente (SP), v.1, n. 2, p. 277-314, 2004. Disponível em: < http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/481/511>. Acesso em: 21 nov. 2013.

MOREIRA, R. J. Cultura, política e o mundo rural na contemporaneidade. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 113-143, abr. 2003.

MOTA, D. M. da; SCHMITZ, H. Pertinência da categoria rural para análise social. **Ciências Agrotecnicas**, Laras, v. 26, n. 2, p. 392-399, mar./abr. 2002.

MOTA, F. L. **O rural e o urbano na cidade de Balsas (MA)**: transformações socioespaciais no pós 1980. 2011. 140 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

MUNICÍPIO DE CATALÃO. **Lei nº 1.594 de 26 de fevereiro de 1997**. Cria do distrito de

Pires Belo e dá outras providências. Catalão, 1997.

OLIVEIRA, et al. Entre Cruzeiro dos Peixotos e Uberlândia (MG): discussões acerca da relação campo-cidade. In: ENCONTRO DE GRUPOS DE PESQUISA, 2, 2006, Uberlândia. **Anais**... Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2006. p. 1-18.

PATTO, M. H. S. O conceito de cotidianidade em Agnes Heller e a pesquisa em educação. **Perspectivas**, São Paulo, v. 16, p. 119-141, 1993.

PINTO, G. J. **Do sonho à realidade**: córrego fundo (MG), fragmentação territorial e criação de municípios de pequeno porte. 2003. 251 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

PRADO, R. M. Cidade pequena: paraíso e inferno da pessoalidade. **Cadernos de Antropologia e Imagem**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 31-56, 1995.

QUINTANA, M. **Poesias**. 6. ed. Porto Alegre: Globo, 1983, 166 p.

ROSA, R. L.; FERREIRA, D. A. de O. As categorias rural, urbano, campo, cidade e a perspectiva de um *continuum*. In.: SPOSITO, M. E. B.; WHITACKER, A. M. (Orgs.). **Cidade e campo**: relações e contradições entre urbano e rural. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 187-204.

ROSAS, C. A. da F. **A (des)construção da dicotomia rural-urbano no Extremo Noroeste Paulista.** 2010. 242 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2010.

RUA, J. A complexa simultaneidade da integração e distinção entre o urbano e o rural: retomando um debate no espaço do Estado do Rio de Janeiro. **GEOPUC**, ano 4, n. 7, p. 72-113, 2011. Disponível em: < http://geopuc.geo.puc-rio.br/media/rua_5.pdf >. Acesso em: 18 set. 2013

RUA, J. Urbanidades no rural: o devir de novas territorialidades. **Campo-Território**: revista de geografia agrária, Uberlândia, v. 1, n. 1, p. 82-106, fev. 2006. Disponível em: http://www.seer.ufu.br/index.php/campoterritorio/article/view/11781. Acesso em: 26 jan. 2011.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção, São Paulo: Hucitec, 1990 45 p.

SANTOS, M. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 1996. 62 p.

SANTOS, M. **Espaço e sociedade**: ensaios. Petrópolis: Vozes, 1979. 65 p.

SCHNEIDER, S. A pluriatividade como estratégia de reprodução social da agricultura familiar no Sul do Brasil. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 16, p. 164-184, 2001.

SILVA, A. de P. e. Cidade pequena e o meio rural: resquícios de uma cultura caipira

paulista - Cristais Paulista (SP). In: ENCONTRO DA REDE DE ESTUDOS RURAIS, 4, 2010, Curitiba. **Anais**... Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2010.

SILVA, J. M. Cultura e territorialidades urbanas: uma abordagem da pequena cidade. **Revista de História Regional**, n. 5, v.2. p. 9-37, 2000.

SILVA, M. A. V. Cotidiano e lugar: interpretações conceituais numa leitura geográfica para uma prática de ensino. ENCONTRO ESTADUAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO, 2, 2007, Anápolis. **Anais**... Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2007, 9 p. Disponível em: <http://www.ceped.ueg.br/anais/IIedipe/pdfs/cotidiano_e_lugar.pdf>. Acesso em 23 nov. 2012.

SILVA, R. L. B. R. da. **Patrimônios**: espaço e lugar - Estudo das Vilas de Cibele e seus conteúdos. 2008. 234 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SILVA, S. B. de M. e. Cidades pequenas e médias: reflexões teóricas e aplicadas. In: LOPES, D. M. F.; HENRIQUE, W. (Org.). **Cidades médias e pequenas**: teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: SEI, 2010. p. 93-108 (Série estudos e pesquisas, 87).
SINGER, P. Campo e cidade no contexto histórico latino-americano. In: _____. **Economia política da urbanização**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 95-118.

SOARES, B. R. As novas espacialidades urbanas das cidades médias para o século XXI. In: OLIVEIRA, M. P.; COELHO, M. C.; CORRÊA, A. (Org.). **O Brasil, a América Latina e o Mundo**: espacialidades contemporâneas. Rio de Janeiro: Lamparina/Faperj/Anpege, 2008. v. 1, p. 153-164.

SOARES, B. R. Pequenas e médias cidades: um estudo sobre as relações socioespaciais nas áreas de cerrado em Minas Gerais. In: SPOSITO, M. E. B. (Org.). **Cidades médias**: espaços em transição. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 461-494.

SOARES, B. R.; MELO, N. A. de. Cidades médias e pequenas: reflexões sobre os desafios no estudo dessas realidades socioespaciais. In: LOPES, D. M. F.; HENRIQUE, W. (Org.). **Cidades médias e pequenas**: teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: SEI, 2010. p. 229-247 (Série estudos e pesquisas, 87).

SORRE, M. A noção de gênero de vida e sua evolução. In: MEGALE, J. F. (Org.). **Max Sorre**: Geografia. Tradução Januário Francisco Megale, Maria Cecília França e Moacyr Marques. São Paulo: Ática, 1984. p. 99-123.

SOUZA, S. T. Relação campo-cidade: em busca de uma leitura dialética para a compreensão desses espaços na atualidade. In: LOPES, D. M. F.; HENRIQUE, W. (Org.). **Cidades médias e pequenas**: teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: SEI, 2010. p. 195-226. (Série estudos e pesquisas, 87).

SPOSITO, M. E. B. **O chão em pedaços**: urbanização, economia e cidades no estado de São Paulo. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2004.

SPOSITO, M. E. B. A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade. In: LOPES, D. M. F.; HENRIQUE, W. (Org.) **Cidades médias e pequenas**: teorias, conceitos e estudos de caso. Salvador: SEI, 2010. p. 111-130. (Série estudos e pesquisas, 87).

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987. 175 p.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983. 250 p.

VEIGA, J. E da. **Cidades imaginárias**: o Brasil é menos urbano que se calcula. Campinas: Autores Associados, 2002.

VEIGA, J. E. da. **A dimensão rural do Brasil**. São Paulo: FEA-USP, 2004. Disponível em: <http://www.econ.fea.usp.br/seminários/artigos> acesso em: 19 de mar. de 2010.

VENTURI, L. A. B. (Org.). **Praticando geografia**: técnicas de campo e laboratório em Geografia e análise ambiental. São Paulo: Oficina de textos, 2005. 239 p.

WANDERLEY, M. de N. B. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas - o "rural" como espaço singular e ator coletivo. **Estudos - Sociedade e Agricultura**, n. 15, p. 87-145, out. 2000. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/quinze/nazare15.htm>. Acesso em 05 fev. 2011.

WANDERLEY, M. de N. B. A ruralidade no Brasil moderno: por um pacto social pelo desenvolvimento rural. In: **¿Una nueva ruralidad en América Latina?** Norma Giarracca. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2001. p. 31-44. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/rural/wanderley.pdf>. Acesso em: 03 de mar. de 2010.

WHITAKER, D. C. A. **Sociologia rural**: questões metodológicas emergentes. São Paulo: Letras à Margem, 2002.

APÊNDICES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

CAMPUS CATALÃO
CURSO DE GEOGRAFIA
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOCIOAMBIENTAIS (NEPSA)

APÊNDICE A – Roteiros de entrevista

ROTEIRO I - Entrevista com os moradores da vila do distrito de Pires Belo

1 IDENTIFICAÇÃO E CONTROLE DO QUESTIONÁRIO
1.1 Data da entrevista: ____ / ____ / 2013
1.2 Nome do entrevistador: .....

2 IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO
2.1 Nome do entrevistado: .....
2.2 Telefone para contato: fixo ( ) ..... celular: ( ) .....
2.3 Idade: ( ) anos.
2.4 Grau de instrução:
( ) ensino fundamental ( ) ensino médio ( ) ensino superior completo ( ) ensino superior incompleto ( ) analfabeto
2.4.1 Frequenta a escola? ( ) sim ( ) não
2.4.2 Se sim, em qual escola?.....

3 SITUAÇÃO OCUPACIONAL
3.1 Ocupação:
( ) trabalhador rural ( ) diarista ( ) empregada doméstica ( ) dona de casa ( ) lavrador
( ) outro Especificar:.....
3.1.2 Ocupação anterior?..... Por quanto tempo?.....
3.2 Renda média mensal em salários mínimos: ( ) salário (s)
3.2.1 Quantas pessoas na casa trabalham? ( ) pessoas
3.3 Possui aposentadoria? ( ) sim ( ) não - Qual motivo?.....

4.1 BENS DE CONSUMO, COMUNICAÇÃO E TRANSPORTE		
4.1 Bens de consumo		
( ) Máquina de lavar roupa/tanquinho	( ) Freezer	( ) Computador
( ) Televisão com antena comum	( ) Telefone	( ) Impressora
( ) Televisão com antena parabólica	( ) Forno elétrico	( ) Internet
( ) antena por satélite/TV a cabo	( ) Fogão a gás	( ) Ar condicionado
( ) DVD	( ) Fogão a lenha	( ) Outros: .....
( ) Rádio	( ) Batedeira	.....
( ) Geladeira	( ) Liquidificador	.....
4.2 Meios de comunicação		
( ) rádio ( ) televisão ( ) internet ( ) jornais ( ) revista especializadas ( ) outros:		
22.2.1 Quais são os mais utilizados?		
4.3 Meios de transporte		
( ) carro próprio	( ) motocicleta	( ) transporte escolar
( ) carro da fazenda	( ) linha de ônibus	( ) carroça
( ) carro alugado (táxi)	( ) a pé	
( ) carona	( ) outros:	

4.2 FONTE DE RENDA	
Fonte de renda principal	
Fonte de renda secundária	

5 COMPOSIÇÃO FAMILIAR

Nome (de cada um dos componentes da família)	Idade	Data de nascimento	Sexo	Condição na família	Tempo de residência	*Instrução	Frequenta escola	*Local da atividade	Religião

*Local de atividade: (1) Zona urbana (2) Zona rural (3) NSA

16 ESCOLARIDADE

16.1 Escolaridade (Anotar o nome dos membros da família com idade escolar [7 a 14 anos] e que estão frequentando a escola)

Nome	**Série**	***Turno**	***Local**	***Distância**	***Locomoção**	**Nome da Escola**

Turno: (1) matutino (2) vespertino (3) noturno **Local**: localidade onde está à escola **Distância**: distância em km da moradia até a escola

Locomoção: (1) a pé (2) transporte escolar (gratuito) (3) transporte ônibus de linha (pago) (4) outros .....

16.2 Crianças em idade pré-escolar (de 4-6): ..... 16.3 Número de pessoas cursando EJA (jovens/adultos): .....

16.4 Número de crianças - em idade escolar (de 7-14): ..... 16.5 Número de universitários: .....

16.6 Alguém gostaria de voltar a estudar? ( ) Não ( ) Sim

16.6.1 Quem? ( ) Chefe ( ) Esposa ( ) Filho/a ( ) Outro / Especificar: .....

6 INFORMAÇÕES SOBRE O DISTRITO

6.1 Tempo de residência no Distrito: ( ) meses ( ) anos

6.2 Tempo de residência na região: ( ) meses ( ) anos

6.3 Local de origem:

( ) área rural do município de catalão ( ) outros municípios vizinhos ( ) outros estados

( ) área urbana do município de Catalão

6.4 Têm vontade de voltar para sua região de origem? ( )sim ( ) não

6.4.1 Se sim, porque ainda não voltou?.....

6.5 Por que escolheu Pires Belo para morar?

( ) devido à tranquilidade do lugar ( ) oportunidade de emprego ( ) proximidade da família

( ) nasceu na região ( ) outros Especificar:.....

6.6 Sua moradia é? ( ) própria ( ) alugada ( ) cedida ( ) financiada ( ) outros

6.6.1 Se é alugada, qual é o valor do aluguel?.....

Especificar:.....

6.7 Você conhece a história da formação do Distrito de Pires Belo? ( ) Sim ( ) não

Se sim, qual? .....

6.8 Você se considera um morador: ( )rural ( ) urbano

7 O DISTRITO E A RELAÇÃO COM A CIDADE DE CATALÃO

7.1 Com qual frequência vai a Catalão (GO)?

( ) 1 vez por semana ( ) todos os dias durante a semana ( ) aos finais de semana ( ) 1 vez por mês

( ) Outros. Especificar:.....

7.2 Quais os principais serviços que você busca em Catalão?

( ) fazer compras ( )diversão e lazer ( ) assistência técnica e hospitalar ( ) estudar ( ) trabalhar

(....) outro:.....

7.3 Onde você realiza suas compras de supermercado? ( ) Pires Belo ( ) Catalão

Por quê?.....

7.3.1 Quais os produtos que você compra em Pires Belo? Por quê?

.....

7.3.2 Quais os produtos que você compra em Catalão? Por quê?

.....

7.4 Como é feito o deslocamento entre Catalão e o Distrito?

( ) ônibus ( ) carro próprio ( ) carona ( ) outro:.....

7.5 Quais são as principais necessidades do Distrito?

.....

8 A **RELAÇÃO COM O DISTRITO**

8.1 Você gosta de morar em Pires Belo? ( ) Sim ( ) não ( ) um pouco

8.2 Se tivesse a oportunidade de morar em outro lugar, sairia de Pires Belo? ( ) Sim ( ) não ( ) talvez

Por quê?.....

8.2.1 Se sim, para onde gostaria de ir?.....

Por quê?.....

8.3 O que você faz nos finais de semana? .....

8.3.1 Costuma frequentar?

( ) bares, lanchonetes e restaurantes em Pires Belo ( ) bares, lanchonetes, restaurantes em Catalão

( ) a praça em Pires Belo ( ) outros lugares Quais?.....

Onde?.....

8.4 Participa de esportes? ( ) sim ( ) não ( ) ás vezes

8.5 Costuma participar de festas, bailes no Distrito? ( ) Sim ( ) não ( ) às vezes

8.5.1 E da Igreja? ( ) sim ( ) não ( ) às vezes

8.6 Você acredita que Pires Belo futuramente se emancipará? ( ) Sim ( ) Não ( ) não sabe

Por quê?.....

8.7 Você acredita que a UHE Serra do Facão trouxe ou trará alguma melhoria para Pires Belo? ( ) sim ( ) não ( ) talvez

Por quê?.....

8.8 Quais a principais mudanças que ocorreram no Distrito com UHE Serra do Facão?.....

.....

8.**9 Quais você acredita ser os principais problemas do distrito**?.....

.....

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CAMPUS CATALÃO
CURSO DE GEOGRAFIA
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOCIOAMBIENTAIS (NEPSA)

ROTEIRO II - Entrevista com os produtores e trabalhadores rurais que residem na Vila de Pires Belo

1 IDENTIFICAÇÃO E CONTROLE DO QUESTIONÁRIO

1.1 Data da entrevista: ____ / ____ / 2013

2 IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO

2.1 Nome do entrevistado:
.....

2.2 Telefone para contato: fixo ( ) ..... celular: ( ) .....

2.3 Idade: ( ) anos.

2.4 Grau de instrução:

( ) ensino fundamental ( ) ensino médio ( ) ensino superior completo ( ) ensino superior incompleto ( ) analfabeto

2.4.1 Frequenta a escola? ( ) sim ( ) não

2.4.2 Se sim, em qual escola?.....

3 SITUAÇÃO OCUPACIONAL

3.1 Situação ocupacional

( ) Produtor patronal ( ) Produtor arrendatário ( ) Parceiro ou meeiro ( ) Produtor familiar ( ) Produtor assentado ( ) Trabalhador rural

3.1.3 Se produtor, quantos membros da família trabalham na propriedade?.....

Quais?.....

3.2 Se trabalhador, como recebe o pagamento? .....

3.1.2 Fonte de renda agrícola:

( ) principal ( )secundária ( ) não é fonte de renda

3.1.3 Possui renda não agrícola?

( ) sim ( ) não Especifique:.....

4 PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

4.1 Área da propriedade: .....

( ) própria ( ) arrendada ( ) outro

4. 2 Se própria, de que forma adquiriu a propriedade? ( ) herança ( ) compra de particular ( ) compra e herança ( ) concessão de uso ( ) usucapião

4.3 Se arrendada, quais os termos do arrendamento?.....

.....

4.3 Tamanho da área produzida: ( ) ha ( ) alqueire

4.4 Para que tipo de produção a área é utilizada? .....

.....

4.5.1 Há quanto tempo?..... **4.4. 2 Quantidade e valor da produção?**.....

4.6 Para onde é comercializada?.....

4.7 Porque escolheu este(s) produto(s)?.....

4.8 Contrata trabalhadores durante a produção? ( ) sim ( ) não **4.8.1 Se sim**: ( ) temporários ( ) permanente

5 DADOS E LOCALIZAÇÃO DA PROPRIEDADE

5.1 Nome da propriedade: .....

5.2 Localização: .....

5.3 Distância da propriedade à Vila de Pires Belo: .....

.5.4 Meio de locomoção: .....

5.5 Com qual frequência vai à propriedade?.....

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
CAMPUS CATALÃO
CURSO DE GEOGRAFIA
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOCIOAMBIENTAIS (NEPSA)

ROTEIRO III – Roteiro de observação, Vila de Pires Belo

Aspectos das formas espaciais, conteúdos socioculturais, cotidiano e modo de vida na Vila

DESCRIÇÃO/EXISTÊNCIA DE:	OBSERVAÇÕES
Animais típicos do meio rural uso de carroças e animais como meio de transporte	
Conhecimento pessoal entre os habitantes	
Festas religiosas tradicionais	
Uso e conservação das praças	
Meios de transporte utilizados	
Utilização das áreas de lazer	
Relações de vizinhança	
Horticultura e criação de animais nos quintais	
Relações dos moradores da Vila com as áreas rurais	
Relação com a cidade de Catalão	
Outras observações:	

Fonte: Melo (2008). Adaptação: Mesquita (2013)

ANEXOS

ANEXO 1

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UFG

Goiânia, 03/06/13

PARECER CONSUBSTANCIADO REFERENTE AO ATENDIMENTO DE PENDÊNCIAS EM PROJETO DE PESQUISA
Protocolo nº 071 13

I. Identificação:

1. Título do projeto: Rural e urbano na Vila do Distrito de Pires Belo, Município de Catalão (GO) a vida cotidiana e a relação com o lugar.
2. Pesquisador Responsável: *Amanda Pires de Mesquita*
3. Unidade/Órgão: *Programa de Pós-Graduação em Geografia de Catalão.*
4. Data de apresentação do protocolo à CEP: *13/03/13*
6. Data do Relato: *03/06/13*
7. Data de Atendimento das Pendências: *10/05/13*

II - Parecer do CEP:

Informamos que o *Comitê de Ética em Pesquisa* da Universidade Federal de Goiás, após análise das adequações solicitadas, **Aprovou,** em 03 de junho de 2013, o projeto acima referido, e o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes.

O pesquisador responsável deverá encaminhar ao CEP/UFG, relatórios da pesquisa, encerramento, conclusão(ões) e publicação(ões) de acordo com as recomendações da Resolução 196/96.

III - Data da reunião: 03/06/13.

Assinatura do Relator:

Prof. João Batista de Souza
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa/CEP
Prof. João Batista de Souza
Coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação/UFG

Comitê de Ética em Pesquisa/CEP
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação/PRPPG-UFG, Caixa Postal: 131, Prédio da Reitoria, Piso 1, Campus Samambaia (Campus II) - CEP:74001-970, Goiânia – Goiás, Fone: (55-62) 3521-1215.
Email: cep.prppg.ufg@gmail.com

ANEXO 2

Lei nº 1.594, de 26 de fevereiro de 1997.

[...]
―Cria o Distrito de Pires Belo e dá outras providências‖.
[...]
Artigo 1° - Fica por lei criado o DISTRITO ADMINISTRATIVO DE PIRES BELO, que terá como sede distrital o Povoado de Pires Belo.

Artigo 2° - O Distrito terá uma área administrativa que abrangerá o território encravado dentro dos seguintes limites: ―Começa na confluência do Ribeirão Quebra Chifre com o Rio São Marcos na divisa com o Município de Campo Alegre de Goiás, daí descendo o Rio São Marcos, na sua margem direita, até a barra do Ribeirão São Domingos; daí subindo pelo Ribeirão São Domingos a fora, até sua cabeceira mais alta próxima a BR-050, deste ponto continua pelo espigão em linha reta até a margem esquerda da dita Rodovia Federal, seguindo por esta direção a cidade de Catalão até a altura do entroncamento do antigo traçado da Rodovia BR-050, e por este antigo leito de estrada, até a ponte existente sobre o córrego Água Grande, daí seguindo por este córrego a baixo até a confluência deste com o Ribeirão das Perobas, daí, por este Ribeirão a cima sempre confrontando com o Município de Campo Alegre de Goiás, obedecendo os pontos existentes aquele e o Município de Catalão até a margem direita da BR-050 no trajeto Brasília a Catalão, no lugar conhecido como Morro Redondo, daí atravessa a BR-050 nas cercanias do Morro Redondo, daí ganhando a cabeceira do Ribeirão Quebra Chifre e seguindo por este a baixo até o ponto inicial destes limites ou seja na confluência deste Ribeirão com Rio São Marcos, sempre dividindo com o Município de Campo Alegre de Goiás".

Artigo 3° - Para administração e gerenciamento das ações administrativas do Município no território distrital fica o Distrito dotado de uma Subprefeitura, a ser instalada pelo Chefe do Poder Executivo.

Artigo 4° - Fica Criado no Quadro dos Órgãos de Assessoramento e Direção da Prefeitura, com ‗status' de Secretaria Municipal, o cargo de provimento em comissão de SUBPREFEITO DE PIRES BELO, com 01 (uma) vaga e vencimento básico de R$ 1807,06 (hum mil oitocentos e sete reais e seis centavos), e com gratificação de até 100% (cem por cento) Artigo 5° - As despesas com a implantação da SubPrefeitura, correrão porconta da dotação própria do Município.
[...]. (LEI MUNICIPAL Nº 1.594/1997, grifos da Lei).

ANEXO 3

Lei Complementar nº 04, de 17 de Julho de 1990

(DOE/GO Nº 16 010, 24/07/90)

A ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE GOIÁS decreta e eu sanciono a seguinte lei complementar:

Art. 1º - Lei Complementar nº 2, de 16 de janeiro de 1990, passa a vigorar com a seguinte redação:

"CAPÍTULO I

DA CRIAÇÃO, DA FUSÃO, DO DESMEMBRAMENTO E DA INCORPORAÇÃO DE MUNICÍPIO

Art. 1º - A criação de município far-se-á por lei estadual, que será precedida da comprovação dos requisitos estabelecidos nesta lei complementar e do atendimento das normas do art. 83 da Constituição do Estado de Goiás e do art. 18, § 4º da Constituição da República.

Art. 2º - O processo de criação de município será iniciado por proposta de deputado, acompanhada de representação dirigida à Assembléia Legislativa, assinada por no mínimo, cem eleitores inscritos na área que se deseja desmembrar, com as respectivas firmas reconhecidas.

Art. 3º - A lei de criação de município conterá os seguintes complementos:

I - o nome, que será o da sua sede;

II - os limites municipais definidos, tanto quanto possível, segundo linhas geodésicas, entre pontos bem identificados ou acompanhando acidentes naturais;

III - a configuração do município deverá, na medida do possível obedecer a uma relativa harmonia, evitando-se formas anacrônicas, divisão de comunidades, exagerados estrangulamentos ou alargamentos;

IV - na impossibilidade de estabelecer linhas naturais, será utilizada a linha reta e seca, cujos extremos devem ser pontos facilmente identificáveis;

V - os limites da área urbana definidos na forma do inciso anterior;

VI - o ano de instalação;

VII - o número e o nome dos distritos;

VIII - o número de vereadores que terá a Câmara Municipal na primeira legislatura;

IX - os critérios a serem adotados para fixação de índice de participação do novo município na parcela de ICMS devido ao município de origem correspondente ao Valor Adicional global.

Art. 4º - São requisitos para a criação de municípios, reduzidos 2/3 no caso de municípios de interesse ecológico, turísticos ou de especial interesse econômico, os dos itens, IV, V e VI;:

I - ter condições para instalação da Prefeitura e da Câmara Municipal;

II - apresentar solução de continuidade de, pelo menos, seis quilômetros entre a linha de divisa do novo Município e o perímetro urbano do município de origem;

III - não interromper a continuidade territorial do município de origem;

IV - população de mais de três mil habitantes;

V - número de eleitores acima de um mil;

VI - núcleo urbano constituído de, no mínimo, duzentas edificações, bem como as áreas possíveis de utilização para escola, unidade de saúde, posto telefônico, praça de esporte e cemitério;

VII - arrecadação, no último exercício, superior a dez milésimos por cento da receita estadual de impostos.

§ 1º - Não será permitida a criação de município, quando esta medida importar na perda dos requisitos deste artigo para o município ou municípios de origem.

§ 2º - Os requisitos dos itens II, IV e VI serão apurados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE; o do item V, pelo Cartório Eleitoral, e do item VII, pela Secretaria de Estado da Fazenda.

§ 3º - A Assembléia Legislativa requisitará dos órgãos de que trata o parágrafo anterior as informações pertinentes, as quais deverão ser prestadas no prazo de sessenta dias, a contar da data do recebimento do pedido.

Art. 5º - É permitido o desmembramento e a conseqüente transferência de área de um município para outro, exigida a consulta plebiscitária na área a ser desmembrada.

§ 1º - O processo de incorporação, fusão e desmembramento de área para ser anexada a outro município será iniciado por proposta de deputado, acompanhado de representação assinada por, no mínimo, cinqüenta eleitores inscritos no município, residentes e domiciliados na respectiva área, com as firmas devidamente reconhecidas e mediante declarações destes.

§ 2º - Para a criação de município que resulte de fusão de área territorial integral de dois ou mais municípios, com a extinção destes é dispensada a verificação dos requisitos do art. 4º desta lei complementar, exigindo-se porém a consulta plebiscitária sobre a fusão e sede do novo município.

Art. 6º - Qualquer alteração nos limites entre municípios, sem alteração de área, em virtude de falha técnica ou erro na descrição desses, será efetuada por lei estadual, mediante prévio acordo dos respectivos Prefeitos, autorizados pelas Câmaras Municipais, em forma de resoluções.

Art. 7º - a Assembléia Legislativa determinará a realização de plebiscito na área territorial a ser emancipada ou transferida.

§ 1º - A forma da consulta plebiscitária será regulada pelo Tribunal Regional Eleitoral, respeitados os seguintes preceitos:

I - quorum mínimo, para validade do plebiscito, igual à metade mais um dos eleitores aptos a votar;

II - a cédula oficial conterá a palavras "sim" e "não" para que o votante, indicando uma delas, se manifeste pela aprovação ou rejeição da criação do município ou transferência da área.

§ 2º - Somente será admitida a elaboração de lei que crie município depois de comprovados os requisitos do artigo 4º desta lei complementar e se o resultado do plebiscito tiver sido favorável pelo voto da maioria dos eleitores que comparecerem às urnas.

§ 3º - Não serão criados municípios no ano das eleições municipais.

Art. 8º - No caso de perda, por município já instalado, de qualquer dos requisitos previstos no art. 4º desta lei complementar, a Assembléia Legislativa decretará sua extinção e reincorporação ao município ou municípios de que se originou.

§ 1º - Quadrienalmente, no ano anterior ao das eleições municipais, a Assembléia legislativa requisitará dos organismos competentes, informações que permitam identificar a perda de requisitos, para os fins de que trata este artigo.

§ 2º - Nos municípios já instalados, a primeira verificação do atendimento aos requisitos no art. 4º desta lei complementar, far-se-à após a publicação do recenseamento a ser realizado pelo IBGE no ano 2000.

CAPÍTULO II

DA INSTALAÇÃO DE MUNICÍPIO

Art. 9º- O município criado após a vigência desta lei complementar somente será instalado com a posse do Prefeito, do Vice-Prefeito e dos Vereadores, eleitos em eleições gerais e simultâneas, nos termos do art. 29, inciso I, da Constituição da República

.**Art. 10 -** A legislação do Município de origem prevalecerá no que couber, até que o novo município aprove a sua.

Parágrafo único - No caso de Município resultante de áreas desmembradas de dois ou mais municípios, prevalecerá a legislação daquele da maior renda.

Art. 11 - Os bens públicos municipais, situados no território desmembrado, passarão à propriedade do novo Município na data de sua instalação.

Art. 12 - Os servidores do município de origem, excetuados os ocupantes de cargos em comissão, passarão a integrar a administração do novo município, resguardado o direito de opção, pelo prazo de três meses, a contar da instalação.

Parágrafo único - O município de origem fica exonerado de quaisquer obrigações trabalhistas, em relação aos servidores optantes pelo novo município, operando-se, quanto aos mesmos a sucessão do empregador.

Art. 13 - O território do novo município continuará a ser administrado, até a sua instalação, pelo prefeito do município de que foi desmembrado.

Art. 14 - Enquanto não for instalado o município, a contabilidade de sua receita e despesa será feita em separado, pelos órgãos competentes da prefeitura do Município ou Municípios de que se desmembrou, sendo obrigatória a aplicação, na área desmembrada, de no mínimo oitenta por cento do valor da quota-parte de ICMS distribuída aos mesmos, por força do valor adicionado ocorrido na área emancipada, no prazo e na forma em que forem repassados.

Parágrafo único - Dentro de quinze dias após a instalação do Município, o Prefeito do Município de origem deverá encaminhar àquele cópia dos livros, balanços e balancetes de receita e despesa correspondente ao período a partir da emancipação.

CAPÍTULO III

DA CRIAÇÃO E INSTALAÇÃO DE DISTRITO

Art. 15 - O território do município poderá ser dividido, para fins administrativos, em distritos e as suas circunscrições urbanas classificar-se-ão em cidades e vilas.

Art. 16 - Compete à lei municipal criar distritos.

Art. 17 - São requisitos para à criação de distritos:

I - cem edificações, no mínimo, na sede indicada;

II - população, no território distrital, superior a um mil habitantes.

Art. 18 - A lei de criação conterá, obrigatoriamente, a descrição clara e precisa das respectivas divisas, obedecidas, tanto quanto possível, linhas geodésicas entre pontos definidos ou acidentes naturais.

Art. 19 - A lei municipal poderá determinar forma de representação dos distritos junto à administração do município, respeitadas:

I - a representação parlamentar existente;

II - a escolha dos representantes, através de voto direto, universal e secreto, pela população distrital.

Art. 20 - O distrito será instalado em data marcada pelo Prefeito, em solenidade por este presidida, dentro do prazo de cento e oitenta dias, sob pena de responsabilidade.

Art. 21 - Ficam restabelecidos os processos de números 1.425/87, que cria o Município de Cocalzinho de Goiás; 2.126/85, que cria o Município de Nova Iguaçu de Goiás; e, 1.651/87, que cria o Município de Santo Antônio de Goiás, e convalidados os plebiscitos realizados nas mesmas comunidades."

Art. 22 - Esta lei complementar entra em vigor na data de sua publicação.